CARLOS ALBERTO GONÇALVES-LOPES

(103)

A INTENSIFICAÇÃO NO PORTUGUÊS: O INTENSIFICADOR E SUA EXPRESSÃO

Orientadora: Profª Drª Nilce Sant'Anna Martins

BIBLIOTECA CENTRAL
CONSULTA
SÃO PAULO

À

Epifânia Gonzaga Lopes e

Eliane Andrade Ferreira,

dedico.

AGRADECIMENTOS

- À Professora Nilce Sant'Anna Martins, pela competência, desvelo, cordialidade e cortesia na orientação.

- Aos Professores Antônio Soares Abreu, Dino Preti, Elisa Guimarães Pinto, Flávia de Barros Carone, Guiomar Franganiello Calçada, Leonor Lopes Fávero, Lygia Corrêa Dias de Moraes, Maria Adélia Ferreira Mauro, Maria Aparecida Barbosa, Maria Eugênia Malheiros-Poulet e Valter Kehdi, pelas aulas ministradas, sugestões, empréstimos de material bibliográfico e demais favores concedidos.

- Aos Professores Amaro V. Nunes, Ataliba Teixeira de Castilho, Evanildo Bechara, Gladstone Chaves de Melo e Graça Maria O. S. Rio-Torto, pelos colóquios e entrevistas.

- Aos colegas de magistério e amigos, pelo incentivo e colaboração.

"O homem que encontra a sabedoria e descobre a verdade é um homem feliz! A sabedoria produz muito mais benefícios do que o ouro ou a prata mais finos. Ela vale mais do que pedras preciosas; não existe nada neste mundo que valha tanto quanto ela."

(Salomão, Prov. 3.13-15)

SUMÁRIO

Pág.

INTRODUÇÃO 5

1. A INTENSIFICAÇÃO 9

1.1 A intensificação em confronto com a quantificação 10

1.2 A gradação e a superlativação 12

1.3 A escala gradativa básica 14

1.3.1 Grau superior 17

1.3.2 Grau médio 18

1.3.3 Grau inferior 18

1.4 A escala argumentativa 19

2. AS MODALIDADES DA INTENSIFICAÇÃO 21

2.1 Amplificação 21

2.1.1 Maximal 22

2.1.2 Superlativa (absoluta ou relativa)..... 22

2.2 Atenuação 23

2.2.1 Aproximativa 23

2.2.2 Minimal 24

3. AS FUNÇÕES DA INTENSIFICAÇÃO 25

3.1 Função referencial 27

3.2 Função emotiva 28

3.3 Função persuasiva 30

3.4 Função estética 32

4. O INTENSIFICADOR 35

4.1 O intensificador como revelador do grau 35

4.2 O intensificador como revelador de certos fenômenos lingüísticos além do grau 37

4.3 A questão flexional de certos intensificadores 40

4.4 Critério de classificação dos intensificadores 42

5. A BASE SOBRE A QUAL SE OPERA A INTENSIFICAÇÃO 44

5.1 O papel da base 47

5.2 A morfologia da base 49

5.3 A semântica da base 50

5.4 A função sintática da base 53

5.5 A colocação da base 54

6. OS INTENSIFICADORES POR EXTENSÃO 57

6.1 Lexias simples 58

6.1.1 Substantivos intensivos 58

6.1.1.1 Por transferência de categoria 59

6.1.1.2 Por transferência de sentido.. 59

6.1.2 Adjetivos intensivos 60

6.1.2.1 Por natureza 60

6.1.2.2 Por transferência 62

6.1.3 Verbos intensivos 63

6.1.3.1 Por natureza 63

6.1.3.2 Por transferência 63

6.2 Lexias complexas (fixas ou variáveis) 64

6.2.1 Símiles intensivos 64

6.2.2 Metáforas intensivas 65

6.2.2.1 Por analogia 66

6.2.2.2 Por conseqüência 66

6.3 Gramemas presos 68
6.3.1 Prefixos 68
6.3.1.1 Amplificadores 69
6.3.1.2 Atenuadores 70
6.3.2 Sufixos comparativos 71
6.3.2.1 Aumentativos 74
6.3.2.2 Diminutivos 76
6.3.3 Sufixos superlativos 80
6.3.3.1 Por natureza 80
6.3.3.2 Por transferência 84
6.4 Gramemas livres 85
6.4.1 Intensificadores por natureza 86
6.4.1.1 De grau máximo 88
6.4.1.2 De grau superior-alto 88
6.4.1.3 De grau superior-baixo 89
6.4.1.4 De grau médio-superior 89
6.4.1.5 De grau médio-inferior 90
6.4.1.6 De grau inferior 91
6.4.2 Intensificadores por transferência de sentido 92
6.4.2.1 Artigos 92
6.4.2.2 Pronomes demonstrativos 93
6.4.2.3 Pronomes indefinidos 94
6.4.2.4 Numerais 95
6.4.3 Reforçadores do intensificador 96
6.5 Gramemas supra-segmentais 97
6.5.1 Expressos pelo acento de insistência... 98
6.5.2 Expressos pela frase exclamativa simples sem reforçadores 99

6.6 Construções sintagmáticas enfáticas 100
6.6.1 Por inversão 100
6.6.2 Por inserção de uma expressão enfática. 101
6.6.3 Por repetição 101
6.6.3.1 Contígua 103
6.6.3.2 Não-contígua 103

7. OS INTENSIFICADORES POR RELAÇÃO 105
7.1 Frase comparativa 105
7.1.1 De superioridade (parcial ou total) ... 108
7.1.2 De igualdade 111
7.1.3 De inferioridade (parcial ou total) ... 111
7.2 Frase consecutiva 112
7.3 Frase proporcional 113
7.4 Frase concessiva 113

8. A INTENSIFICAÇÃO DE BASES ADJETIVAS EM "CAMPO GERAL"..... 114

CONSIDERAÇÕES FINAIS 137

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA 141

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa constitui um trabalho teórico e prático acerca da intensificação na língua portuguesa que, por se inserir na espécie ensaística da dissertação, está lastreada numa ampla coleta de dados e na interpretação, seleção e ordenação dos mesmos. Isso explica o fato de não termos perseguido o alvo da originalidade e do aprofundamento que se exige em trabalhos de nível mais elevado.

Motivaram-na um seminário sobre grau em português e dois ensaios realizados no decorrer do nosso curso de pós-graduação, sendo o primeiro sobre a estilística da repetição e o segundo sobre quantificação e intensificação. Por outro lado, tais estudos nos despertaram o interesse pelo assunto, não só em virtude de termos notado a alta freqüência e diversidade de intensificadores existentes em todos os níveis do sistema lingüístico, como também pelo elevado grau de expressividade transmitido pelos mesmos.

Assim sendo, a pesquisa visou a alcançar, basicamente, os seguintes objetivos:

a) Estabelecer os limites entre a intensificação e a quantificação objetivando não só evitar equívocos tão freqüentes entre uma coisa e outra, como também fixar o campo de abrangência da pesquisa.

b) Conceituar o grau como um taxema portador de características próprias, não susceptível de se identificar com a intensificação ou com a superlativação, e situá-lo na

c) Diferenciar a escala gradativa da escala argumentativa, procurando mostrar que a segunda escala não aparece sozinha.

d) Apresentar as modalidades da intensificação, fazendo ver que a ênfase não se insere no rol dessas modalidades exatamente por funcionar especificamente como reforço da intensificação ou como destaque de uma noção.

e) Fixar a função básica da intensificação, distinguindo-a das funções subsidiárias, de natureza eminentemente estilística.

f) Caracterizar o intensificador como um marcador da intensidade e fazer um estudo específico sobre a natureza de seu mecanismo, demonstrando que ele pode ser não só revelador do grau como também de certos fenômenos lingüísticos.

g) Identificar as categorias léxicas que servem de base, e o papel que desempenham, no processo intensificacional.

h) Apresentar uma proposta de classificação coerente e abrangente para os intensificadores a partir de sugestões colhidas nas fontes bibliográficas consultadas.

i) Tomar, na aplicação da teoria no "corpus" escolhido, a base adjetival como parâmetro, em seu aspecto morfológico, semântico e sintático; e verificar como a intensificação se processa nela, fazendo, sempre que possível, um comentário de natureza estilística.

Abrangendo oito capítulos, esta dissertação pretende oferecer uma visão panorâmica, sistemática e coerente sobre um assunto que, apesar de muito estudado, conforme pode-se constatar lendo a vasta bibliografia listada, não

considerarmos que as gramáticas e os livros didáticos tocam apenas superficialmente no assunto ou, quando vão um pouco mais além, deixam de ventilar pontos relevantes da questão. O fato é que, apesar de haver bons e variados trabalhos sobre a intensificação em nossa língua, este se distancia dos demais pelo enfoque, extensão e aplicação que desejamos dar. Quanto a isso, podemos dizer que ele é original. Mas não isenta o estudioso de consultar outras obras congêneres a fim de que se possa ter um domínio melhor da intensificação em português.

Não cremos ter esgotado o assunto. Apesar disso, acreditamos na possibilidade de alguém, mais adiante, trilhando pelo mesmo caminho, aprofundar alguns tópicos desenvolvidos aqui e, com isso, aprefeiçoá-los.

Sobre a importância do tema desenvolvido, parece ser inegável a sua utilidade em termos de contribuição para o ensino do vernáculo em seus diversos níveis, principalmente se considerarmos as contradições e limitações sobre o estudo do grau existentes em nossos livros didáticos em virtude, sobretudo, do transplante do modelo gramatical greco-latino para a língua portuguesa. Além disso, não se pode minimizar a importância da intensificação para os estudos lingüísticos, não só pela alta freqüência de intensificadores encontrados nos atos da fala como também pela função moduladora que ela desempenha.

Tomamos como "corpus" a obra CAMPO GERAL, de João Guimarães Rosa, pela riqueza que encontramos nela de recursos intensificadores e também pelo fato de o autor ter se inspirado na linguagem sertaneja mineira, onde vamos encontrar uma expressividade e originalidade

racterizar e marcar a fala de seus personagens. Isso nos deixa muito à vontade, exatamente por seguirmos a orientação de Charles Bally, mentor da Estilística da língua, a qual se preocupa pela descrição do sistema expressivo da língua falada, uma língua que, para ele, era viva e espontânea.

Em síntese, traçando um perfil da nossa pesquisa, começamos por estudar a intensificação, suas modalidades e funções. Prosseguindo, passamos para uma apreciação mais detida acerca da natureza do intensificador e da base sobre a qual o intensificador opera a intensificação. Logo depois, apresentamos uma classificação ampla dos intensificadores para, finalmente, aplicar, a teoria exposta, na obra rosiana.

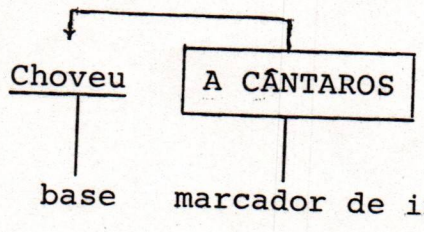
1. A INTENSIFICAÇÃO

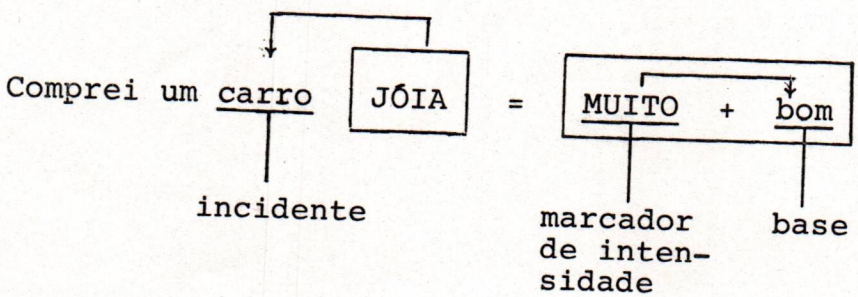
Entendemos por intensificação um conjunto de processos lingüísticos aplicáveis ao domínio sêmico do contínuo que permite aumentar, diminuir ou manter numa posição medial a intensidade de uma noção, mediante um relacionamento explícito ou não entre uma base (modificado) e um marcador de intensidade (modificador).

No primeiro caso (havendo um relacionamento explícito) o mercador de intensidade não aparece integrado na base e pode ser literal (Ele é muito gordo. Ele é gordíssimo) ou metafórico (Choveu a cântaros = Choveu muito).

No segundo caso (não havendo um relacionamento explícito) o marcador de intensidade aparece integrado na base e pode também ser literal (Comprei um carro enorme = Comprei um carro muito grande) ou metafórico (Comprei um carro jóia = Comprei um carro muito bom).

Esquematizando os exemplos metafóricos do primeiro e do segundo caso, para ficar mais claro, teríamos:





1.1 A intensificação em confronto com a quantificação. A noção de quantificação foi amplamente desenvolvida por POTTIER (1973) para quem a intensificação é uma das formulações quantitativas e, por isso, pertence à área de abrangência da quantificação.

A quantificação nada mais é, então, do que o processo lingüístico através do qual se pode expressar a noção semântica de quantidade, servindo-lhe de veículo os quantificadores. Estes, são signos que atualizam outros indicando-lhes a quantidade não só em termos de unidades descontínuas como também em termos de unidades contínuas não contáveis.

POTTIER (1978) apresenta uma classificação para a formulação quantitativa segundo a qual ela pode ser por confronto, caracterizada pelos processos de identificação ou de distinção coordenativa e comparativa de igualdade/desigualdade; e por extensão, que se bifurca em quantificação interna (ou intensidade) e quantificação externa (ou multiplicidade).

A quantificação interna compreende uma variada gama de processos intensificadores objetivos ou subjetivos.

A quantificação externa compreende o não-número (Ele não tem caneta), o dual (Ambos pés estão doentes), o coletivo (O colegiado está em reunião), o genérico (Bebemos vinho), os numerais (Comprei três carros. Ele é tricampeão) e os quantitativos (pronomes indefinidos).

Pelo exposto percebe-se logo que a intensificação se insere na quantificação interna. Todavia, para evitar equívocos, e por razões metodológicas, sempre que empregarmos, doravante, o termo quantificação, estaremos nos referindo apenas à quantificação não-intensiva, isto é, à quantificação externa.

entre a quantificação e a intensificação a partir do confronto dos seguintes exemplos:

(1) Marcos tem muita saudade.

(2) Marcos come muito açúcar.

(3) Marcos comprou muitos cachorros.

Na frase (1) o elemento modificado (saudade) possue os semas |contínuo|, |singular|, |não-enumerável| e |não-material|. Por conseguinte temos aqui um exemplo típico de intensificação.

Na frase (2) o elemento modificado (açúcar) possue os semas |contínuo|, |singular| e |não-enumerável|. Apesar de faltar o sema |não-material|, o enunciado mesmo assim é portador de um marcador de intensidade, embora se admita haver quantificação, se considerarmos a possibilidade de se mensurar o açúcar:

(4) Marcos come muito açúcar, pois já ingeriu 200 g numa só refeição.

Nesse caso é difícil estabelecer um limite entre um quantificador e um intensivo, pois o elemento modificado passa a ser mensurável, o que faz aproximar esse caso de intensificação da quantificação.

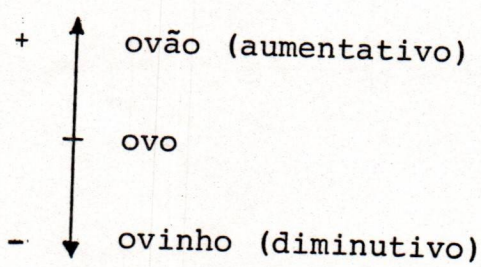
Na frase (3) o elemento modificado (cachorros) possui os semas |descontínuo|, |plural| e |enumerável|. Por essas características, há aqui um exemplo de quantificação.

Isso nos leva a afirmar que a diferença, pois, entre a intensificação e a quantificação está nos semas da base

os semas da base são |contínuo|, |singular| e |não-enumerável|, enquanto na quantificação eles são |descontínuo|, |plural| e |enumerável|. Como se percebe, na intensificação temos a unicidade, enquanto que na quantificação temos, com exceção do numeral um, a multiplicidade.

Podemos dizer ainda que a intensificação, por possuir características intrínsecas (em si) aproxima-se do abstrato e é mais subjetivo, enquanto que a quantificação, por possuir características extrínsecas (fora de si) aproxima-se do concreto e é mais objetiva. Uma está no domínio nocional, enquanto a outra está no domínio dimensional e numérico da quantidade.

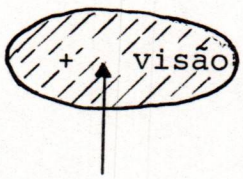
1.2 A gradação e a superlativação. A noção de grau ou de gradação que a gramática tradicional tem passado é responsável por uma série de equívocos e até por contradições, como é o caso de se considerar o superlativo absoluto sintético como sendo um grau. Isso ocorre por não se levar em conta a visão do locutor, que pode ser relativa ou global, segundo teoria exposta por MALHEIROS-POULET (1986, p. 25). Para ela, "na visão relativa o locutor situa a sua apreciação numa escala de valores, onde a gradação desta apreciação varia desde o mais alto até o mais baixo grau, passando pelo grau normal:



e dois polos (o pólo positivo e o pólo negativo) situados numa escala de valores, sendo o grau nada mais do que um ponto dessa escala. Disso tudo se deduz que há uma interdependência entre os pontos dessa escala e, também, que um grau só existe em relação com os outros.

"Na visão global o locutor situa sua apreciação no mais alto grau e percebe-a de maneira mais subjetiva.

"A intensidade da apreciação é percebida em si e a escala de valores só serve como negação dela mesma:



(p. 25).

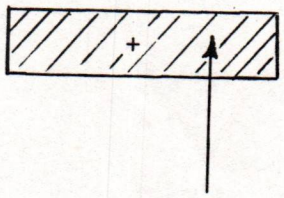
Mais adiante, a mesma autora, tecendo considerações sobre o termo <u>amigo</u> no aumentativo e diminutivo, respectivamente, diz que "<u>em amigão</u> não há uma intenção de comparação com <u>amiguinho</u>. Nesse exemplo é o grau de amizade que é posto em evidência" (p. 25-26).

De fato, o emprego de <u>amigão</u> por <u>amigo</u> não conota dimensão mais sim intimidade, em tom de brincadeira, através da qual se expressa o afeto.

Em síntese, o que se pode afirmar é que a superlativação está para o ápice de uma torre ou pirâmide assim como a gradação está para uma escala termométrica. No primeiro caso temos apenas um ponto proeminente que se destaca, enquanto que no segundo caso temos toda uma escala graduada na qual um ponto dela (o grau) vale pela sua relação com os demais pontos. Tal conclusão já é suficiente para adiantarmos, levando

a esmagadora maioria deles não são gradativos mas sim superlativos.

Por outro lado, fica claro que o superlativo absoluto sintético da tradição gramatical não se constitui num grau, exatamente por não se relacionar com outros pontos de uma escala que com ele se possam comparar ou estabelecer um vínculo. O que ele é, sem dúvida, é um intensificador não graduável. De fato, se alguém diz que o dia hoje está quentíssimo, apenas situa num ponto elevado a intensidade desse calor, mas por falta de outros referenciais com os quais esse ponto possa se relacionar para ser comparado, fica impossível estabelecer com precisão o grau da sua apreciação:



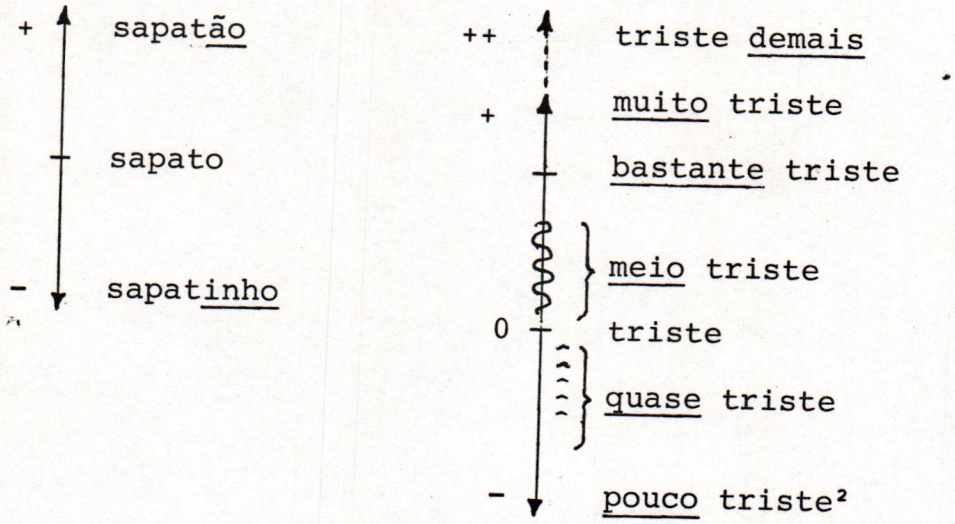
quentíssimo

Fazendo um paralelo, pode-se, então, dizer que o grau está para a intensificação assim como o número está para a quantificação, "stricto sensu".

1.3 A escala gradativa básica. Não se pode falar da escala gradativa sem mencionar os termos gradação e grau, que com ela estão intimamente associados, razão pela qual começaremos por conceituá-los antes de apresentar tal escala.

Por gradação entendemos o conjunto de graus de uma escala gradativa que poderá ser constituída de muitos ou de poucos graus, a depender da complexidade dela, sendo o grau um ponto apenas dessa escala. E o grau, lingüisticamente fa-

lando, seria um taxema[1] que tem por função básica informar (tomando como referencial uma escala graduada) a variação em intensidade ou dimensão, para mais ou para menos, de uma base nominal ou verbal modificada por ela:



Estando localizada no âmbito da intensificação, segundo RIO-TORTO (1987) "a expressão da categoria de grau manifesta-se sob a forma de uma escala gradativa que compreende valores negativos (...), valores positivos (...) e um grau zero, aparentemente não marcado quanto à existência de intensidade" (p. 88).

A expressão "grau zero", todavia, que se aplica a uma representação lexemática não modulada explicitamente e que pretende substituir as de "grau positivo" e as de "grau normal" não parece ser também a mais adequada, pela inexistência de uma neutralidade absoluta. Preferimos, portanto, a

---

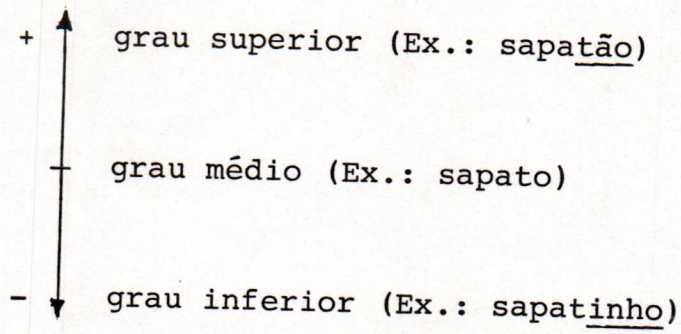
(1) A denominação taxema é empregada por POTTIER (1978, p. 68), para designar um "conjunto-em-funcionamento" de signos do tipo lexema ou gramema, sendo cada elemento do conjunto um taxe.

(2) Representamos aqui o em

expressão "grau médio", que melhor traduz a natureza "fluidia" da zona medial da escala.

Dirigindo agora a nossa atenção para a escala gradativa, diremos ser ela constituída de graus, dispostos numa ordenação hierárquica de valores, intimamente ligada ao sistema da língua, com dois pólos (positivo e negativo) a fim de situar o grau de intensidade intrínseco ao objeto apreciado. Ela se relaciona, portanto, ao sistema de intensificação da língua.

Em português, a escala gradativa básica é constituída de três graus para os quais propomos a denominação de grau superior, grau médio e grau inferior:

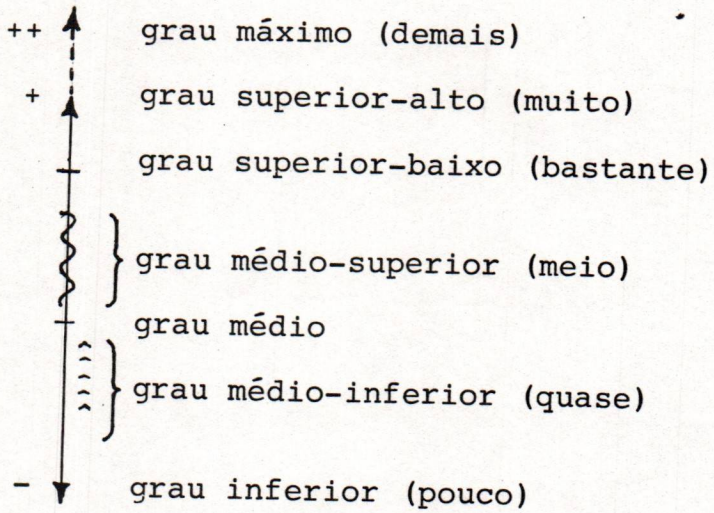


MOTTA (1927), percebendo a exposição confusa e incoerente da noção de grau encontrada em nossas gramáticas, foi quem primeiro propôs uma simplificação e uma sistematização coerente do grau em português. Para ele, "os graus dos adjetivos qualificativos são os mesmos do substantivo, com o qual ele concorda em número, gênero e grau[3]: a saber - positivo ou normal, aumentativo e diminutivo" (p. 37). E, mais

---

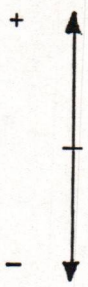
(3) Sobre a concordância em grau faltou a MOTTA (1927) a percepção que teve CÂMARA Jr. (1972) para identificar o grau como um caso de derivação e não de flexão. A esse res-

adiante, conclui: "Não haverá espírito liberto, despreve-nido, que não suspire por essa simplificação" (p. 33). Dessa forma ele admite haver em português apenas três graus. Toda-via, isso não significa dizer que a escala gradativa não pos-sa ser ampliada, admitindo o seguinte desdobramento:



Cabe observar ainda que os valores expressos pela escala gradativa não podem ser negados, por estarem intima-mente ligados ao sistema da língua. Outrossim, "o processo de intensificação é feito de acordo com parâmetros ligados à ex-periência de cada um, que são as competências sócio-culturais e as competências psíquicas do locutor (emotividade, motiva-ção diante do objeto apreciado etc.). Estes parâmetros per-mitem estabelecer escalas de valores com dois pólos (positivo e negativo) a fim de situar o grau de intensidade, intrínseco ao objeto apreciado" (MALHEIROS-POULET, 1990, p. 499).

1.3.1 <u>Grau superior</u>. É aquele que está situado na posição superior da escala e que traduz uma noção de au-mento. Ex.: Ele ganhou um <u>bolão</u>.



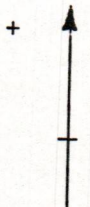
bolão

1.3.2 Grau médio. É aquele que está situado na posição média da escala e que se opõe ao grau superior e ao grau inferior dos pólos da escala. Ex.: Ele ganhou uma bola.

bola

A simples ausência de morfemas marcadores da intensificação, porém, não significa dizer necessariamente que a base esteja no grau médio. SANDMANN (1991, p. 36) citando a palavra carro diz que "a ausência de -ão (carrão) ou -inho (carrinho) não é significativa, isto é, não significa necessariamente grau normal ou "carro que não é grande ou pequeno". Isso ocorreu pela facultatividade do morfema de grau.

1.3.3 Grau inferior. É aquele que está situado na posição inferior da escala e que traduz uma noção de diminuição. Ex.: Ele ganhou uma bolinha.



1.4 <u>A escala argumentativa</u>. A escala argumentativa é aquela que, ao contrário da escala gradativa, está ligada ao discurso, à intenção argumentativa do locutor, à interpretação do destinatário, a uma situação de enunciação. E é exatamente por isso que ela é não só relativa como também subjetiva.

Quando o médico, para persuadir o paciente a se submeter a uma cirurgia diz que vai doer pouco ou que não vai doer nada, ele está empregando uma escala argumentativa. O mesmo ocorre quando digo que estou muito cansado, para dissuadir alguém da intenção de me convidar para sair ou para ir ao cinema, por exemplo. O certo é que nós dizemos além daquilo que expressamos em nossos enunciados, razão pela qual o sentido do nosso discurso só é captado quando o destinatário compreende o sentido daquilo que estamos querendo dizer, isto é, quando o destinatário apreende as nossas intenções.

Mas se faz necessário deixar claro também que a escala argumentativa não aparece sozinha. Ela vem acompanhada da escala gradativa, pois "todos os atos de enunciação que contém uma expressão de intensidade possuem, além da função gradativa, uma função argumentativa" (MALHEIROS-POULET, 1990, p. 490).

"Esta função argumentativa tem por finalidade levar o destinatário a uma certa conclusão, isto é, conduzi-lo a aderir à apreciação do locutor" (p. 499).

Em outro lugar, a mesma autora observa que "la mise en rapport de l'échelle de valeurs (liée aux intensifs) et de l'échelle argumentative (liée aux intentions du locuteur) montre que, lorsqu'une appréciation est intensifiée (en situation d'énonciation) il y a un choix dans l'orientation de la gradation: dire muito bonito

vers la zone positive de l'échelle de valeurs" (MALHEIROS-POULET, 1984, p. 22-23).

Do exposto não resta dúvida sobre o fato de que na escala argumentativa entra tanto o componente lingüístico quanto o componente retórico, constituindo o ato de argumentar na escolha do componente lingüístico aplicado ao retórico, que, por sua vez, recebe a influência do contexto ou das condições de emprego.

2. AS MODALIDADES DA INTENSIFICAÇÃO

Há fundamentalmente duas modalidades da intensificação que são a amplificação e a atenuação, sendo a mais estudada delas a amplificação.

Quanto à amplificação, ela subdivide-se em amplificação maximal e em amplificação superlativa, podendo, a amplificação superlativa, ser absoluta ou relativa.

Quanto à atenuação, ela pode ser aproximativa ou minimal.

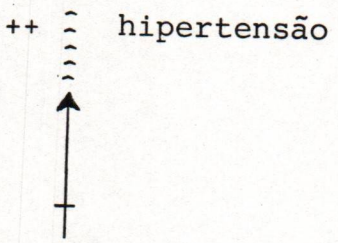
Dessa forma, a ênfase não se constitui numa modalidade de intensificação, como pode parecer para alguns. Tratar-se-ia de um destaque (É ela que viajará e não você) ou de reforço (Ela é bonita e também talentosa). No primeiro caso destacou-se "ela", sem intensificar. Já, no segundo caso, além do destaque, houve o reforço da intensificação mediante o enfatizador "também".

Para POTTIER (1975, p. 48) "el énfasis consiste en dar más positividad (++) a un elemento del enunciado". Nesse caso, a ênfase seria apenas um reforçador capaz de transformar uma amplificação superlativa numa amplificação maximal.

Posição semelhante tem LOFFLER-LAVRIAN (1975, p. 92) quando diz que "a ênfase se caracteriza pelo uso de intensivos, de processos de reforço destinados a colocar em destaque um ou vários elementos de um enunciado, de processos de exageração ou de acentuação — nos níveis lexical, sintático, morfológico e tático — visando a aumentar o valor ou o impacto afetivo de um enunciado".

cação que permite aumentar a intensidade, direcionando-a para cima mediante amplificadores que expressam uma visão relativa ou absoluta. Ex.: Estou bastante cansado. Estou muito cansado. Estou supercansado.

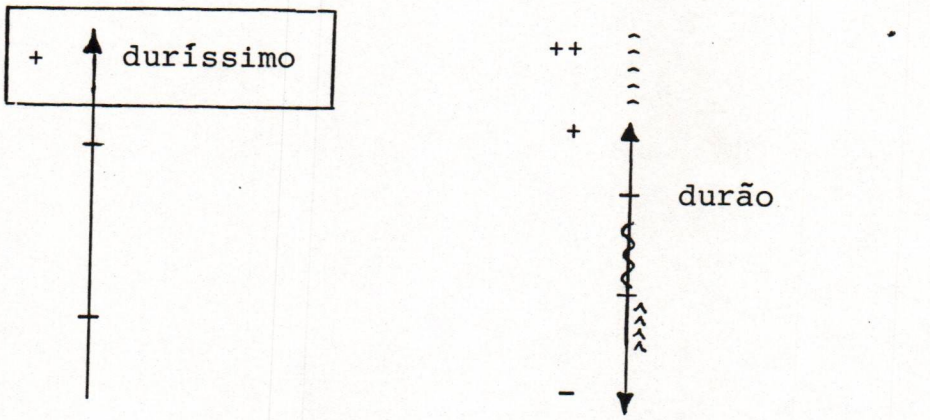
2.1.1 Maximal. Amplificação maximal é aquela que expressa um nível excessivo de intensidade que ultrapassa os limites da escala gradativa e cujo amplificador pode ser parafraseado por "excessivo", "excessivamente", "muitíssimo" etc. Ex.: hipertensão (= tensão excessiva):



2.1.2 Superlativa (absoluta ou relativa). Amplificação superlativa é aquela que expressa um nível de intensidade elevado, podendo ser absoluta, se o nível da intensificação estiver situado no ápice de uma "torre" ou no ápice de uma escala gradativa; ou relativa, se o nível da intensificação estiver situado um pouco abaixo do ápice da escala gradativa. No primeiro caso o amplificador pode ser parafraseado por "muito", como é o caso de duríssimo (= muito duro). No segundo caso, o amplificador pode ser parafraseado por "bastante" (que pode vir acompanhado de conotações subjetivas atualizáveis contextualmente), como é o caso de durão (= bastante duro). Sobre essa distinção ver RIO-TORTO (1987, p. 108), que situa o sufixo -ão no nível gradativo imediatamente inferior ao do sufixo -íssimo, considerando que "ao caráter

contrapõe-se o carácter relativo de avaliação subjacente a -ão".

Graficamente, teríamos os seguintes esquemas elucidativos:

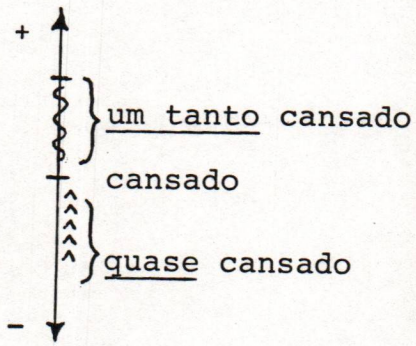


Outrossim, convém observar, em relação a durão e duríssimo, que, além da diferença de grau, tanto -ÃO quanto -ÍSSIMO podem apresentar diferenças conotativas, encontráveis na linguagem familiar.

Podemos comprovar isso nos exemplos "Comprei um metal duríssimo", onde vamos encontrar uma intensificação nocional, com duríssimo significando muitíssimo duro; e "Ele é um homem durão", onde vamos encontrar uma intensificação afetiva, ou axiológica, de cunho moral, com durão significando inflexível, rigoroso, seco.

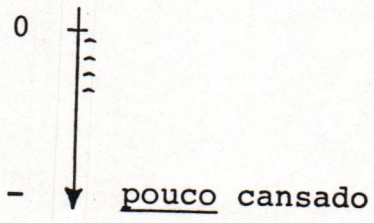
2.2 **Atenuação**. É uma modalidade de intensificação que permite diminuir a intensidade ou direcioná-la para baixo, mediante atenuadores que expressam uma visão relativa. Ex.: Estou um tanto estafado. Estou mais ou menos estafado. Estou quase estafado. Estou pouco estafado.

quela que expressa um grau de intensidade médio situado na zona medial "fluidia" da escala gradativa em que os graus não são indicados com precisão e cujo atenuador pode ser parafraseado por "um tanto" (em se tratando de uma aproximação de grau médio-superior), e "quase" (em se tratando de uma aproximação de grau médio-inferior):



RIO-TORTO (1987, p. 106) faz referência à possibilidade de atenuação através do sufixo -inho, como ocorre em bonitinho (= um pouco bonito). Outro exemplo seria melhorzinho, significando "um tanto melhor" em "Ele passa melhorzinho".

2.2.2 Minimal. Atenuação minimal é aquela que expressa um grau de intensidade mínimo situado no extremo inferior da escala gradativa:



3. AS FUNÇÕES DA INTENSIFICAÇÃO

A intensificação pode desempenhar várias funções, sendo a sua função básica, de caráter denotativo, a função referencial, isto é, a de intensificar uma noção. Subsidiariamente, a intensificação admite outras funções, de caráter conotativo, o que irá depender de fatores contextuais, da situação da enunciação, da intenção do falante da língua etc., funções estas que podem ser emotiva, persuasiva e estética, das quais trataremos no desenvolvimento deste capítulo.

Pelo fato de a Estilística se interessar pelo conotativo e pelas manifestações afetivas da linguagem, sempre que mudarmos o nosso enfoque denotativo para o enfoque conotativo estaremos entrando no terreno da Estilística. Cabe observar, contudo, que as funções nunca se manifestam em compartimentos estanques, independente uma das outras, mas quase sempre superpostas, apesar de uma função poder se destacar sobre a outra como, por exemplo, em garotinho, acompanhado do intensificador (-inho), que, além de denotar tamanho (função gradativa) conota sobretudo carinho (função emotiva), constituindo tal fenômeno objeto de atenção da Estilística se considerarmos que "la stylistique étudie donc les faits d'expression du langage organisé au point de vue de leur contenu affectif, c'est-à-dire l'expression des faits de la sensibilité par le langage et l'action des faits de langage sur la sensibilité" (BALLY, 1951, p. 16).

O certo é que, conforme CRESSOT (1980, p. 13), "a comunicação pode ser objectiva, puramente intelectual, limi-

te, porém, acrescenta-se-lhe uma intenção, um desejo de impressionar o destinatário". E é exatamente essa intenção do usuário da língua, de natureza psicológica, que irá determinar as funções não denotativas da intensificação as quais se atualizam num determinado contexto, inclusive social, como muito bem ressaltou COSERIU (1982, p. 125) ao afirmar que "o valor subjetivo é sempre um valor contextual, uma acepção que se realiza na designação concreta, e não um valor opositivo de língua, um significado".

Quem reconheceu isso muito bem foi NÁÑEZ FERNÁNDEZ (1973, p. 32), para quem a intencionalidade é "el alma del signo, y hasta tal punto que según sea ella así es el signo; de tal manera que si escuchando cinco personas a otra cada una de ellas tuviese distinta intencionalidad, habría seis signos distintos: una entendería algo meramente conceptual, otra un insulto etc.". Mas adiante cita a ironia como um exemplo de signo de natureza superlativa cujo sentido foi modificado pela intencionalidade e conclui: "Por conseguinte, decir que la ironía consiste en un cambio de sentido no es más que constatar um hecho; pero decir que es debido a la intencionalidad, es ya explicarlo" (p. 34).

Estabelecendo-se um divisor de águas entre o denotativo e o conotativo, podemos dizer que o denotativo pertence à gramática enquanto o conotativo pertence à estilística, que vai se ocupar do estudo das escolhas que o usuário da língua pode fazer entre duas ou mais opções possíveis no sistema, reveladoras de uma intencionalidade. Dessa forma, "o papel da estilística é depreender todos os processos lingüísticos que permitem as funções da manifestação psíquica e apelo dentro da linguagem intelectiva" (CÂMARA Jr., 1971, p. 20).

portanto, duas funções principais do intensificador que seriam as funções representativa (de natureza gramatical) e afetiva (de natureza estilística). A primeira estaria centrada no referente, enquanto a segunda, desobrável em função emotiva e em função persuasiva, estaria centrada no emissor e receptor, respectivamente.

Além das funções acima, acrescentaríamos ainda a função estética, centrada na mensagem, o que nos remete para a proposta de JAKOBSON (1971, p. 123 ss.), que associa o esquema de comunicação lingüística às funções da linguagem.

MALHEIROS-POULET (1984, p. 95-96), tratando dessa questão, adverte que o intensificador fornece não somente uma noção de grau (função denotativa) como também informações sobre o estado emocional do locutor (função conotativa), o que caracteriza o intensificador como sendo de natureza híbrida.

3.1 **Função referencial**. É aquela, de natureza intelectiva, que está centrada no referente e que consiste em funcionar como marcador dimensivo ou intensivo. Ex.: Ele está muito molhado.

Em relação aos diminutivos, observa MARTINS (1972, p. 97) que é difícil a idéia de pequenez aparecer sozinha, já que o que é pequeno geralmente desperta um sentimento de simpatia, carinho, comiseração, desdém ou irreverência. Outrossim, por ser raro o diminutivo traduzir uma idéia exclusivamente de tamanho reduzido, "cuando el sentido central es realmente el de disminuición, se suele insistir em la idea de pequeñez con otros recursos (una cajita pequeña, ..., etc.)" (ALONSO, 1967, p. 163).

A função gradativa, por expressar dimensão (dedão)

discurso, e pela sua modulação, o que tem a ver com a isotopia intensiva, assunto amplamente examinado por MALHEIROS-POULET (1984, p. 153 ss.) segundo a qual "la notion d'intensité établit une certaine cohérence syntagmatique grâce à la récurrence d'unités intensives d'expression et/ou de contenu. C'est-à-dire, grâce à la redondance de l'emploi des opérateurs d'intensité à tous les niveaux linguistiques et extralinguistiques (...)".

Se considerarmos ser difícil encontrar um discurso totalmente neutro, vazio de intenções subjacentes, torna-se praticamente impossível termos um intensificador desempenhando apenas a função referencial, pois ele acrescenta ao enunciado no qual vem inserido, "une orientation argumentative qui sert, non seulement à informer le destinataire du degré d'appréciation du locuteur, mais aussi à le persuader, à le convaincre" (MALHEIROS-POULET, 1984, p. 222).

3.2 **Função emotiva**. É aquela, de natureza afetiva, que está centrada no emissor e que consiste em expressar os estados emocionais positivos (carinho, ternura, simpatia, piedade, delicadeza, modéstia, valorização etc.) ou negativos (dezprezo, desdém, depreciação, brutalidade, insignificância, irritação, insulto, disformidade etc.) do locutor. Ex.: Aqui mora o meu paizinho (= Pai querido). Nesse caso, o pai não precisa ser necessariamente pequeno. A esse respeito, observa COSERIU (1980, p. 65) que "se nos textos o diminutivo tem valor afetivo, carinhoso, irônico etc., não significa necessariamente uma diminuição real do objeto designado. (...). O diminutivo professorinho/professorzinho não implica necessariamente a baixa estatura do professor em ques-

dotado por exemplo, pela sua mãe, a sua mulher ou a sua amada". E posteriormente acrescenta: "Mas a diminuição objetiva fica, por assim dizer, suspensa, e é substituída por uma diminuição subjetiva, quando as coisas são apresentadas com intenção como menores do que realmente o são, ..." (p. 65). De fato, "é preciso observar que a expressão do apreço ou desapreço mediante os sufixos de diminutivo está em geral na dependência de fatores contextuais. Assim, timinho pode ser apreciativo depois que meu time ganhou, porém depreciativo depois que ele perdeu" (SANDMANN, 1989b, p. 569). É exatamente por isso que "o aspecto meliorativo ou pejorativo muitas vezes só se depreende do contexto ou da situação, o que faz parte do lado pragmático da linguagem...". (SANDMANN, 1988, p. 40).

Pela sua riqueza expressiva, o diminutivo merece destaque dentre os intensificadores, fato esse que motivou a realização de pesquisas específicas feitas por SKORGE (1957), ALONSO (1967), NÁÑEZ FERNÁNDEZ (1973) e CARVALHO (1976). Este último, depois de realizar uma dissertação sobre o assunto, conclui reconhecendo que "é a função emotiva, e não a função empequenecedora, a predominante nos diminutivos da língua portuguesa" (p. 95). Dessa forma, o diminutivo se destaca dentre os intensificadores que exercem no discurso a função emotiva, sendo essa função emotiva tão típica dos diminutivos que é a afetividade "que determina o diminutivo, que impõe a redução dos volumes..." (BARROS, 1985, p. 195) e não o contrário, como se pode pensar. Esse é também o ponto de vista de ALONSO (1967, p. 161) para quem "la vieja idea de que de la significación empequeñecedora se ha derivado la afectiva - ya que los objetos chicos

sentimientos de protección y ternura o de desconsideración y menosprecio — va siendo rechazada cada vez con más seguridad". Em seguida, o mesmo autor conclui: "El diminutivo, más bien, era el signo de un afecto" (p. 161).

Mas apesar de os diminutivos sobrepujarem dentre os intensificadores que exercem predominantemente a função emotiva não se pode ignorar, conforme observa OLIVEIRA (1962, p. VIII), que a superlativação "é especialmente afetiva. A noção do mais alto grau atingido por uma qualidade, uma acção, um modo de ser, é com dificuldade puramente objectiva. A sua característica permanente é a intensidade: intensidade da qualidade em si, da visão do observador, da transmissão a outrem". Essa é também a opinião de PINILLA (1979, p. 23), segundo a qual "a noção de intensidade, aspecto quantitativo da linguagem, é muito elástica. O espírito tende a exagerar a expressão do pensamento; esta exageração, subjetiva na sua origem, tem um caráter nitidamente afetivo".

3.3 **Função persuasiva**. É aquela, de natureza argumentativa, que está centrada no receptor e que consiste em atuar sobre o destinatário de forma a convencê-lo a tomar certa posição ou atitude; enfim, a aderir ao sistema de valores do locutor. Ex.: Viajar é superbom, muito bom, prá lá de bom, bom até demais.

Por considerarmos a argumentação como sendo o uso da linguagem para provocar uma mudança de comportamento, ela entraria aqui como um processo para se atingir a função persuasiva. Argumentar é organizar o discurso de tal maneira que consiga atingir o alvo de convencer o outro.

MALHEIRO POULET (1980, p. 4) diz que "a argumentação é uma atividade discursiva que tem como objetivo básico influenciar o comportamento do outro, fazendo-o crer ou fazer algo". Para isso, o locutor lança mão de uma série de recursos, dentre os quais os intensificadores.

função persuasiva[1] diz que ela "tem por finalidade levar o destinatário a uma certa conclusão, isto é, conduzi-lo a aderir à apreciação do locutor".

Por serem, os intensificadores, argumentativos por excelência, a publicidade usa e abusa de tais recursos não só para persuadir o público a aceitar o seu sistema de valores como também para que compre o produto anunciado. A esse respeito LOFFLER-LAURIAN (1975, p. 94) observa que "os Emissores acabam por fazer o público interessar-se por uma matéria que ele não escolheu, acabam por cativá-lo por meio de temas com os quais não mantinha à primeira vista nenhuma relação. Isto porque se utilizam de meios próprios para este efeito".

Lendo ALONSO (1967, p. 175), MARTINS (1972, p. 97 ss.) e BARROS (1985, p. 196) podemos constatar que a função persuasiva muitas vezes está intimamente relacionada com a função emotiva. Essa é também a conclusão a que chegou MALHEIROS-POULET (1984, p. 222), senão vejamos: "Nous avons mis en relief le double caractère de l'opérateur x^2 en choisissant des textes où prédominait soit l'affectivité, soit l'argumentation. Ces deux traits (présentés ensemble ou isolement) son partie intégrante du sémantisme des intensifs".

Um bom exemplo do exposto acima está na fábula "As duas cachorras" de LOBATO (1990, p. 37) na qual encontramos o emprego da linguagem afetiva para persuadir:

---

(1) Malheiros-Poulet prefere denominar a função persuasiva pelo nome de função argumentativa. Achamos, contudo, ser a argumentação apenas um processo mediante o qual alguém persuade outrem.

(2) Por "opérateur x" a autora

> — A dificuldade, Emília, está em conhecermos quem é o mau. Eles sabem disfarçar-se. Apresentam-se como essa cachorra, todos cheios de diminutivos — um "cantinho", uma "comidinha", um "dinheirinho...". E como havemos de advinhar que isso é um disfarce, um preparo de terreno?
>
> — Como? — disse Emília. É boa!... Pelo diminutivo. Assim que um freguês vier com "inhos", é a gente ir pegando no pau e lascando...

SANDMANN (1989b, p. 569), que prefere empregar a designação função apelativa por função persuasiva, diz ser característica básica de tal função a de expressar abrandamento e cita o seguinte exemplo: "Daria para esperar um minutinho só?" Nesse caso ele considera como sendo função típica do diminutivo a de abrandar a espera.

Ocorre que o abrandamento, assim como a atenuação ou suavização das bases que veiculam sentido indelicado, grosseiro e vulgar é próprio da função emotiva também, havendo nesses casos superposição de pelo menos duas funções (a emotiva e a persuasiva).

Por outro lado, o apelo é apenas um dos aspectos da função persuasiva dentro da qual está inserido.

3.4 Função estética. É aquela, de natureza poética, que está centrada na mensagem e que tem por propósito valorizá-la. Para SANDMANN (1989b, p. 569-570), em tal função "dá-se importância ao como uma mensagem é levada ao receptor, dá-se ênfase ao lado do significante do signo". Para ilustrar isso, transcrevemos abaixo uma crônica de RESENDE (1991, p. 2) em que se evidencia bastante engenhosidade do autor ao chamar a atenção para o emprego estilístico negativo

.....

Já há brazilianista que desistiu de observar o Brasil, de estudá-lo e entendê-lo, diante da avalancha de "ãos" que avassala a nossa atual vida pública. Depois de esperar tantos anos pela Constituição, assim que foi promulgada, começou a grita pela reforma. Entre tantas iniciativas que felizmente esquecemos, surgiu o projetão. Mal tinha começado a lê-lo, mudou o rumo do debate.

Que aliás muda mais do que o vento. Nem se chegou a saber direito o que é o projetão e aí está o emendão. Você leu? Eu passei os olhos e estou aguardando para ver no que dá. Além de arrastar a frase para o feio eco em "ão", o emendão tem uma fatal conotação grotesca. É como um nome ridículo em cima de um sujeito sério. O sujeito não muda o nome, mas o nome muda o sujeito. Quando vi e ouvi o Marcílio, com a sua frígida fleugma, falar em emendão prá cá e emendão prá lá, fiquei bastante confuso.

O conteúdo da fala era dramático, como dramático foi o que disse na televisão Fernando Henrique Cardoso. Mas dá vontade de rir, como em aula chata de professor durão. Se eu tivesse companhia, acabava tendo um frouxo de riso. O emendão à Constituição, ora bolas! A coitadinha da Constituição, tão feminina, ainda no berçário, e já lhe botam em cima esse palavrão emendão. É estrupo a frio e premeditado.

Quando é que começou essa moda do aumentativo? Desculpem os paulistas, mas acho que foi em São Paulo, com o tal de quatrocentão. Até o povo virou povão. Ou população, palavra que saiu da estatística e hoje está na boca dos políticos e dos repórteres. Muito mais expressivo da nossa índole é o diminutivo, com a sua carga afetiva. Manuel Bandeira chegou a invocar Jesus Cristinho. Influência do Ovalle, que botou Vinícius falando tudo em "inho". Esse Brasilzinho onde é que foi parar? Hoje, está aí o Brasilzão, meninão bobão sem solução. E com emendão! Arre!

Mas onde a função estética se torna mais evidente é quando adquire um caráter lúdico, como nos seguin-

Eu cá não vi
nem velhinha nem velhão,
Curre, curre, cabacinha,
Curre, curre, cabação!

(Lopes, M., Amor, pág. 147)

Chora a videira, ó videirinha!
Chora a videira, ó vida minha!
Chora a videira, ó videirão!
Chora a videira, meu coração!

(Gallop, Cantares, pág. 140)

ALONSO (1967, p. 182), ao estudar os diminutivos, fixou muito bem a diferença entre a função emotiva e a função estética. Para ele, "cuando predomina lo afectivo y dinámico llamamos al diminutivo emocional; cuando predomina lo contemplativo y discernidor, lo llamamos estético y valorativo".

4. O INTENSIFICADOR

Empregamos o termo intensificador para nomear qualquer marcador de intensidade, qualquer mecanismo lingüístico que opere a intensificação.

SEPHIHA (1970, p. 113), muito propriamente, define como intensificador "tout outil linguistique qui permet de tendre vers la limite d'une notion ou de la dépasser".

Mas, examinando detidamente a natureza do intensificador, vamos constatar que ele apresenta uma série de características, dentre as quais destacamos a de, diante de uma apreciação dada (O carro é bom) colocar em relevo essa apreciação (O carro é muito bom).

O intensificador pode ser tanto um modificador que permite expressar o grau de uma apreciação tomando como referencial uma escala bipolar variável, através da qual se transmite uma idéia de superioridade ou de inferioridade, a partir de um ponto médio de partida, quanto um modificador que permite expressar o grau de uma apreciação de forma absoluta, sem tomar como referência uma escala de valores e sendo identificável sempre pelo metatermo MUITO.

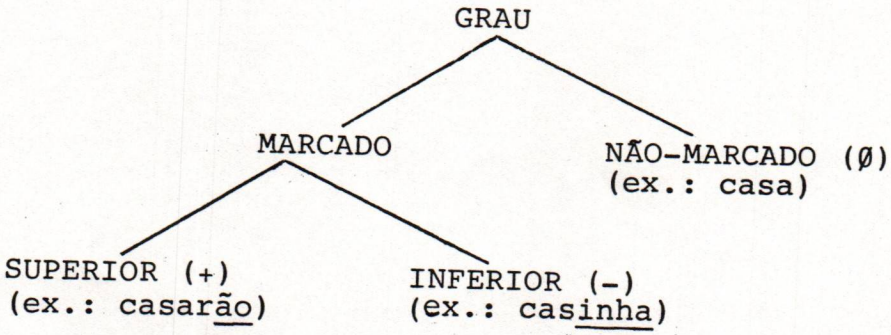
4.1 O intensificador como revelador do grau. Como relevador do grau, o intensificador é um modificador que expressa o grau de uma apreciação tomando como referencial uma escala bipolar variável, através da qual se transmite uma idéia de superioridade ou de inferioridade, a partir de um ponto médio de partida.

mos encontrar no primeiro caso, em virtude de uma visão relativa do locutor.

Essa noção do grau é expressa em português pelo intensificador, mediante marcas intralexicais (jornal<u>zinho</u>) ou extralexicais (Trabalhou <u>demais</u>) em relação à base que recebe a apreciação de grau, ou mediante a ausência dessas marcas, conforme o quadro abaixo:

TAXEMA →	GRAU		
Taxes →	MÉDIO	SUPERIOR	INFERIOR
Marcas sêmicas	Ø	+	-
Gramemas	Ø	-ão, muito etc.	-inho, pouco etc.

Estruturalmente teríamos o seguinte esquema:



O esquema acima nos revela que a distribuição ternária do quadro do <u>taxema</u> (sema genérico da semântica gramatical) do grau se manifesta numa estrutura binária das <u>taxes</u> (semas da forma). Percebe-se também haver, na marcação do grau, uma oposição formalmente privativa entre as formas marcadas dos graus superior/inferior e o grau médio, e uma opo-

sição equipolente entre as formas marcadas do grau aumentativo e do grau diminutivo.

Os marcadores de grau podem ainda ser redundantes. A propósito, "sabe-se que em todos os níveis a linguagem é redundante, isto é, as entidades se repetem. E esta repetição visa a assegurar às mensagens lingüísticas uma certa imunidade em relação aos meios de transmissão" (PINILLA, 1979, p. 23). De fato, a redundância visa neutralizar os ruídos comunicacionais, facilitando a decodificação da mensagem. STAUB & REGUEIRA (1973, p. 73) nos aponta ainda outro motivo justificável para a redundância que seria o da ênfase. A redundância, então, funcionaria como um aumento ou reforço de uma apreciação já intensificada, como é o caso de "pequeninininho" ou em "Tenho estudado muito MESmo", em que o grau é marcado cumulativamente, pelos intensificadores muito e mesmo, recebendo este último, ainda, um reforço intensivo mediante um acento de insistência silábico.

4.2 O intensificador como revelador de certos fenômenos lingüísticos além do grau. Sobre esse tópico, MALHEIROS-POULET (1984) fez uma excelente pesquisa tomando como pressupostos teóricos os recentes estudos pragmáticos, principalmente os desenvolvidos por DUCROT (1981).

Começa por afirmar que o emprego do intensificador, além de revelar a presença explícita do locutor, revela também a sua expressividade e criatividade, as quais são transitórias em virtude de estarem diretamente ligadas aos modismos de época, como é o caso de jóia em "Esta casa é jóia".

Para MALHEIROS-POULET (1983, p. 2), "l'expressivité et la créativité sont liées à chaque locuteur (en fonction des contraintes de l'environnement socio-culturel) et à la

situation d'énonciation de sorte que le choix d'une expression d'intensité n'est pas tout à fait arbitraire".

Além disso, o intensificador revela a implicação do locutor, que pode ser objetiva (quando posso medir com um padrão de medida) ou subjetiva (quando não posso medir com um padrão de medida), entendendo, o termo implicação, por julgamento de valor. Conforme MALHEIROS-POULET (1983, p. 14), "l'emploi de l'intensif sert à mettre en relief un signifié en lui ajoutant une intention de quantité, exprimée par la notion de degré. Cet emploi révèle, en plus de la notion de degré, la présence explicite du locuteur qui se manifeste par l'intensif de l'appréciation qu'il porte".

Podemos dizer, então, que os intensificadores são subjetivos na medida em que o locutor toma uma posição sua acerca de uma qualificação, como é o caso de alguém que diz estar o café quente, quando na realidade estará quente para ele mas não para outro, que gosta de café bem quente, por exemplo.

A subjetividade dos intensificadores nos remete, por outro lado, para a relatividade deles, que está ligada à situação de enunciação, à intenção do locutor e aos traços semânticos do elemento modificado. É por isso que, ao dizermos que "Maria não é muito inteligente", poderemos com isso estar passando a informação de que ela ou é pouco inteligente, ou é burra ou é muito inteligente, a depender do caso. Também, convém observar que um boi <u>grande</u> e uma formiga <u>grande</u> não são igualmente grandes, pois nesse caso "a escala de grandeza (suponhamos volumétrica) é diferente de um para outro conjunto" (LOPES, 1972, p. 188).

"Por último, não pode deixar de ser tido em conta

lidade e de proporcionalidade bastante fluidos, uma vez que eles podem variar em função da esfera referencial a que se aplicam e até do ponto de vista individual de quem os dimensiona. Em conseqüência, as dificuldades de identificação dos parâmetros de avaliação são tanto maiores quanto esta se processa freqüentemente sem valores objectivos de referência e a partir de padrões não convencionados de dimensionalidade" (RIO-TORTO, 1987, p. 89).

O intensificador pressupõe parâmetros e revela a relatividade. Por isso, até o grau máximo é relativo, como é o caso da expressão "prá lá de ótimo". Sempre se pode aumentar e não há limites, salvo em frases negativas ou no caso do grau zero, a exemplo de "isso não é nada bom". O zero corresponderia à ausência de apreciação.

Diz MALHEIROS-POULET (1990, p. 497-498) que é o caráter relativo do operador de intensidade (intimamente ligado à subjetividade) que vai fazer com que a apreciação adquira um valor argumentativo. E, mais adiante, acrescenta que o intensivo serve pois para pôr em relevo um elemento do pressuposto ao qual se refere, acrescentando-lhe um valor argumentativo, para concluir reconhecendo que o processo de intensificação é feito de acordo com parâmetros ligados à experiência de cada um, que são as competências sócio-culturais e as competências psíquicas do locutor (emotividade, motivação diante do objeto apreciado etc.).

Em síntese, pode-se dizer, segundo Malheiros-Poulet, que, além do grau e do caráter argumentativo situado sobre o plano do denotado, o intensificador conota as competências lingüísticas e socio-culturais do locutor e do destinatário, e também que, em virtude de o intensificador aparecer em to-

isotopia intensiva, já referida alhures, que tem por função servir "como reforço argumentativo" (p. 500).

Sobre a possibilidade de os intensificadores revelarem o aspecto, além do grau, podemos mencionar o intensificador quase (portador do aspecto progressivo), apenas e um pouco (portadores do aspecto estático). Além deles, "as expressões circunstanciais temporais estão vinculadas à noção de aspecto. Agora e na hora possuem um aspecto pontual, o sufixo -INHO serve para reforçar este aspecto. Manhã, tarde e noite possuem um aspecto de continuidade, durativo, o sufixo -INHO serve para reforçar o início ou o fim do desenvolvimento cronológico, transformando o aspecto durativo em aspecto pontual" (MALHEIROS-POULET, 1986, p. 24).

Exemplos de intensificadores reveladores do aspecto temos nas frases "Estou quase molhado", "Cheguei agorinha", "Cheguei de manhãzinha" (= no início da manhã), "Cheguei de tardezinha" (= no final da tarde) e "Cheguei de noitinha"(= no início da noite), nas quais enquanto QUASE marca o aspecto cursivo, -INHO reforça o aspecto pontual de agora e marca o aspecto inceptivo em de manhãzinha / de noitinha e terminativo em de tardinha.

4.3 A questão flexional de certos intensificadores. Em relação a certos intensificadores para os quais a Nomenclatura Gramatical Brasileira dá o nome de grau, há a questão ainda não completamente resolvida sobre se são possíveis de flexão ou não.

A gramática tradicional, por fazer uma transposição improcedente do latim para o português, diz ser o grau uma flexão. Esse é o ponto de vista também da maioria dos nossos gramáticos, conforme pode-se verificar em BECHARA (1980)

BUENO (1958), MOTTA (1927), PEREIRA (1926) e ROCHA LIMA (1972).

Ocorre, porém, que o grau não é, a rigor, uma flexão. A flexão é um processo gramatical que se realiza mediante desinências (ou sufixos flexionais) enquanto que o grau não se obtém por desinências mas sim mediante sufixos derivacionais. A desinência, por outro lado, é obrigatória, impõe a concordância, faz parte de uma série fechada e apresenta sistematização coerente. Todo nome encerra em si as categorias de número e de gênero. Para o grau não há a menor obrigatoriedade flexional nem se verifica o fenômeno da concordância (As criancinhas gordas) como acontece com a flexão de gênero e número (As crianças gordas) dos nomes. Se houvesse obrigatoriedade flexional diríamos sempre "criancinhas", o que não corresponde com a realidade, pois pode-se muito bem optar por outra forma como, por exemplo, "criança pequena". E se houvesse concordância, diríamos "Azinha criancinha gordinha" e não "As criancinhas gordas", como de fato se diz.

CÂMARA Jr. (1972, p. 73), após fazer uma ampla exposição sobre o assunto, conclui afirmando que "a expressão de grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si". Essa é também a opinião de LOUREIRO (1979), de ZANOTTO (1986, p. 57-58) e de DEQUI (1981, p. 434) segundo os quais o morfema de grau é derivacional (criador de novas palavras) e não flexional (operador da concordância).

Todavia, embora o grau seja quase sempre expresso por derivação, há um certo parentesco do grau com a flexão, porque o sufixo de grau é extensivo a todos os substantivos em português, ou melhor, todos os nomes podem expressar grau. Nesse ponto, o grau se assemelha com a flexão, o que nos leva

a constatar a existência de uma superposição entre uma coisa e outra, ainda mais evidente ao percebermos haver uma tendência para se levar a concordância para o âmbito do grau como, por exemplo, ocorre em "menininho barrigudinho".

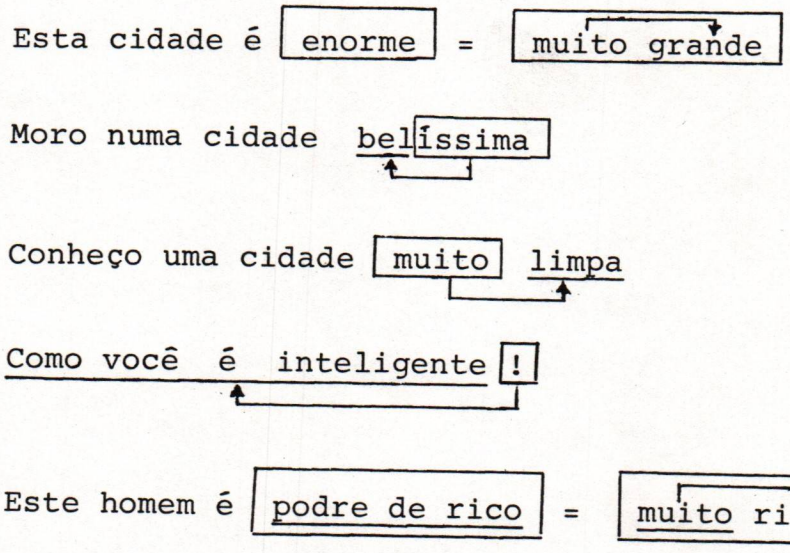
SANDMANN (1972, p. 146), apesar de ter incluído o sufixo de grau dentre os sufixos derivacionais, notou muito bem que ele não era um sufixo derivacional qualquer mas sim um sufixo "sui generis". Argumenta que "com os sufixos derivacionais podemos, em geral, formar derivados que pertencem a outra classe de palavras: brasa (subst.) - brasil (adj.) - Brasil (subs.) - brasileiros (subst. e adj.)... E mesmo que o derivado seja da mesma classe de palavras, ele tem sentido diferente, tem traços semânticos muito distintos: caju (a fruta) - cajueiro (a planta)... Com o sufixo de grau, menos ainda com o superlativo do que com o aumentativo e diminutivo, as possibilidades de derivar, de "desviar", são bem menores. Fica-se sempre na mesma classe, indicando o menor ou maior tamanho ou a predicação em menor ou maior intensidade: sala - salinha, faca - facão, belo - belíssimo, fácil - facílimo, escrever - escrevinhar, saltar - saltitar, cedo - cedinho".

Em conclusão podemos dizer que o grau, apesar de não ser um caso de flexão, não é também um caso de derivação qualquer, pois apresenta ponto de contato com a flexão, detalhe esse não percebido por Joaquim Mattoso Câmara Jr.

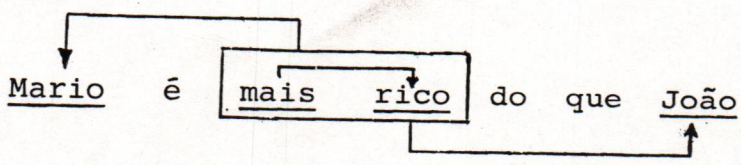
4.4 Critério de classificação dos intensificadores. Para a classificação dos intensificadores adotamos o critério semântico-morfossintático, que nos permite distribuir os intensificadores em dois grandes grupos, o dos intensificadores por extensão e o dos intensificadores por relação

(ou confronto), seguindo proposta apresentada por MALHEIROS-POULET (1984).

Os intensificadores por extensão caracterizam-se por serem modificadores capazes de aumentar ou diminuir a intensidade do semantismo de uma base mediante um sema, um gramema (preso, livre ou supra-segmental) e uma construção sintagmática, sem estabelecer relação com qualquer noção estranha a essa base. Nesse caso, a escolha dos procedimentos pode corresponder a uma visão global ou a uma visão relativa do locutor. Exemplos:



Os intensificadores por relação caracterizam-se por serem modificadores capazes de aumentar ou diminuir a intensidade do semantismo de uma base mediante uma frase comparativa, consecutiva, proporcional ou concessiva, mas sempre estabelecendo relação com uma noção estranha a essa base. Nesse caso, a escolha do procedimento corresponde sempre a uma visão relativa do locutor. Exemplo:



5. A BASE SOBRE A QUAL SE OPERA A INTENSIFICAÇÃO

Em português, se opera a intensificação sobre uma base que pode ser substantiva (pacotinho), adjetiva (belíssimo), adverbial (pertinho) e verbal (reforçar)[1]. Há, contudo, restrições quanto à possibilidade de intensificação de algumas dessas bases, dentre as quais ALI (1964, p. 99) cita aqui, aí, ali, agora, hoje, amanhã, e outras que denotam idéias precisas e alheias a qualquer intensidade maior ou menor.

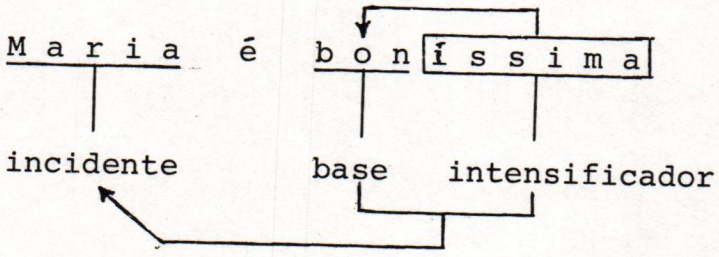
Por nos limitarmos nesse trabalho apenas à apreciação da base adjetival, não só em virtude da necessidade de se restringir a extensão do "corpus" da pesquisa mas também por ser ela a mais susceptível de sofrer o processo de intensificação, dirigiremos nossa atenção apenas para a questão da sua defectibilidade. Quanto a isso, apesar de alguns gramáticos negarem a possibilidade de intensificação de certos adjetivos em razão do semantismo da base, como é o caso de quadrado, semanal, machadiano, e também daqueles cujos lexemas encerram já o grau supremo (imenso, divino, perfeito, ...), não procede uma postura radical quanto a tais restrições, pois tal posição evidencia falta de discernimento entre lógica e gramática. A respeito disso, BARRETO (1980, p. 104), depois de alertar os gramáticos e filólogos que proíbem os comparativos e superlativos mais, principal, retíssimo, muito recto, mui principal etc., arrola uma série de exemplos extraídos

---

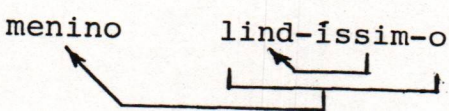
(1) Apesar de ser possível haver intensificação pronominal (elezinho), não a incluímos aqui por não fazer parte do sistema usual da norma culta, sendo ela de natureza exclusivamente afetiva.

de escritores de grande autoridade para provar que tais adjetivos, por serem empregados em sentido relativo e figurado, podem ser intensificados. Dessa forma, o que pretendemos aqui é combater o radicalismo dos gramáticos, mas sem deixar de reconhecer que, apesar de haver restrições para a intensificação dos adjetivos, do ponto de vista semântico, não há tais restrições do ponto de vista morfológico. Essa também é a opinião de VANNUCCHI (1976, p. 16).

Observando agora sobre como se opera a intensificação do adjetivo, notamos que ela ultrapassa os seus limites, por ser o adjetivo um modificador do substantivo. Dessa forma, sempre que ele for intensificado, tranferirá para o modificado (o incidente) a carga intensificadora que recebeu:



Nesse caso, temos estabelecidas as diferenças entre o substantivo (Maria) e o adjetivo (boníssima). O primeiro, pode receber marcas de grau que lhe precisam a dimensão (de tamanho) mas quando é modificado pelo segundo, que lhe atribui uma qualidade, essa qualidade vem acompanhada, muitas vezes, de um intensificador. Para BARBOSA (1981, p. 141-142) "seria privativo do adjetivo seu caráter intensivo. Essa intensidade refere-se <u>a priori</u> ao próprio adjetivo mas a incidência última é sobre uma base substantival, que será comparada com os demais elementos do mesmo domínio de experiência:



Por fim, é importante observar a compatibilidade que deve ocorrer entre a base e o seu intensificador, fato esse responsável pelos constrangimentos semânticos. A propósito, diz MALHEIROS-POULET (1984, p. 141): "Le choix de l'image associée est limité par le sens du terme modifié: (...) magro como um palito / *gordo como um palito".

É claro que a compatibilidade referida pode deixar de ser observada sempre que se desejar obter um efeito cômico, como aconteceu no último exemplo citado, mas tal ocorrência pode implicar em alterações semânticas.

A propósito, por falar em compatibilidade e constrangimentos semânticos, é oportuno discorrermos sobre o emprego dos intensificadores POUCO e UM POUCO[2], para melhor ilustrar esse tópico dos nossos estudos.

O intensificador POUCO é usualmente empregado para intensificar bases adjetivas portadoras de uma conotação positiva, com o propósito de indicar insuficiência (Ele é pouco inteligente, pouco estudioso e pouco modesto), enquanto o intensificador UM POUCO é empregado para intensificar bases adjetivas portadoras de uma conotação negativa, com o propósito de atenuar (Ele é um pouco preguiçoso, um pouco burro e um pouco orgulhoso). Todavia, não só há bases adjetivas de sentido intensivo que não se compatibilizam com os intensificadores mencionados, como é o caso de " *Ele é pouco excelente" e " *Ele é um pouco excelente", como também há bases adjetivas que, apesar de se compatibilizarem, tal compatibilização implica em mudança de sentido, quando se troca de in-

---

(2) Comentário feito com base em opinião emitida pela nossa orientadora, Profª Drª Nilce Sant'Anna Martins, no colóquio que tivemos com ela em dezembro de 1991.

tensificador, como acontece em "Ele é pouco orgulhoso" (= quase não orgulhoso ou menos orgulhoso do que se espera) e "Ele é um pouco orgulhoso" (= de fato orgulhoso ou mais orgulhoso do que se espera).

5.1 O papel da base. Antes de apreciarmos os intensificadores temos que fazer uma apreciação da base sobre a qual esses intensificadores operam, pois os traços semânticos das bases podem modificar o significado deles, como facilmente se percebe ao tomarmos as bases papel / doutor e acrescentarmos o intensificador -INHO, obtendo, assim, papelzinho, que, mais provavelmente irá conotar a noção de "papel pequeno"; e doutorzinho, que, dentre outros sentidos possíveis, pode conotar a noção de "doutor de pouco valor", em virtude da depreciação obtida com a associação de um intensificador minimal a uma base valorativa. Dessa forma, notamos que enquanto numa base (papel) a intensificação pode ser denotativa, em outra (doutor) ela pode ser conotativa, a depender da natureza, muitas vezes de ordem afetiva, observada no semantismo da derivada. Por outro lado, se acrescentarmos o intensificador -ÃO às bases comprido e dedo obteremos compridão (= muito comprido) e dedão (= dedo grande), isto é, uma gradação intensiva e uma gradação dimensiva, respectivamente, em virtude da primeira base ser adjetiva (de natureza qualitativa) e da segunda base ser substantiva (de natureza designativa). Dessa forma pode-se dizer que, no substantivo, a gradação exprime a dimensão do ser, enquanto que no adjetivo ela vai exprimir a intensidade de uma qualidade atribuída ao ser. Já numa base verbal, conforme expõe MALHEIROS-POULET (1986, p. 5), sendo o intensificador um sufixo comparativo aumentativo, ele vai desempenhar aí o duplo papel de produzir uma mudança

de categoria (ao transformar um verbo em substantivo) acrescentando-lhe uma noção de força (empurrão) e de freqüência ou insistência (comilão). SANDMANN (1989a, p. 70), por sua vez, referindo-se aos adjetivos pejorativos (um sujeito entrão) diz que nesses casos "o verbo entra com a expressão de uma ação tida como desagradável e -ão indica a repetição dessa ação por um agente".

Ainda sobre o papel da base é importante observar o elemento de base sobre o qual o adjetivo intensificado está incidindo, pois os traços semânticos das bases incidentes podem determinar alterações no semantismo das expressões intensificadoras, como se pode constatar comparando as frases (1) e (2) abaixo transcritas:

(1) Tomei um café bem quente

(2) Tomei um refrigerante bem quente

Na frase (1) bem quente não tem o mesmo significado da frase (2) por ser compatível com o semantismo da sua base incidente (café), ao contrário do que acontece com a frase (2), em que bem quente é incompatível com o semantismo da sua base incidente (refrigerante). Nesse caso "café bem quente" pode significar um café que está no ponto, numa temperatura boa, enquanto que "refrigerante bem quente" não significa necessariamente um refrigerante quente, mas um refrigerante que não está bem frio, que está fora do ponto, que está na temperatura ambiente ou até numa temperatura fria mas não suficientemente fria para quem costuma tomá-lo bem gelado.

Em síntese, temos então que uma expressão de inten-

sidade "est déterminé, non seulement par le contexte, les conditions d'emploi et les indices référentiels, mais encore par le comportement sémantique et/ou morpho-syntaxique des élements environnants incidents" (MALHEIROS-POULET, 1984, p. 30). É por isso que um mesmo intensificador, como é o caso do sufixo -INHO, pode ter vários significados: pequeno, diante de bases substantivas graduáveis (carrinho); pouco, um pouco ou muito, diante de bases adjetivas graduáveis (Que garoto sapequinha!); muito, diante de bases adverbiais que indiquem espaço, tempo ou quantidade (Ele saíu cedinho); e totalidade, diante de bases adjetivas não graduáveis (Ela estava nuazinha).

Tudo isso mostra como o significado lexical do lexema-base condiciona a ocorrência e a especificidade semântica dos intensificadores.

5.2 A morfologia da base. Morfologicamente, a base adjetiva sobre a qual irá operar o intensificador pode ser primitiva (cruel) ou derivada (arenoso).

Quanto às bases primitivas, que devem se limitar a aproximadamente duzentas[3], são tidas como puras por se constituírem na essência mesmo da classe dos adjetivos.

Quanto às bases derivadas, que se constituem na esmagadora maioria das bases adjetivas, são provenientes de substantivos comuns (homem barrigudo), de substantivos próprios antroponímicos (epístolas joaninas), de substantivos próprios toponímicos pátrios (indústria francesa), de verbos

(3) Essa estimativa se baseia em pesquisa feita por Hermann Ammann (Adjektiv und Eigenschaftswort), que encontrou umas 200 bases adjetivas puras no alemão, segundo SOBEJANO (1970, p. 97), excluindo desse cômputo os numerais, os pronomes adjetivos, os estrangeirismos e os "comparativos e superlativos anômalos".

no particípio passado (homem vivido), de verbos no particípio presente (água corrente), de verbos no particípio futuro ativo (homem casadouro), de verbos no particípio futuro passivo, ou gerundivo (data memoranda), de verbos em outras formas verbais (homem corredor, situação abortiva), de adjetivos (pessoa desalmada), de advérbios (parte dianteira), de adjetivos compostos de nomes de cores (bandeira alvi-negra), de adjetivos compostos de nomes de lugares (acordo luso-brasileiro) e de adjetivos compostos de outros nomes (menino surdo-mudo).

Dentre as bases mencionadas acima, as possíveis de serem intensificadas são as constituídas de um adjetivo primitivo (aspérrimo) e as constituídas de um adjetivo derivado de um substantivo comum (homem superbarrigudo) ou de um verbo no particípio presente (cidadão vigilantíssimo) ou de um verbo no particípio futuro ativo (homem certamente casadouro) ou de um adjetivo (pessoa desalmadíssima). Nos casos restantes pode haver restrições. A propósito, diz LOPES (1972, p. 189): "Há adjectivos que não admitem graus, quer dizer, relação de ordem, pelo menos no seu significado mais típico e corrente: os de origem, estado, nacionalidade, matéria etc. (aquático, gelado, sulfúrico, francês)".

5.3 **A semântica da base.** Semanticamente, o adjetivo pode ser de natureza demonstrativa (os que localizam), quantitativa (os que quantificam e limitam a extensão), classificatória ou relacional (os que restringem a extensão) e qualificativa (os que restringem a extensão ou explicam o conceito sem restringir)[4].

---

(4) Seguimos aqui a classificação de W.J. Weston, in English Grammar and Composition, apud MARTINEZ AMADOR (1973, p. 71), ampliando-a com a inclusão dos relacionais.

Os adjetivos demonstrativos subdividem-se em puros (Este homem), conjuncionais (O menino cujo pai adoeceu viajou), possessivos (Meu livro) e articular (O filho de Pedro).

Os adjetivos quantitativos subdividem-se em definidos (Entraram três passageiros) e indefinidos (Entraram vários passageiros).

Os adjetivos relacionais subdividem-se em adjetivos de referência (vida urbana), de posse (casa presidencial), de especificação (engenheiro florestal), de espaço (perímetro urbano), de matéria (vaso pétreo), de tempo (período noturno), de origem (carro belga) etc.

Os adjetivos qualificativos subdividem-se em restritivos ou especificativos (alameda larga), cuja característica é a de particularizar uma qualidade acidental do substantivo com o aumento de sua compreensão e a limitação de sua extensão, e explicativos ou epítetos (alameda arborizada), cuja característica é a de ressaltar redundantemente uma qualidade essencial (inerente) do nome, sem alterar sua extensão ou compreensão. Os restritivos podem ser próprios, isto é, pertinentes (homem honesto), ou figurados, isto é, não-pertinentes (mesa honesta), constituindo-se nesse último caso no que se denomina hipálage. Os explicativos, sempre não-pertinentes, são redundantes e numerosos nas obras literárias.

Analisando a classificação acima, vamos observar que os adjetivos não são todos intensificáveis, em virtude "das propriedades sêmicas que os definem, as quais se apresentam como absolutas e invariantes" (RIO-TORTO, 1987, p. 93). Começando pelos demonstrativos e quantitativos, estes só admitem a intensificação nos casos de transferência de sentido e/ou de categoria, como é o caso de "Estezinho é sábio" (Apud

MARTINS, 1972, p. 108), em que há substantivação do pronome adjetivo. Mas ROCA-PONS, com razão, abre uma exceção para os possessivos. Para ele, "tanto los apreciativos - aumentativos, diminutivos y despectivos - como los comparativos y otros muchos caracteres que encontramos, total o parcialmente, entre los adjetivos calificativos, no los encontramos, en general, entre los determinativos o pronominales. Y si, por ejemplo, podemos decir que una cosa es más mía que tuya y no que es más ésta que aquélla, esto es una señal de una mayor afinidad de los posesivos con los calificativos" (1976, p. 143).

Os adjetivos quantitativos se inserem no âmbito da quantificação e, portanto, por não sofrerem transferência de sentido ou de categoria, não são intensificáveis. Como muito bem percebeu MARTINEZ AMADOR (1973, p. 71) "sólo el adjetivo de cualidad afecta al concepto del substantivo; el de cantidad sólo se refiere a algo externo al concepto, como si decimos pocas casas, donde el concepto de casa no queda modificado como cuando decimos una casa grande".

Quanto aos adjetivos relacionais, CUNHA & CINTRA (1985, p. 238) diz que eles "não admitem graus de intensidade". De fato, tal opinião procede se excetuarmos os relacionais tomados em sentido figurado ou "em contextos de tipo enfático e/ou contrastivo", como é o caso de "Essas técnicas são bastante artesanais" (RIO-TORTO, 1987, p. 94).

Finalmente, restam os adjetivos qualificativos, intensificáveis por excelência, mas passíveis de sofrer algumas restrições, segundo ROCA-PONS (1976, p. 143), para quem "los hay que expresan cualidades susceptibles de graduación, mientras que a otros les repugna esta particularidad: por ejemplo, se puede decir que una persona es más o menos buena,

culta etc. pero no más o menos viva - en sentido propio - o muerta".

Há também, dentre os qualificativos não intensificáveis os que designam estado, segundo LOPES (1972, p. 189) e RIO-TORTO (1987, p. 93-94). Trata-se de substantivos adjetivados, como é o caso de filósofo, em "rei filósofo".

Por outro lado, há alguns adjetivos situados no limite entre os qualificativos e os quantitativos expressos pelos pares contrários semanticamente graduáveis do tipo frio/quente, doce/azedo, grande/pequeno etc., para os quais, segundo MARTINEZ AMADOR (1973, p. 71), "el tránsito de unos a otros supone una gradación muchas veces insensible, pues de la idea de tamaño es muy fácil pasar a la de cantidad". Não há dúvida quanto ao fato de tais adjetivos serem portadores de uma gradação semântica por antonímia, mas é bom assinalar o fato de não haver entre eles nenhuma gradação gramatical.

5.4 A função sintática da base. Sintaticamente, a base adjetival pode exercer as funções atributiva (homem feliz), predicativa nominal conexa (Esta matéria é difícil), predicativa nominal não-conexa (Difícil, esta matéria), predicativa adverbial (O menino chorava desesperado) e adverbial (Falou alto), constituindo esse último caso naquilo que se denomina enálage.

O adjetivo atributivo é o que, não sendo um termo essencial, forma um sintagma com o substantivo e corresponde ao que a gramática tradicional denomina adjunto adnominal, ao contrário do adjetivo predicativo que, por completar uma frase, não só é essencial, como apresenta, a qualidade, marcada no tempo.

Por outro lado, o adjetivo adverbial é o que exerce

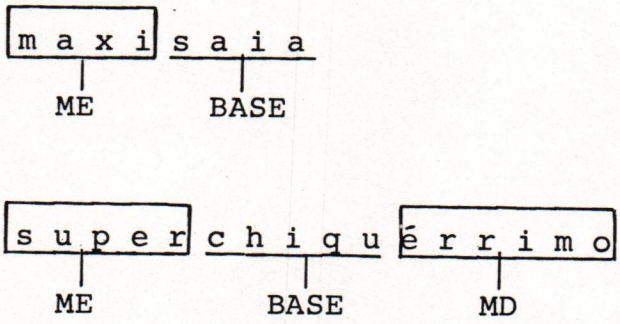
a função de advérbio sem o sufixo -MENTE. A propósito, há um paralelismo entre o adjetivo de verbo e o adjetivo de nome. Para BARBOSA (1981, p. 83), cf. Pottier, "nos dois casos, o lexema é o mesmo; o que muda é a incidência do adjetivo sobre taxes nominais ou taxes verbais". E mais aditante cita o seguinte exemplo: "dia claro / falou claro (forma curta de claramente" (p. 84).

Resta ainda ressaltar a característica mista do adjetivo atributivo adverbial, por modificar tanto o substantivo quanto o verbo, a exemplo de "A criança chorava desesperada", em que desesperada se refere tanto à criança quanto ao processo expresso pelo verbo.

Fazendo uma breve apreciação da classificação exposta, podemos dizer com RIO-TORTO (1987, p. 94) que "os adjetivos que não aceitam grau são normalmente não-predicativos, isto é, não ocorrem em posição pós-cópula (SN+ser+Adj.) mas quase só em contexto pós-adnominal". De fato, normalmente se diz "O seu sistema circulatório está perfeito" mas nunca "*O seu sistema muito circulatório está perfeito", e muito menos "*O seu sistema circulatoríssimo está perfeito".

5.5 A colocação da base. Sintaticamente, a base adjetiva admite duas colocações, uma em relação ao intensificador e outra em relação ao substantivo a que se refere.

Em relação ao intensificador, se a intensificação for morfossintática a base se colocará sempre numa posição central, enquanto os intensificadores vão aparecer na margem esquerda (ME) e/ou na margem direita (MD) dela, quando só então se tem uma intensificação do tipo morfossintática. Exemplos:



Se a intensificação for semântico-lexical, não se pode falar em colocação da base, visto que nesse caso o intensificador estará implicitamente integrado na base:

Vivo numa casa enorme = muito grande

Havendo subintensificação, o intensificador incide sobre outro intensificador, tal como muito em "Trabalha muito pouco", em que pouco incide sobre trabalha e muito incide sobre pouco.

A colocação da base adjetiva em relação ao substantivo a que se refere e com o qual contrai uma relação de dependência unilateral pode ser imediata anteposta avaliativa (úteis informações), imediata anteposta não-avaliativa (vermelhas flores), imediata posposta (dor renal), imediata anteposta e posposta (um lindo céu azul, mediata antecipada (Distraído, o professor perdeu os livros), mediata aposta (O professor, distraído, perdeu os livros) e mediata retardada (O professor perdeu os livros, distraído = O professor perdeu os livros por estar distraído).

Aqui importa observar que, salvo em relação aos adjetivos demonstrativos, quantitativos e a quase totalidade dos relacionais, ou às expressões cristalizadas, a anteposição do adjetivo cria ou acentua um matiz afetivo. De fato,

lendo MARTINEZ AMADOR (1973, p. 78-79), COHEN (1974, p. 158-159) e ALCINA FRANCH & BLECUA (1982, p. 508-510) parece ser consensual a opinião de que a anteposição do adjetivo atenua nele o caráter objetivo, descritivo e denotativo (que vamos encontrar na posposição), para introduzir uma intenção afetiva de natureza subjetiva, conotativa e enfática. E, por ser a posposição a ordem normal em português, a anteposição vai se caracterizar como um desvio, como um destaque, como um realce, como uma ênfase; podendo funcionar, dessa forma, como um reforço da intensificação, quando não toma ela própria uma conotação intensiva, a exemplo de "perfecto idiota", citado por MARTINEZ AMADOR (1973, p. 79), ou quando não muda de significado, como acontece nos seguintes exemplos: "Pobre homem" X "Um homem pobre"; "Num local certo" X "Num certo local".

6. Os intensificadores por extensão

Os intensificadores por extensão são aqueles capazes de alterar, tanto no plano semântico-lexical quanto no plano mofossintático, mediante um sema, um gramema (preso, livre ou supra-segmental) e uma construção sintagmática, a noção contida numa base em termos de aumentar ou diminuir a intensidade do semantismo dela sem estabelecer uma relação com qualquer noção estranha a essa base.

Seguindo de perto MALHEIROS-POULET (1984), mas fazendo algumas modificações, apresentamos neste capítulo uma proposta de classificação para os intensificadores por extensão em português segundo a qual éles se subdividiriam em intensificadores constituídos por lexias simples e em intensificadores constituídos por lexias complexas (no plano semântico-lexical); em intensificadores constituídos por gramemas presos, em intensificadores contituídos por gramemas livres, em intensificadores constituídos por gramemas supra-segmentais e em intensificadores constituídos por construções sintagmáticas enfáticas (no plano morfossintático).

Ao contrário do que acontece no plano morfossintático, no plano semântico-lexical a gradação é de natureza exclusivamente semântica e não gramatical. Esse tipo de gradação, conhecido também pelo nome de gradação léxica ocorre, segundo ALCINA FRANCH & BLECUA (1982, p. 573) "cuando la lengua ofrece palabras distintas para expresar cada uno o algunos de los grados de intensidad del adjetivo", a exemplo de bom / mau. Continuando, acrescentam também que "igualmente tienen carácter léxico las formaciones conseguidas sobre una

misma base léxica por medio de prefijos negativos: cómodo / incómodo, legible / ilegible".

6.1 Lexias simples. Seguindo a teoria de POTTIER (1973), entendemos por lexia simples a qualquer unidade lexical memorizada constituída por apenas um radical. E aqui, particularmente, por um tipo de lexia simples (pertencente à classe dos nomes substantivos, dos nomes adjetivos e dos verbos) que possui integrada em si uma base e um intensificador implícito por natureza ou por transferência (de sentido e/ou de categoria), conforme exporemos a seguir.

Tais lexias intensificadas constituem, conforme PINILLA (1979, p. 8) "casos de intensificação inerentes ao conteúdo semântico de entidades do léxico" e se caracterizam ainda por expressarem uma visão global do locutor, com exceção para o que a gramática tradicional denomina "comparativos e superlativos irregulares" (maior, menor, máximo, mínimo...) assim como para a gradação semântica mas não gramatical de séries lexicais do tipo "quente, morno, frio", segundo LOPES (1972, p. 177), cujas lexias intensificadas se caracterizam por expressarem uma visão relativa do locutor.

Outrossim, parece ser uma característica das lexias nominais simples, empregadas como operadoras da intensidade, o fato de serem nomes de qualidade. É o que afirma MALHEIROS-POULET (1983, p. 95), para quem "tous les lexèmes nominaux employés comme opérateurs d'intensité, sont des noms de qualité".

6.1.1 Substantivos intensivos. São lexias simples (pertencentes à classe dos substantivos) que possuem um intensificador por transferência de categoria (ou de sentido)

integrado que se caracteriza por expressar uma visão global do locutor.

6.1.1.1 Por transferência de categoria. O substantivo será intensivo por transferência de categoria quando a intensificação acontecer pela conversão de um adjetivo em um substantivo. Exemplos:

(1) Fazer logo as compras é o melhor = a mais boa (coisa)

(2) Ele vive numa boa = situação muito agradável

(3) Você é um imbecil = uma pessoa muito tola

As lexias melhor, boa e imbecil dos exemplos (1), (2) e (3), respectivamente, são adjetivos substantivados que aprecem com suas bases (boa, agradável, tola) intensificadas.

6.1.1.2 Por transferência de sentido. O substantivo será intensificado por transferência de sentido quando a intensificação acontecer pela mudança de sentido (ou metaforização) de um mesmo substantivo num contexto diferente. Exemplos:

(1) A tristeza é um sentimento X

Viver na favela é uma tristeza = muito triste

(2) No zoológico há uma víbora X

Esta mulher é uma víbora = muito perigosa

As lexias tristeza e víbora dos exemplos (1) e (2) são substantivos que, ao passarem pelo processo de metaforização, adquiriram uma conotação intensiva. No primeiro caso, todavia, cabe ressaltar que a lexia tristeza, por vir acompanhada de um artigo, que particulariza uma noção abstrata, tem a noção expressa por sua base ainda mais intensificada.

6.1.2 Adjetivos intensivos. São lexias simples (pertencentes à classe dos adjetivos) que possuem um intensificador por natureza (ou por transferência de sentido e/ou de categoria) integrado que se caracteriza por expressar uma visão global ou relativa do locutor.

6.1.2.1 Por natureza. O adjetivo será intensivo por natureza quando, por si mesmo, for intensivo, sem precisar sofrer nenhum processo de conversão ou metaforização. Exemplos:

(1) A casa é ótima = muito boa

(2) Comprei uma casa enorme = muito grande

(3) Comprei uma casa horrível = muito feia

(4) Herdei uma fortuna incalculável = muito grande

(5) Ele é um perfeito cozinheiro = muito bom cozinheiro.

O exemplo (1) costuma vir inserido no quadro dos denominados "comparativos e superlativos anômalos" (ou "com-

parativos e superlativos sintéticos irregulares") pela gramática tradicional, a qual apresenta-nos quase sempre da seguinte forma:

ADJETIVO E/OU ADV. LATINO	COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE	SUPERLATIVO ABSOLUTO
grande pequeno	maior menor	máximo mínimo
bom/bem mau/mal	melhor pior	ótimo péssimo
alto/"supra" baixo/"infra"	superior inferior	sumo/supremo ínfimo
"ante" "post"	anterior posterior	- póstumo
"cifra" "ultra"	citerior ulterior	- último
"intra" "extra"	interior exterior	- extremo

O quadro acima, constitui uma impropriedade se considerarmos a inexistência, gramaticalmente falando, de qualquer mecanismo lingüístico no português que forme um comparativo de superioridade sintético a partir de um determinado radical nominal, apesar de ter havido tal mecanismo no latim, responsável pela formação do comparativo de superioridade sintético através do acréscimo da desinência -IOR, conforme nos revela CÂMARA Jr. (1975, p. 90). Para BARRETO (1980, p. 99) "como a tendência do português e das outras línguas românicas

foi sempre para o analitismo, substituindo-se por perífrases ou rodeios as sínteses gramaticais do latim clássico, os comparativos sintéticos em ior perderam-se e ficaram sendo representados pelo advérbio mais junto ao positivo, havendo apenas relíquias da gradação interna ou orgânica (melhor, pior, maior, menor...)".

Portanto, maior, menor, melhor, pior etc., não são derivadas de grande, pequeno, bom/bem, mau/mal etc., mas sim outras palavras semanticamente correspondentes a "mais grande", "mais pequeno", "mais bom", "mais mau" etc. O que há aqui são exemplos de intensificação apenas semântica e não de intensificação semântico-gramatical. Trata-se, isso sim, de um processo de lexicalização em que a gradação se faz por antonímia e não por gramemas.

Em relação às formas máximo, mínimo, ótimo, péssimo etc., também não se pode falar de flexão de grau pelas mesmas razões, apesar de haver em português o superlativo sintético formado mediante o processo derivacional de formação das palavras, o que não acontece com o comparativo de superioridade, que será sempre analítico. Sendo assim, o que temos de fato nesses casos são formas semanticamente (mas não gramaticalmente) intensificadas cujos sufixos superlativos foram incorporados na lexia mediante o processo de lexicalização.

6.1.2.2 Por transferência. O adjetivo será intensivo por transferência quando a intensificação acontecer pela mudança de sentido de um mesmo adjetivo num contexto diferente e/ou pela conversão de um substantivo em adjetivo. Exemplos:

(1) Os homens bárbaros invadiram Roma X

Acabei de ler dois livros [bárbaros] = [muito bons]

(2) Comprei uma jóia na joalheria X

Comprei um carro [jóia] = [muito bom]

(3) Conheci uma menina cega na igreja X

Ele me deixou com uma raiva [cega] = [muito grande]

6.1.3 Verbos intensivos. São lexias simples (pertencentes à classe dos verbos) portadoras de um intensificador por natureza (ou por transferência de sentido) integrado que se caracterizam por expressar uma visão global do locutor.

6.1.3.1 Por natureza. O verbo será intensivo por natureza quando, por si mesmo, for intensivo, sem precisar sofrer nenhum processo de conversão ou metaforização. Exemplo:

(1) [Ampliamos] o nosso conhecimento = [aumentamos muito] o nosso conhecimento.

6.1.3.2 Por transferência. O verbo será intensivo por transferência quando a intensificação acontecer pela mudança de sentido e/ou pela mudança de categoria de um mesmo verbo num contexto diferente. Exemplo:

(1) Este povo adora Santo Antônio X

Ele [adora] maçã = [gosta muito] (de) maçã.

6.2 Lexias complexas (fixas ou variáveis). Entendemos por lexia complexa a um conglomerado lexical memorizado constituído ou por palavras que formam um bloco indissociável que, por isso mesmo, denomina-se lexia complexa fixa (ex.: Comprei um carro novinho em folha), ou por palavras que formam um bloco com uma parte dele dissociável que, por isso mesmo, denomina-se lexia complexa variável (ex.: Estou morrendo de sede! Estou morrendo de trabalhar! Estou morrendo de frio! etc.). E aqui, particularmente, estamos nos referindo a um tipo de lexia complexa que, ou se constitui ela mesma num simples intensificador por transferência de sentido, não integrado na base (ex.: Estudei pra burro), ou possui integrada em si uma base e um intensificador por transferência de sentido (ex.: Dei um duro, mas não desisti), o que é próprio da intensificação semântica. Tais lexias podem ser metafóricas ou não e se caracterizam ainda por expressarem uma visão global do locutor.

6.2.1 Símiles intensivos. São intensificadores por transferência de sentido, não integrados na base, cuja estrutura sintática é semelhante à de uma comparação (de igualdade) explícita, que têm por característica o fato de expressarem uma visão global do locutor.

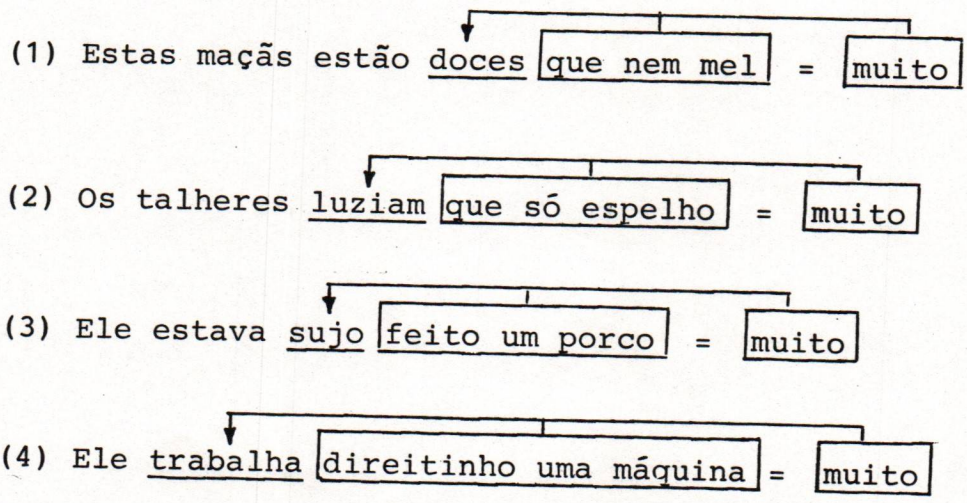
Convém, todavia, não confundir símile com comparação propriamente dita. No símile se procura conhecer uma coisa (A) desconhecida, muitas vezes de teor abstrato, mediante o confronto com outra coisa concreta (B) conhecida. Ex.: Mário é veloz como a lebre.

Enquanto na comparação propriamente dita o termo comparado (A) pertence ao mesmo nível de referência do termo comparante (B), no símile, tais termos não só pertencem a níveis dife-

rentes como também o segundo (B) ressalta exageradamente uma qualidade existente no primeiro (A). Observe: Mário é alto (denotação). Mário é alto como papai (comparação propriamente dita). Mário é alto como uma girafa (comparação conotativa ou símile). Nesse último exemplo a linguagem torna-se concreta. Portanto, o símile contribui para que as idéias fiquem mais vivas.

Sobre o símile, apesar de haver quem distinga as comparações assimilativas (ou símile) das comparações intensivas de igualdade, como fez MARTINS (1967, p. 201), preferimos não discernir uma coisa da outra, pois, conforme a própria autora declara, nem sempre é possível distingui-las em virtude de as duas idéias estarem associadas.

A seguir, listamos algumas variedades de símiles intensivos existentes na língua portuguesa:



6.2.2 **Metáforas intensivas**. São intensificadores por transferência de sentido, integrados na base, cuja estrutura sintática corresponde à de uma lexia complexa (do tipo de associação de idéias por analogia, por conseqüência ou por complementação) que têm como característica o fato de expressarem uma visão global do locutor.

6.2.2.1 Por analogia. A metáfora intensiva será por analogia quando ela for semelhante a um símile do qual algum elemento da estrutura similar foi apagado. Exemplos:

(1) Meu tio tem uma paciência (grande como a) de Jó →

Meu tio tem uma paciência de Jó =

= muita paciência

(2) Ele tem um coração (duro como a) pedra →

Ele tem um coração de pedra = muito insensível

6.2.2.2 Por conseqüência. A metáfora intensiva será por conseqüência quando ela for semelhante a uma frase consecutiva da qual algum elemento da sua estrutura foi apagado, ou quando corresponder a uma metáfora hiperbólica na qual há uma relação de causa e efeito. Exemplos:

(1) Ele arrebentou de (tanto) rir →

Ele arrebentou de rir = rio muito

(2) Ela está louca de (tanta) raiva →

Ela está louca de raiva = com muita raiva

(3) Estamos morrendo de (tanta) fome →

Estamos morrendo de fome = com muita fome

(4) Este filme é (tão) bom que é uma barbaridade →

Este filme é bom que é uma barbaridade = muito bom

6.2.2.3 **Por complementação**. A metáfora intensiva será por complementação quando, sendo constituída por duas partes (uma fixa e outra variável) vier com a parte fixa (de valor intensivo) complementando a parte variável ou sendo complementada por ela. Exemplos:

(1) Eu estou prá lá de feliz / mais que feliz = muito feliz

(2) Ele é um horror de feio = muito feio

(3) Ele é podre de rico = muito rico

(4) Ele se perdeu num dilúvio de palavras = em muitas palavras

(5) Maria chorou pra burro = chorou muito

(6) Estamos com uma fome de doido = muita fome

(7) Estou mais contente do que nunca = muito contente

(8) Ele é feio a mais não poder = muito feio

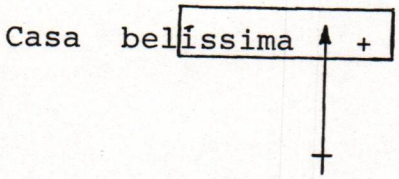
(9) Ele é malandro como ninguém = muito malandro [1]

---

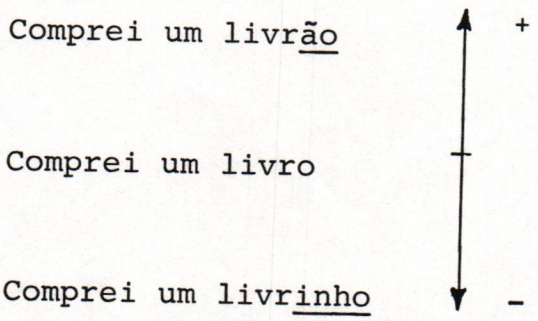
(1) Exemplos semelhantes a este, por faltar o comparante, são pseudocomparações.

(10) Mário é esperto como ele só = muito esperto

6.3 Gramemas presos. Entendemos por gramema preso a todo morfema gramatical sem autonomia formal que sempre aparece preso a uma base cujo núcleo é constituído por um radical. E aqui, particularmente, a um gramema preso do tipo prefixal ou sufixal que funciona ora como um intensificador por natureza ou por transferência não integrado na base na qual se prende, ora como um intensificador por natureza ou por transferência integrado na base. Tais gramemas se caracterizam ainda (na maioria dos casos) por expressarem uma visão global do locutor:



Respondem pela exceção os sufixos comparativos em certos contextos, os quais podem funcionar como intensificadores não integrados na lexia:



6.3.1 Prefixos. Esses morfemas são intensificadores por transferência não integrados na base (ultra-rápido) ou implicitamente integrados na base (super-secretária) cuja estrutura mórfica corresponde à de um gramema preso prefixal

que se caracteriza por expressar uma visão global do locutor:

(1) Este trem é ultra-rápido = extremamente rápido

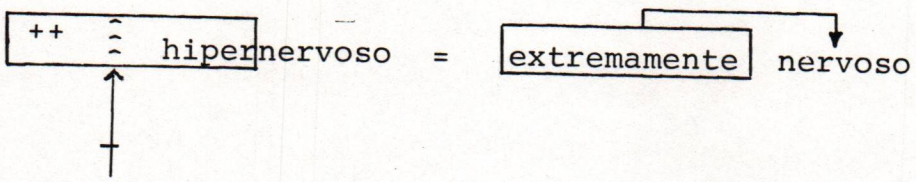
(2) Esta é uma super-secretária = demasiadamente boa secretária.

Não é pacífica a posição de se considerar o prefixo um morfema preso capaz de operar a derivação, como acontece com o sufixo. Sobre essa questão não concordamos com a opinião daqueles que consideram a prefixação um processo de composição, em razão de considerarmos que, embora os prefixos não sejam capazes de realizar uma mudança de categoria, como ocorre com os sufixos, são, por natureza, morfemas presos constituintes das palavras, visto que não sobrevivem fora delas, salvo se vierem a sofrer um processo de lexicalização, a exemplo de "manteiga extra", o que é algo incomum e bem diferente do que acontece com a maioria dos prefixos. Essa parece ser também a opinião de MELO, apud RISSI (1985, p. 6) e BECHARA (1980), dentre outros.

Ainda sobre os prefixos, convém observar que, assim como ocorre com os processos analíticos de intensificação, eles se prestam menos à expressão da emotividade do que os sufixos. Diz SANDMANN (1988, p. 161) que "o emprego crescente dos prefixos de aumento e diminuição MACRO-, MAXI-, MEGA-, MICRO- e MINI- (p. 22s) deve-se provavelmente ao fato de serem emocionalmente mais neutros do que os sufixos de grau (...)".

6.3.1.1. **Amplificadores**. Os prefixos serão amplificadores quando funcionarem como modificadores capazes de

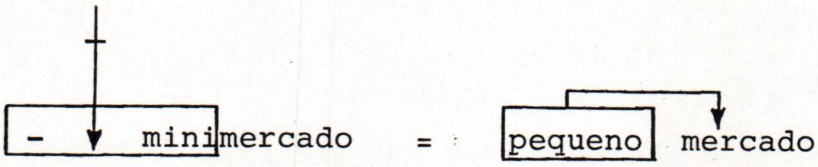
aumentar a noção contida na base de forma a direcioná-la para cima. Entretanto, entre alguns prefixos amplificadores (ARQUI-, SOBRE-, EXTRA-, HIPER-, ULTRA-, SUPER-) o aumento dessa noção pode ir bem além dos limites da escala gradativa, razão pela qual podem ser parafraseados por "muitíssimo", "extremamente", "excessivamente", "extraordinariamente", "demasiado", "em último grau". Dessa forma, fica fácil perceber que tais amplificadores, por marcarem um grau excessivo de intensidade, são também responsáveis pela operação da modalidade de intensificação denominada amplificação maximal:



Além dos prefixos amplificadores mencionados anteriormente, há ainda DES-, RE-, PRE-, TRES-, SUPRA-, MACRO-, MEGA-, MULTI- e POLI-. que aparecem, por exemplo, em desinfeliz, requeimado, prepotente, tressuar, supra-dotado, macroassalto, megaprojeto, multissecular e politraumatizado. A propósito da maioria desses prefixos ver SANDMANN (1988 e 1989a).

Convém observar que o uso incomum de alguns prefixos, como é o caso de ARQUI- e HIPER-, faz com que eles sejam portadores de uma expressividade maior em relação aos de uso corriqueiro.

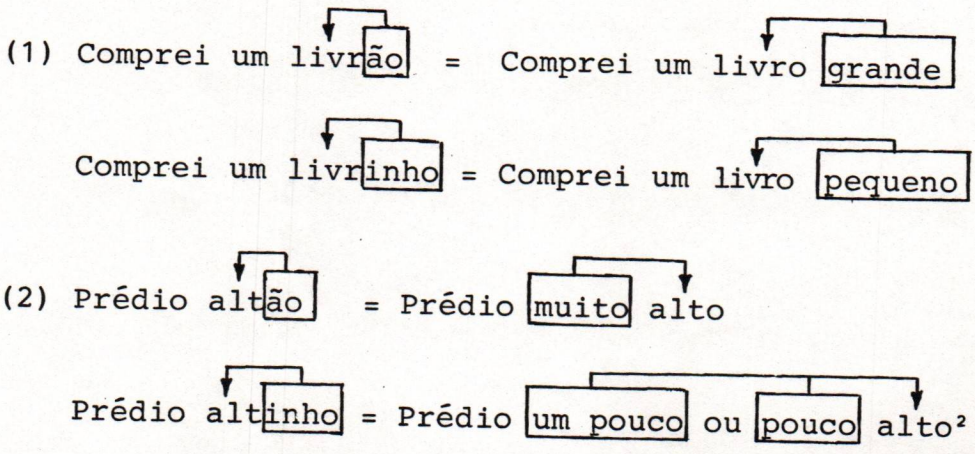
6.3.1.2 Atenuadores. Os prefixos serão atenuadores quando funcionarem como modificadores capazes de diminuir uma noção contida na base, direcionando-a para baixo:



Dentre os prefixos atenuadores, temos MINI-, MICRO- e SEMI-, que aparecem, por exemplo, em miniprojeto, microcomputador e semidesnatado.

Quanto ao prefixo SEMI-, ao contrário dos demais, caracteriza-se por ser um atenuador aproximativo.

6.3.2 Sufixos comparativos. Esses morfemas são intensificadores cuja estrutura mórfica corresponde à de um gramema preso sufixal que se caracteriza ora por expressar uma visão relativa do locutor (quando funcionam como intensificadores por natureza não integrados na base) ora por expressarem uma visão global do locutor (quando funcionam como intensificadores por transferência não integrados ou como intensificadores por transferência implicitamente integrados na base):



(2) Cabe observar que esta análise é relativa, pois os morfemas semanticamente valem o que valem dentro de um contexto e de uma situação que só a análise pragmática é capaz de precisar. Dessa forma, a depender da intenção do locutor, altinho pode significar até "muito alto".

(3) Ela fez um casamentão = casamento muito avantajado

Ao modificarem uma apreciação presuposta não resta dúvida de que os sufixos comparativos põem o grau dessa apreciação, o qual, por sua vez, pressupõe a comparação. De fato, ao dizermos "livrinho" estamos fazendo, implicitamente, uma comparação do livro designado com outros (maiores ou menores) e, ao mesmo tempo, estabelecendo uma oposição à subclasse dos livros grandes.

Os sufixos comparativos são conhecidos também pelo nome de apreciativos, em virtude de se prestarem mais à expressão da emocionalidade em termos de apreço (paizinho, paizão), ou em termos de desapreço (doutorzinho, narigão), do que à expressão daquilo que lhe é próprio e natural, isto é, a dimensionalidade (bolinha, bolão).

Conforme SANDMANN (1989a, p. 74-75), como os apreciativos "se unem a bases neutras e o resultado pode ser positivo ou negativo, conclui-se que a pejoratividade depende de fatores contextuais ou situacionais". Para ilustrar a sua explanação, ele conclui com o seguinte exemplo: "Não dá para entender como esse timinho eliminou o meu Timão (sic)" (p. 75).

Pelo exposto, não resta dúvida de que os sufixos comparativos não denotam idéia pura de aumento ou de diminuição; esta é mais precisamente expressa, dentre outros, pelos adjuntos GRADE/PEQUENO e, atualmente, segundo SANDMANN (1989a, p. 74-75) pelos prefixos amplificadores e atenuadores HIPER-, MEGA-, SUPER-, MACRO-, MAXI-, MULTI-, MINI-, MICRO- etc.

Ainda, sobre os sufixos comparativos, não se pode

deixar de observar o fato de haver casos em que o sufixo deixou de funcionar como intensificador, por evolução semântica em que o sufixo veio a se integrar no radical da palavra, perdendo assim a consciência do próprio grau. Trata-se do fenômeno da lexicalização (ou idiomatização) que pode acontecer por esvaziamento semântico do sufixo, como é o caso de sozinho, interpretado por SANDMANN (1989b, p. 570) como praticamente sinônimo da própria base, ou por especialização semântica, como é o caso de portão, significando "entrada de um gradil" e não necessariamente "porta grande", isto é, a somatória de porta + ão. Nesse caso, portão não é o aumentativo de porta. Trata-se, isto sim, de palavra que, pelo processo de evolução semântica adquiriu novo significado. O mesmo se diga de outros exemplos de lexicalização como mocinho (= herói de filmes de faroeste), cartilha, violino, cavalete, versículo (com vestígio do sufixo latino "-culus"), caixão, caldeirão, muralha etc.

As formas com morfema de grau lexicalizadas são basicamente portadoras da função referencial e, como prova do esvaziamento semântico da gradação do seu intensificador, aceitam um operador de grau: portãozinho, portãozão; cartãozinho, cartãozão.

Finalmente, é curioso notar que a mudança de grau pode implicar em mudança também de gênero (a chuva / o chuvisco; a orelha / o orelhão, a mulher / o mulherão), a qual pode ser traduzida ou como marca de lexicalização ou como reforço (no caso do sufixo -ÃO). Também merece destaque o fenômeno da reduplicação sufixal dos sufixos comparativos, responsáveis por traduzirem, segundo NÁÑEZ FERNÁNDEZ (1973, p. 41) "un deseo de expresividad semántica, y también fonética", como acontece em pequenininho.

6.3.2.1 **Aumentativos**. Os sufixos comparativos serão aumentativos quando funcionarem como modificadores capazes de, além de aumentar uma noção contida na base, direcionando-a para cima, acrescentar uma conotação subjetiva. Tais sufixos "indicam a participação emocional ou a ampliação da realidade apreendida e transmitida" (CALÇADA, 1980, p. 252).

Em português, os sufixos aumentativos mais freqüentes são -ORRA, -AÇO e, principalmente, -ÃO/ONA, acompanhados de suas variantes pejorativas (-ARRÃO, -ARÃO, -EIRÃO, -ALHÃO, -ZARRÃO).

Semanticamente, o aumentativo nem sempre traduz um mero aumento dimensional como é comum acontecer quando ele aparece preso a uma base nominal mensurável (ex.: livrão = livro grande). A depender da base à qual se fixa e de outros fatores pode o aumentativo indicar outras noções.

Preso a certos verbos, o aumentativo não só opera uma mudança de categoria (de verbo para adjetivo) como também acentua a presença do agente, dando à ação uma idéia pejorativa de repetição abusiva da ação verbal (ex.: Ele é mandão = Ele vive dando ordens).

Todavia, diante principalmente de certos adjetivos, o aumentativo traduz inclusive uma noção de intensidade equivalente a MUITO, fazendo-o se aproximar do superlativo (ex.: Cheguei faz um tempão = Cheguei faz muito tempo).

Por outro lado, em "O meu paizão é muito bom", o sufixo aumentativo expressa afeto, carinho, enquanto que em carrão (= carro esporte), grandão (= o chefe) e doidão (= drogado ou emocionado), citados por MALHEIROS-POULET (1986, p. 7), as expressões resultantes passaram a ser empregadas com outro valor, pelo fato de, em virtude do fenômeno da lexicalização, o sufixo -ÃO ter perdido o sentido aumentativo. Quan-

to a isso, algo semelhante ocorre quando, deixando de expressar intensidade, o sufixo -ÃO se presta para a formação de neologismos com mudança de gênero (ex.: a palavra / o palavrão; a calçada / o calçadão).

Finalmente, confrontando o aumentativo com o diminutivo, percebe-se que o aumentativo além de ser de uso menos freqüente em relação ao diminutivo é, conforme reconhece BARROS (1985, p. 196), "muito mais usado como pejorativo que o diminutivo, e raramente traduz carinho". De fato, tanto é assim que, para expressar a pejoratividade, dispõe o aumentativo de não poucos sufixos: mulheraça, poetastro, corpanzil, ladroeira, solteirona, beiçorra, mulherão etc., sendo que nesses dois últimos exemplos a pejoratividade ainda mais se intensifica com a mudança de gênero. E por falar em mudança de gênero, parece ter razão SANDMANN (1988, p. 33) ao atribuir como motivo para a mudança do feminino em masculino na formação de certos aumentativos (uma mulher - um mulherão) o fato de o masculino se prestar melhor para e expressão do que é grande e forte.

Outro aspecto relevante nesse confronto do aumentativo com o diminutivo é que o aumentativo é mais complexo do que o diminutivo. Isso acontece porque apesar de podermos usar outros sufixos para expressar o diminutivo (riacho, riachuelo, corpúsculo) -INHO e -ZINHO são infalíveis, são sempre sufixos diminutivos, pois sempre podemos usá-los como tal. Com o aumentativo, porém, a coisa é diferente. Ele é expresso mediante o sufixo -ÃO, mas existem outras formas (-AZÃO, -ARRÃO, -ALHÃO etc.). Posso dizer casão, mas na língua culta só emprego cazarão. Portanto, apesar de -INHO e -ZINHO serem universais, isso não ocorre com -ÃO. Além disso, enquanto na língua falada a tendência seja a da formalização do

aumento em -ÃO, na língua culta somos forçados a memorizar cada terminação.

6.3.2.2 Diminutivos. Os sufixos comparativos serão diminutivos quando funcionarem como modificadores capazes de, na maioria dos casos, além de diminuir uma noção contida na base, direcionando-a para baixo, acrescentar uma conotação subjetiva.

Em português, o principal sufixo diminutivo é o sufixo -INHO, com sua variante -ZINHO, sendo que, para MALHEIROS-POULET (1986, p. 18), há uma oscilação entre eles que faz com que -ZINHO seja empregado mais na linguagem culta ou em certas regiões do Brasil, enquanto -INHO estaria ligado à linguagem afetiva.

Além de -INHO e -ZINHO há ainda os sufixos -ĮNO, -ETE, -OTE, -ITO, -MIRIM, -OCA e os diminutivos verbais, dentre outros.

Sobre os sufixos -ETE e OTE, diz RIO-TORTO (1987, p. 110) serem eles aproximativos portadores do conteúdo semântico equivalente a "um pouco". Ex.: pequenote. Outrossim, quando aparece agregado a uma base adjetiva, conotativamente negativa, -OTE funciona como atenuador eufêmico dessa propriedade disfêmica. Ex.: feiote (= um pouco feio). Concordando com RIO-TORTO, diz SKORGE (1958, p. 24) que a função primária do sufixo -OTE é a da atenuação, e exemplifica com bonitote (= um tanto bonito).

Os sufixos -MIRIM (pistamirim) e -OCA (engenhoca) são citados por SANDMANN (1988, p. 47) que observa haver no último uma coloração emocional, além da noção de pequenez.

Quanto aos diminutivos verbais, temos em português os sufixos -IC, -ILH, -ISC e -IT que, ao se combinarem

com -AR, resultam nos diminutivos complexos freqüentativos (-ICAR, -ILHAR, -ISCAR e ITAR), indicadores do aspecto verbal. LOPES (1972, p. 225) cita como exemplo bebericar que, segundo ele, significa "beber muito", "costumar beber" e, sobretudo, "beber muitas vezes". Além desses, há ainda o sufixo verbal -EJAR, complexo apenas diacronicamente, que, em voejar, significa "dar pequenos vôos repetidos".

Semanticamente, o diminutivo nem sempre traduz uma mera diminuição dimensional, como acontece, por exemplo, em florzinha (= flor pequena). A depender da base na qual se fixa e das condições de emprego ou de outros fatores situacionais de ordem pragmática, pode indicar outras noções, inclusive a de superlativação.

Presos a nomes substantivos que fazem referência ao domínio dimensional, os diminutivos podem indicar uma simples diminuição de tamanho. A propósito, COSERIU (1982, p. 123-124) distingue a minoração diminutiva em que o diminutivo apresenta o objeto como intrinsecamente pequeno (casinha) da minoração adjetiva que o apresente como extrinsecamente pequeno (casa pequena) e, apesar de admitir ser a função expressiva (subjetiva) a mais freqüente e até mesmo a mais importante nos textos, não reconhece ser essa a função básica e constante dos diminutivos. Para ele, "o valor básico do diminutivo é sempre o de minoração objetiva" (p. 123), sendo o valor subjetivo "sempre um valor contextual, uma acepção que se realiza na designação concreta, e não um valor opositivo de língua, um significado" (p. 124).

Todavia, embora reconheçamos serem pertinentes as afirmações de COSERIU acerca dos diminutivos, é importante ressaltar que a noção de pequenez em nossa língua não é exclusivamente expressa pelo diminutivo. Ela pode ser expressa

também por heteronímia, como é o caso de novilho (equivalente a boizinho). Mas, nesse caso, é bom que se diga, temos intensificação semântica, e não intensificação gramatical.

Limitando-nos especificamente ao sufixo -INHO, vamos observar que outro valor semântico dele, além da minoração dimensional, é o da atenuação, correspondente às expressões "um tanto" e "um pouco", dentre outras possibilidades de interpretação. Em "Ele está barrigudinho" (= Ele está um pouco barrigudo), ao atenuar, o sufixo visou diminuir a quantidade sêmica da base. Isso é comum acontecer em relação a certas bases adjetivas que designem defeitos ou situações drásticas, como é o caso de ceguinho, aleijadinho e fraquinho, apesar de encontrarmos atenuação em outros tipos de base, como podemos constatar no exemplo "O doente passa melhorzinho", citado por ALI (1964, p. 100), em que a forma diminutiva traduz a noção de "um tanto".

Preso a um adjetivo ou a um advérbio, o sufixo diminutivo em vez de expressar tamanho, comumente expressa uma superlativação impregnada de afeto provocada pelo semantismo da base no sujeito. BECHARA (1980) confirma isso ao citar como exemplos "garoto bonitinho" (p. 93) e "saíu agorinha" (p. 155). Outro exemplo elucidativo é o de MALHEIROS-POULET (1983, p. 142) que, ao citar "Cheguei da rua molhadinha" diz ser o diminutivo empregado aqui com um valor superlativo (= bem molhada) "et la vision du locuteur semble être globale comme pour molhadíssima (....)".

Outros valores do diminutivo são os de natureza afetiva, os quais não foram percebidos pela gramática tradicional exatamente por ter se limitado apenas a uma apreciação conceitual. Para NÁÑEZ FERNÁNDEZ (1973, p. 131), "la reacción purista y la concepción lógica y normativa de la gra-

mática sufocan el estudo del diminutivo como un médio vivo de expresión lingüística hasta que el análisis estilístico rehabilita su importancia axiológica y funcional...".

O certo é que, conforme revela SKORGE (1958, p. 50), "O emprego de sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afectiva no primeiro plano". Mais adiante, ela reconhece que tal procedimento, exatamente por levar o emissor a expirmir um impulso positivo (carinho, saudade, desejo, prazer) ou negativo (troça, desprezo, ofensa) faz com que dessa forma se encontre no sufixo diminutivo um meio estilístico capaz de elidir "a objectividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga. O que, por um lado, possibilita a expressão espontânea e adequada de afectos, pode, por outro lado, servir para substituir sentimentos sinceros por fingidos" (p. 50-51).

A título de exemplificação citamos apenas mãezinha (= mãe querida), empregado por um filho ao se referir à sua mãe a quem ama muito, e doutorzinho (= doutor ordinário), dito por um paciente em tom de desabafo ao se referir a um médico incompetente. Nesses dois casos, por razões contextuais, o diminutivo não expressa "tamanho" mas sim "afeto" (positivo e negativo, respectivamente), o que evidencia de forma inequívoca que os sufixos diminutivos valem o que valem só dentro de um contexto e de uma determinada situação comunicativa.

Quanto ao valor semântico do sufixo -INHO, convém ainda registrar a interpretação dada por MALHEIROS-POULET (1983, p. 149-150) a todinha, sozinha, igualzinho. Para ela, "cés éléments modifiés acceptent une paraphrase à valeur superlative avec utilisation de completamente ou totalmente". E,

mais adiante, acrescenta: "ils signifient un tout, une totalité et ne peuvent pas être appliqués à une échelle de valeurs à deux pôles. La vision du locuteur est globale".

Por fim, deve-se evitar cometer o equívoco de interpretar como sufixo diminutivo a todo vestígio dele que, por aparecer esvaziado de qualquer valor semântico, sofreu um processo de lexicalização. Foi o que aconteceu, por exemplo, com folhinha (= calendário), que nesse caso não significa "folha pequena". Quanto a isso, diz NÁÑEZ FERNÁNDEZ (1973, p. 43) que são sufixos propriamente diminutivos "aquellos que tradicionalmente son tenidos por tales siempre que no posean una especialización léxica que los invalide (flequillo, lobato etc.), y tiene un significado simplemente disminuidor que alterna con el significado axiológico, o funciona conjuntamente".

6.3.3. **Sufixos superlativos**. Esses morfemas são intensificadores por natureza (bonís**simo**) ou por transferência (**doidamente**), não integrados na base, cuja estrutura mórfica corresponde à de um gramema preso sufixal que se caracteriza por expressar uma visão global do locutor:

(1) Ele é bonís**simo** ↑ + = muito bom

(2) Ela está **doidamente** apaixonada = muito apaixonada

6.3.3.1 **Por natureza**. Os sufixos superlativos serão por natureza quando por si mesmos funcionarem como mo-

dificadores capazes de aumentar uma noção contida na base, direcionando-a para cima, de forma a atingir uma intensidade elevada.

Referindo-se a tais intensificadores, a gramática tradicional denomina-os superlativo absoluto sintético. Divergindo dessa nomenclatura, ALI (1971, p. 82) propõe designá-los superlativos intensivos e justifica: "Pode-se, por comparação, formar conceito de uma série infinita de cambiantes da mesma qualidade, mas é impossível ter noção do limite extremo de cada qualidade em particular".

A argumentação de ALI parece ser convincente se considerarmos que há intensificadores capazes de intensificar a base para um grau de intensidade possível de ultrapassar a própria escala gradativa. Apesar disso, acreditamos que, a depender da conotação dada ao termo absoluto, ele pode ser cabível, se levarmos em conta a própria relatividade do absoluto.

Em português, os sufixos formadores do superlativo sintético são basicamente -ÍSSIMO, -ÍLIMO e -ÉRRIMO, os quais podem ser parafraseados pelo intensificador MUITO, responsável pela formação do superlativo analítico. Ex.: fortíssimo (= muito forte).

Há, contudo, distinções conotativas e de emprego entre os sufixos -ÍSSIMO/-ÍLIMO e -ÉRRIMO. Enquanto o primeiro tem livre curso nos registros altos da língua portuguesa, -ÉRRIMO, apesar da sua origem erudita, está se popularizando sobretudo na faixa etárea jovem, que prefere bacanérrimo, chatérrimo, animadérrimo a bacaníssimo, chatíssimo, animadíssimo. Em conseqüência disso, isto é, da novidade e do emprego insólito, é que -ÉRRIMO consegue ser mais expressivo, além de produzir um impacto mais forte do que -ÍSSIMO/-ÍLIMO.

Há ainda em português, dentre outros, os sufixos -OSO, -UDO e -EIRA (que expressam um grau de intensidade elevado) e -ITE (que expressa um grau de intensidade excessivo). Como exemplos, temos para o primeiro caso frioso (= abundância de frio), citado por CARVALHO (1990, p. 14), narigudo (= excesso de nariz, com conotação pejorativa) e trabalheira (= muito trabalho, com conotação pejorativa), citado por SANDMANN (1989a, p. 76); enquanto que, para o segundo caso, temos governite (= governo com excesso de leis e regulamentos), também citado por SANDMANN (1989a, p. 79).

Quanto à base, os sufixos superlativos por natureza operam, predominantemente, junto a bases adjetivas (educadíssimo) mas podem operar, com menos freqüência, junto a uma base adverbial (pertíssimo) e, mais raramente, junto a outras bases. VANNUCCHI (1976, p. 24) chama a atenção para o fato de o povo, em linguagem bastante informal, ter dado forma superlativa a certos substantivos e cita três exemplos dentre os quais transcrevemos "Aquele sujeito não sabe coisíssima[3] nenhuma" e "Você é cachorríssimo". SANDMANN (1988, p. 64), por sua vez, cita eletronicíssimo e campeoníssimo (= o campeão dos campeões) para, no final, concluir que "esses superlativos têm uma carga emocional bem grande, principalmente porque o uso de -íssimo com base substantiva ainda é um fato não-comum, um meio de expressão ainda pouco usado e por isso mesmo de grande força estilística". De fato, se considerarmos que um simples superlativo sintético junto a uma base adjetiva, além de imprimir maior força intensiva, impressiona

---

(3) O sufixo -ÍSSIMO que aparece junto a bases que não aceitam a intensificação (perfeito, mesmo, coisa etc.) funciona como um reforçador: coisíssima nenhuma (= coisa nenhuma mesmo).

mais o receptor do que um superlativo perifrástico, então não resta dúvida de que ao usarmos um sufixo superlativo junto a uma base substantiva alcançaremos uma expressividade ainda maior.

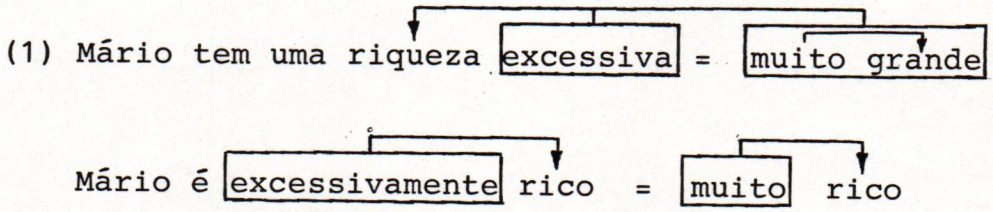
Cabe observar, contudo, que o superlativo nem sempre se junta a uma base vulgar do adjetivo, podendo, às vezes, prender-se a uma base latina (dulcíssimo, amabilíssimo, sapientíssimo etc.), mas esse emprego é raro. Tal raridade de uso ainda mais se acentua se considerarmos que o próprio sufixo superlativo (em razão de sua complexidade) é de uso bastante limitado na língua falada e praticamente ausente nos registros baixos, onde predominam os processos analíticos de intensificação.

Resta ainda dizer, citando BARRETO (1980, p. 98), que "para o efeito de dar maior força à palavra, o sufixo -íssimo dos superlativos é duplicado em grandissíssimo ou grandessíssimo; mas esta forma não ultrapassa as fronteiras da linguagem familiar".

Deixamos aqui de fazer uma apreciação acerca do que a gramática tradicional denomina "superlativo absoluto anômalo" (ótimo, péssimo, máximo...) por já termos tratado desse assunto alhures. No nosso entender, as formas expressas por tais superlativos são formas lexicalizadas. Assim, percebe-se que boníssimo não tem o mesmo significado de ótimo, como muito bem constatou MALHEIROS-POULET (1983, p. 165): Esta senhora é boníssima (= muito boa) / Esta senhora é ótima (= tem ótimas qualidades). Isso se explica pelo fato de, no primeiro exemplo, a intensificação ter ocorrido numa base cujo conteúdo semântico traduz a noção de uma qualidade moral (bom), ao contrário do segundo exemplo, em que a intensificação ocorreu numa base cujo conteúdo semântico traduz a noção

de um conjunto de qualidades relacionadas com talentos diversos, isto é, virtudes intelectuais, habilidades artísticas etc.

6.3.3.2 **Por transferência**. Os sufixos superlativos serão por transferência quando funcionarem como modificadores capazes de aumentar uma noção contida numa base adjetival através da mudança da categoria do adjetivo dessa base:



O exemplo acima mostra como um adjetivo semanticamente intensivo pode se transformar num advérbio também intensivo através do sufixo -MENTE, responsável pela translação. Percebe-se, então, haver a transferência de categoria de um lexema (excessiva) para um gramema (excessivamente), equivalente ao metatermo MUITO, o qual, associado ao adjetivo rico forma o superlativo analítico desse adjetivo. A esse processo lingüístico diz BARROS (1985, p. 191) que, "além de traduzir a intensidade, acumula uma qualidade expressa na noção da própria forma intensificadora".

Na realidade, o que ocorre é que o sufixo -MENTE, ao transformar o adjetivo em advérbio, transforma-se, com ele, num intensificador; não por conter em si uma noção de intensidade, mas por ser capaz de operar a translação.

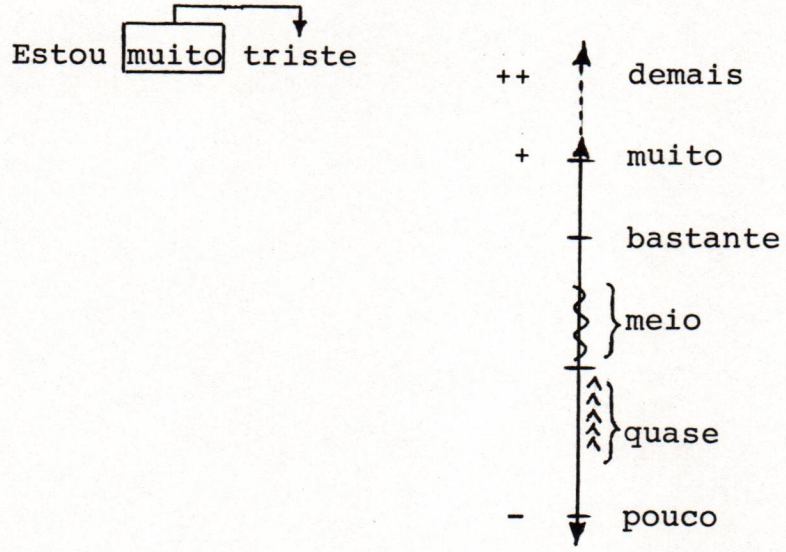
Semanticamente falando, há, segundo nos revela LAPA (1965, p. 111) uma equivalência entre os sufixos superlativos por natureza e os sufixos superlativos por transferência ao reconhecer que "um homem prodigiosamente rico" equiva-

le mais ou menos a dizer "um homem riquíssimo". Opinião semelhante tem OLIVEIRA (1962, p. 140), para quem "advérbios como extremamente e extraordinariamente equivalem hoje quase a muito, dele se diferençando no entanto pelo seu muito maior corpo fonético".

Acontece, porém, que os sufixos superlativos por transferência admitem outros sentidos em decorrência do semantismo da base na qual esteja preso. Foi o que descobriu MARTINS (1972, p. 129) ao citar "Estava ligeiramente apatetado" para mostrar o valor atenuativo da base modificada pelo sufixo -MENTE. Além disso, tal sufixo pode denotar a totalidade, a plenitude ou o grau máximo da qualidade, a exemplo do que se verifica em "Ele está inteiramente enegrecido pelo sol".

6.4 Gramemas livres. Entendemos por gramemas livres a todo morfema gramatical com autonomia formal que sempre aparece livre de uma base cujo núcleo é constituído por um radical. E aqui, particularmente, a um gramema livre constituído pelo que a gramática tradicional denomina advérbio de intensidade, artigo, pronome demonstrativo, pronome indefinido e numeral, desde que funcione ora como um intensificador por natureza (não integrado na base na qual se prende), ora como um intensificador por transferência (integrado ou não na base), sem falar dos reforçadores do intensificador.

Excetuando os reforçadores do intensificador, os gramemas livres expressam uma visão relativa do locutor se forem intensificadores por natureza:



Sendo intensificadores por transferência de sentido, os gramemas livres expressam uma visão global do locutor:

Estou cem por cento satisfeito =

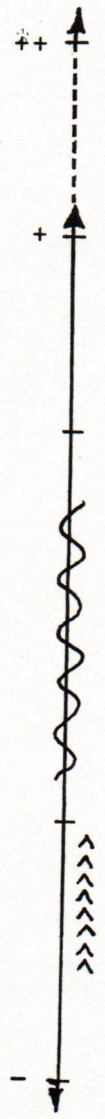
= inteiramente satisfeito

6.4.1 Intensificadores por natureza. Os gramemas livres serão intensificadores por natureza quando (correspondendo ao que a gramática tradicional denomina advérbio de intensidade) por si mesmos funcionarem como modificadores capazes de aumentar ou diminuir uma noção contida numa base).

Importa-nos, dentre os intensificadores por natureza que funcionam como gramemas livres fazer aqui uma apreciação apenas daqueles comumente empregados na linguagem corrente, excetuando os que aparecem nas estruturas mais complexas correspondentes às das frases exclamativas, comparativas, proporcionais, consecutivas e concessivas, isto é, COMO, MAIS, MENOS, QUANTO, QUE, TANTO, TÃO, TAL.

Os intensificadores por natureza encontram o seu

lugar numa determinada escala de valores ao se relacionarem com um grau médio a partir do qual os outros graus receberão uma orientação para cima ou para baixo, ou melhor, para uma posição precisa ou imprecisa da escala, seguindo a direção de um de seus pólos (o positivo ou o negativo):



++ DEMAIS/SOBREMANEIRA vermelho. (maximizadores)

\+ MUITO/BEM/MESMO vermelho. (superlativizadores)

BASTANTE/ASSAZ/UM BOCADO vermelho. (superlativizadores)

UM TANTO/UM POUCO/MEIO/MAIS OU MENOS vermelho. (aproximadores)

vermelho.

QUASE vermelho. (aproximador)

\- POUCO vermelho. (minimizador)

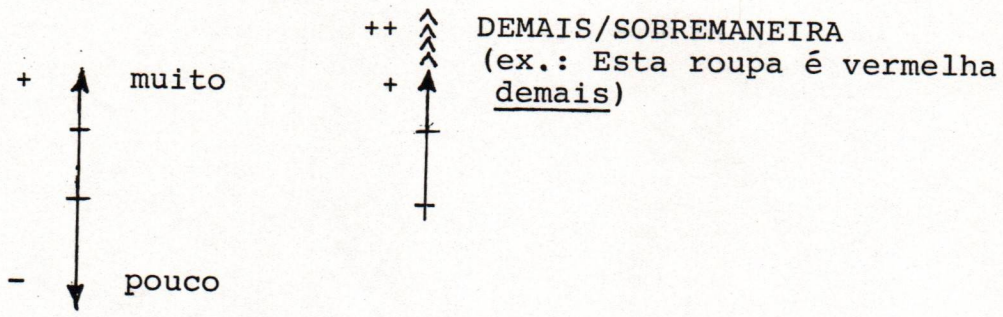
Em virtude das limitações deste trabalho não faremos um estudo minucioso de todas as implicações semânticas dos intensificadores por natureza supracitados[4].

---

(4) Aos que desejarem um estudo em profundidade desse assunto, recomendamos consultar MALHEIROS-POULET (1983, p, 177-214) e DUCROT (1981).

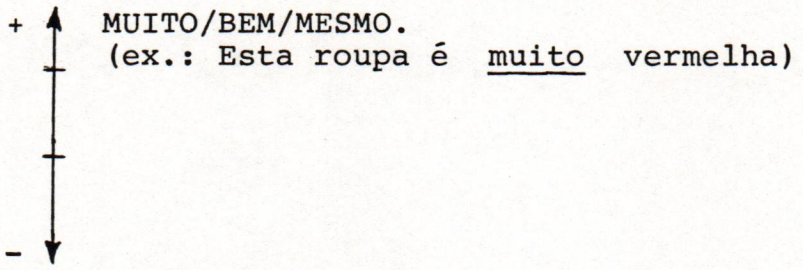
6.4.1.1 <u>**De grau máximo**</u>. Os gramemas livres intensificadores por natureza serão de grau máximo quando funcionarem como modificadores capazes de aumentar uma noção contida na base, direcionando-a para cima, de forma a atingir um grau de intensidade muitíssimo elevado (excessivo), o que caracteriza uma modalidade de intensificação amplificada do tipo maximal.

O intensificador de grau máximo é portador de um grau de intensidade que ultrapassa a escala graduada bipolar em cujos extremos estão situados os marcadores de intensidade MUITO (no pólo positivo) e POUCO (no pólo negativo):



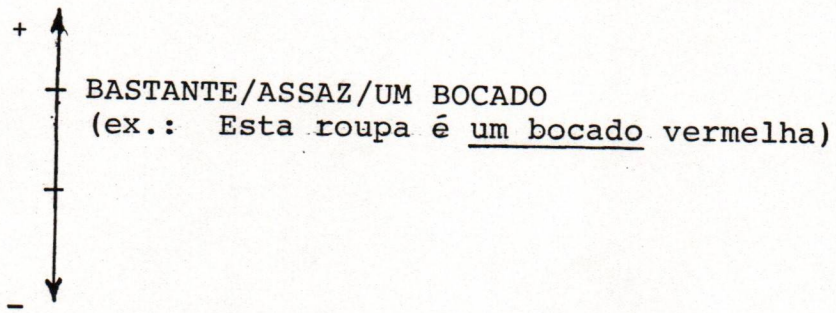
6.4.1.2 <u>**De grau superior-alto**</u>. Os gramemas livres intensificadores por natureza serão de grau superior-alto quando funcionarem como modificadores capazes de aumentar uma noção contida na base, direcionando-a para cima, de forma a atingir um grau de intensidade muito elevado, o que caracteriza uma modalidade de intensificação amplificada do tipo superlativa absoluta.

O intensificador de grau superior-alto está situado no pólo positivo da escala graduada, o que faz com que ele se oponha ao grau inferior, situado no pólo negativo da mesma escala:



6.4.1.3 De grau superior-baixo. Os gramemas livres intensificadores por natureza serão de grau superior-baixo quando funcionarem como modificadores capazes de aumentar uma noção contida na base, direcionando-a para cima, de forma a atingir um grau de intensidade elevado, o que caracteriza uma modalidade de intensificação amplificada do tipo superlativa relativa.

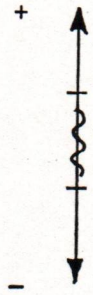
O intensificador de grau superior-baixo está situado numa posição intermediária entre o grau superior-alto e o grau médio-superior da escala:



6.4.1.4 De grau médio-superior. Os gramemas livres intensificadores por natureza serão de grau médio-superior quando funcionarem como modificadores capazes de aumentar uma noção contida na base, direcionando-a para cima, de forma a atingir um grau pouco elevado de intensidade, o que caracteriza uma modalidade de intensificação atenuada do tipo aproximativa.

O intensificador de grau médio-superior está situa-

do numa zona imprecisa da escala, entre o grau médio (correspondente à palavra não intensificada) e o grau superior-baixo:



UM TANTO/UM POUCO/MEIO/MAIS OU MENOS
(ex.: Esta roupa é <u>um pouco</u> vermelha)

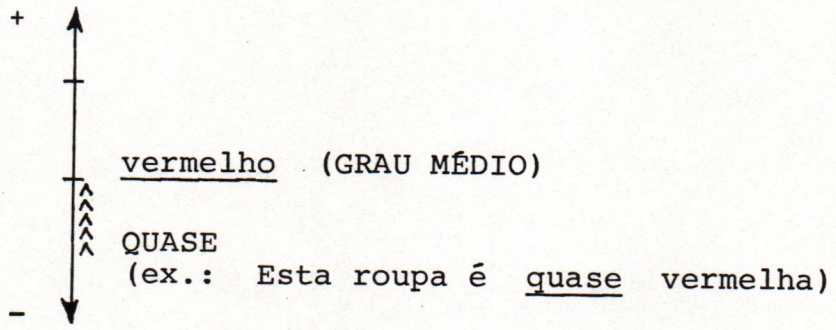
O caráter impreciso desses intensificadores às vezes é percebido pelos usuários da língua portuguesa. Para ilustrar isso, transcrevemos a seguir alguns trechos da crônica de MOTA (1991, p. 4):

> Há poucos dias, por exemplo, Otto Lara Resende chamava a atenção para o pouco gosto dos brasileiros pela exatidão. Somos o país do mais ou menos. (...).
>
> .....
>
> A tese do mais ou menos, aplicada ao presidente Fernando Collor, pode ajudar a compreender muito do que está acontecendo. Tudo nele cada vez mais se esclarece à luz desse traço de caráter impreciso e ambíguo. É moderno esse presidente, como ele tanto gosta de se autoproclamar? Mais ou menos. (...).
>
> .....
>
> Collor é parlamentarista? Mais ou menos. Ou melhor, é num dia e deixa de ser no outro, comprometendo a palavra empenhada de um presidente da República. (...).

6.4.1.5 <u>De grau médio-inferior</u>. Os gramemas livres intensificadores por natureza serão de grau médio-inferior quando funcionarem como modificadores capazes de dimi-

nuir uma noção contida na base, direcionando-a para baixo, de forma a atingir um grau pouco baixo de intensidade, o que caracteriza uma modalidade de intensificação atenuada do tipo aproximativa.

O intensificador de grau médio-inferior está situado numa zona imprecisa da escala, imediatamente anterior ao grau médio, isto é, entre o grau médio e o grau inferior:

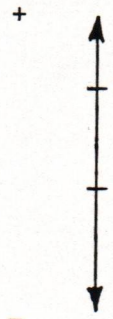


Apesar de o intensificador de grau médio diminuir uma noção contida na base, nota-se que, em relação ao grau inferior, há um aumento progressivo de intensidade em direção ao grau médio, isto é, ao lexema não modificado pelo intensificador.

6.4.1.6 De grau inferior. Os gramemas livres intensificadores por natureza serão de grau inferior quando funcionarem como modificadores capazes de diminuir uma noção contida na base, direcionando-a para baixo, de forma a atingir um grau muito baixo de intensidade, o que caracteriza uma modalidade de intensificação atenudada do tipo minimal.

O intensificador de grau inferior está situado no pólo negativo da escala graduada, o que faz com que ele se oponha ao grau superior, situado no pólo positivo da mesma es-

cala:

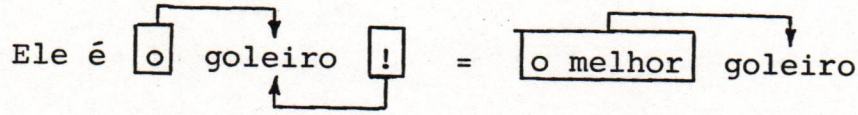


POUCO
(ex.: Esta roupa é pouco vermelha)

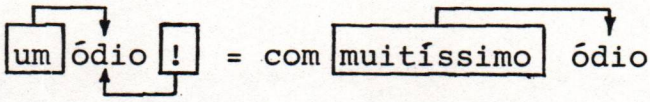
6.4.2 **Intensificadores por transferência de sentido**. Os gramemas livres serão intensificadores por transferência de sentido quando a intensificação acontecer pela mudança de sentido de um artigo, de um pronome demonstrativo, de um pronome indefinido ou de um numeral[5]. Sobre esse assunto há em MALHEIROS-POULET (1983, p. 215-234) um estudo específico que merece ser consultado.

6.4.2.1 **Artigos**. São gramemas livres (pertencentes à classe dos pronomes) que possuem um intensificador por transferência de sentido, integrado, que se caracteriza por expressar uma visão global do locutor:

(1) Mário não é apenas um goleiro.



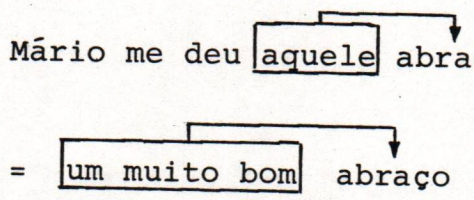
(5) SILVEIRA (1937, p. 311) faz referência a um tipo de gramema livre intensificador por transferência de sentido não incluído em nossa classificação por ser hoje desusado. Trata-se da preposição sobre: "alva sobre quantas foram, / santa sobre quantas são." (GIL VICENTE, Mofina Mendes; na edição de 1562, fl. XXI, v.).



Na frase (1) entende-se aqui que Mário não é um mero goleiro, mas um goleiro que tem em grau máximo todas as qualidades exigíveis de um ótimo goleiro, enquanto que na frase (2) entende-se que se está com muitíssimo ódio.

Em ambos os casos, não se pode ignorar que a entonação é responsável pelo efeito superlativante, mas não se pode menosprezar a força intensificadora da noção de unicidade do artigo. A unicidade destaca da coletividade um elemento e o coloca numa posição de preeminência, como vimos no exemplo (1).

6.4.2.2. <u>Pronomes demonstrativos</u>. São gramemas livres (pertencentes à classe dos pronomes) que possuem um intensificador por transferência de sentido, integrado, que se caracteriza por expressar uma visão global do locutor:



SANDMANN (1989b, p. 567) ao se referir a tais intensificadores, cita os seguintes exemplos: (sanduíche) desse (tamanho), daquele (tamanho). E observa que na situação concreta de fala o pronome pode vir acompanhado de gesto, o que será um reforço de comunicação. Por fim, conclui: "Aliás a forma de expressão primeira terá sido com o gesto, o qual passou depois a ser dispensado eventualmente".

6.4.2.3 Pronomes indefinidos. São gramemas livres (pertencentes à classe dos pronomes) que possuem um intensificador por transferência de sentido, integrado ou não, que se caracteriza por expressar uma visão global do locutor. E aqui, particularmente, estamos nos referindo aos indefinidos CADA, TODO, TUDO:

(1) Ele faz cada barbeiragem! =

= muito grande barbeiragem!

(2) Ela fechou a porta com toda a força =

= muita força

(3) Quem fez essa bagunça toda? = muito grande?

(4) Ele está todo sujo = totalmente sujo

Em relação a TODO/TUDO é importante observar que o seu valor semântico vai depender da base com a qual se relaciona e também do contexto. "Há matizes de significação que partem do valor nocional mais acentuado até o esvaziamento da significação e a pura intensificação. Nota-se sempre a participação decisiva dos sentimentos" (CALÇADA, 1980, p. 252).

Referindo-se aos indefinidos, ALCINA FRANCH & BLECUA (1982, p. 643) diz que o pronome TODO "toma valor intensivo cuando se emplea con nombres abstractos de cualidad, estado y actos psíquicos (con toda elegancia)". E acrescenta:

"El mismo valor aparece en las agrupaciones todo lo más, todo lo bastante, todo lo bueno etc., y con adverbios y locuciones autónomas (todo alrededor, en todo lo alto, por todo alto etc.)".

Por fim cabe observar que sempre que TODO puder ser parafraseado por MUITO ele deixa de ser um intensificador integrado na base e passa a ser um intensificador não integrado.

6.4.2.4 Numerais. São gramemas livres (pertencentes à classe dos adjetivos) que possuem um intensificador por transferência de sentido (integrado ou não) que se caracteriza por expressar uma visão global do locutor:

(1) Vimos milhares de balões no céu =

= grande número de balões...

(2) "... uma garota trilegal (...)"[6]

(3) Ele é um marido de primeira = muito bom

(4) O doce está cem por cento = muito bom

(5) Isto aqui está ficando mil vezes pior =

---

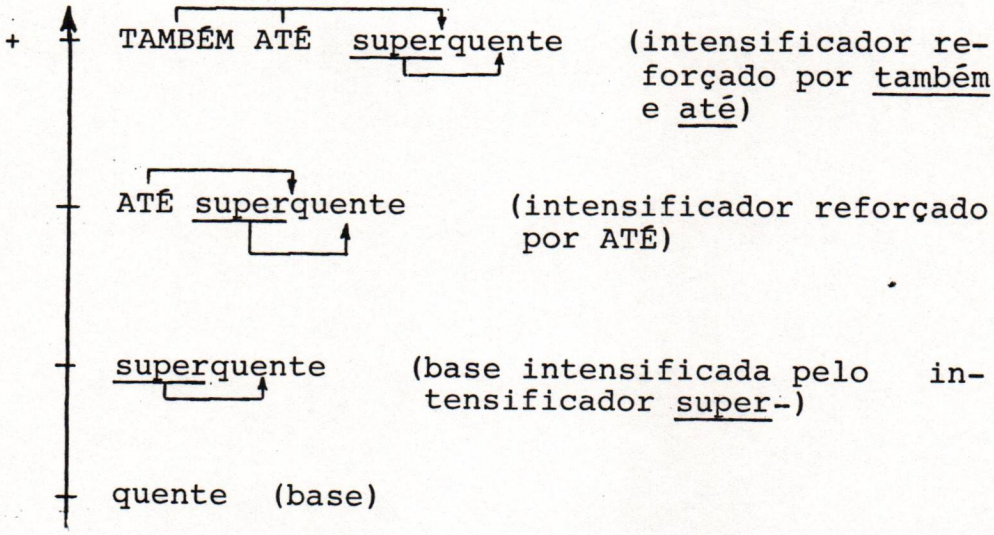
(6) Exemplo citado por MALHEIROS-POULET (1983, p. 234), que, no Brasil, é usado no Rio Grande do Sul.

= mutíssimo pior

"Usam-se os numerais com valor intensivo pelo exagero expresso nos números, pois permitem a intensificação das noções por apresentarem as palavras com todo o seu vigor, superlativando a expressão emotiva" (CALÇADA, 1980, p. 252).

6.4.3 Reforçadores do intensificador. Os gramemas livres serão reforçadores do intensificador quando funcionarem não como um intensificador mas sim como um reforçador da intensidade dada a uma determinada apreciação, de forma a possibilitar ao locutor a criação de uma isotopia intensiva de natureza argumentativa (persuasiva). Diz MALHEIROS-POULET (1983, p. 235) que "ces morphèmes, sans être des opérateurs d'intensité, ont la propriété de renforcer l'intensité donnée par un opérateur x car ils portent en eux des informations relatives à la valeur argumentative de l'expression modifiée, beaucoup plus évidentes que les opérateurs d'intensité eux-mêmes". A propósito, ela reconhece como reforçadores os conjuntos formados por ATÉ, NEM, ALÉM DE, AINDA, ENTÃO, POUCO A POUCO, CADA VEZ, CADA DIA (que introduzem um argumento mais forte do que o precedente dando uma orientação, que pode ser progressiva, para um nível superior); por TAMBÉM (que funciona como um reforço produzido pelo resultado da adição de dois argumentos); por ALIÁS (que aparece como um parênteses para fazer um esclarecimento); por MAS, ANTES (que funcionam como morfemas capazes de realizar uma inversão de argumentos); e por SÓ, APENAS (que indicam uma restrição). A título de ilustração, vejamos como se constrói uma isotopia intensiva num pequeno enunciado:

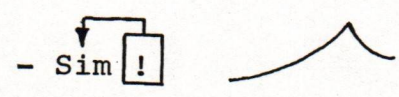
Esta cidadezinha é ruim por ser suja e por ser tambem até superquente.



Conforme podemos constatar, então, os reforçadores do intensificador desempenham aqui o duplo papel de amplificadores da intensificação e de argumentadores[7].

6.5 Gramemas supra-segmentais. Entendemos por gramemas supra-segmentais a todo morfema gramatical que não se constitui num segmento mórfico mas que aparece acima dele ou paralelo a ele, em função emotiva (não referencial). E aqui, particularmente estamos nos referindo à entonação, que funciona como um intensificador por natureza, não integrado na base. Tomemos, como exemplo, uma resposta afirmativa enfática dada após uma pergunta feita por alguém:

- Você vai mesmo sair hoje?



(7) Para uma análise do caráter argumentativo dos reforçadores de intensidade na língua portugues recomendamos ler

Nesse caso temos dois elementos no plano da expressão (a cadeia fonológica /sĩ/ + a curva melódica da entonação) que se relacionam respectivamente aos sentidos de "afirmação" e "ênfase".

Fica claro, então, que a entonação, apesar de não poder ser analisada em termos fonemáticos, tem o valor de um gramema.

Tais gramemas se caracterizam por expressarem uma visão global do locutor e subdividem-se em gramemas supra-segmentais expressos pelo acento de insistência, em gramemas supra-segmentais expressos pela frase exclamativa simples sem reforçadores e em gramemas supra-segmentais expressos pela frase simples reforçada.

6.5.1 Expressos pelo acento de insistência. Os gramemas supra-segmentais serão expressos pelo acento de insistência quando a itensificação for redundantemente marcada tanto pela entonação quanto por uma acentuação expressiva (colocada na palavra, no fonema prolongado ou não e na sílaba) ou tanto pela entonação quanto por pausas significativas:

(1) Este carro é VELOZ!

(2) Você é Ótimo!

(3) Gooooool!

(4) Este governo é INcompetente!

(5) For-mi-dá-vel!

6.5.2 Expressos pela frase exclamativa simples sem reforçadores. Os gramemas supra-segmentais serão expressos pela frase exclamativa simples sem reforçadores quando a intensificação for marcada por uma simples frase exclamativa caracterizada na língua falada por um acento ascendente e, na língua escrita, por um ponto de exclamação:

(1) Este carro é veloz !

MALHEIROS-POULET (1984, p. 110) observou muito bem que "l'intonation exclamative actualise parfois un sens opposé au semantisme originel de l'expression qu'elle intensifie". De fato, é o que se pode constatar através do seguinte exemplo, citado por ela:

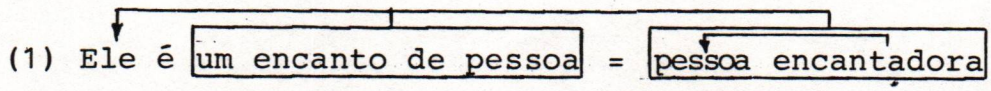
É feia! feia! = É muito bonita

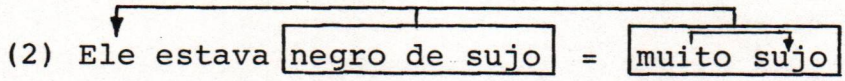
6.5.3 Expressos pela frase exclamativa simples reforçada. Os gramemas supra-segmentais serão expressos pela frase exclamativa simples reforçada quando a intensificação for redundantemente marcada por uma frase exclamativa mais um intensificador do tipo QUE, QUÃO, O QUE, QUANTO, COMO, SE, TÃO, TANTO, TAL, MAIS, ou por uma frase exclamativa mais uma interjeição:

(1) Como você está elegante !

(2) Arre, Maria ! Você está insuportável.

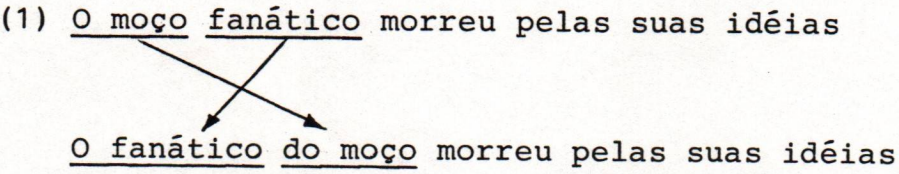
6.6 Construções sintagmáticas enfáticas. Entendemos por construções sintagmáticas enfáticas a uma seqüência binária que funciona como um intensificador (integrado ou não na base) em que um dos elementos (o determinado) é modificado pelo outro (o determinante):

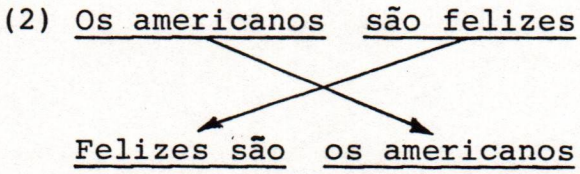




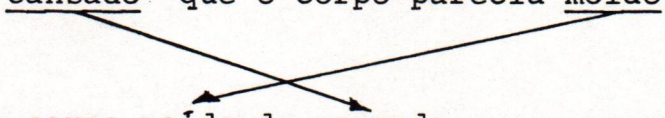
Tais grammemas se caracterizam por expressarem uma visão global do locutor e podem ser subdivididos em construções sintagmáticas enfáticas por inversão, construções sintagmáticas enfáticas por inserção de uma expressão enfática e construções sintagmáticas enfáticas por repetição.

6.6.1 Por inversão. As construções sintagmáticas enfáticas serão expressas por inversão quando a intensificação acontecer em conseqüência da transposição dos elementos constituintes do sintagma:





(3) Estava tão cansado que o corpo parecia moído



Ele tinha o corpo moído de cansado

No exemplo (1) temos, após a inversão, uma substantivação do adjetivo (fanático) que se exprime, gramaticalmente, pela colocação do artigo antes do adjetivo.

6.6.2 **Por inserção de uma expressão enfática.** As construções sintagmática serão expressas por inserção de uma expressão enfática quando a intensificação acontecer em virtude da introdução de um marcador do tipo BEM QUE, QUE (...) É, É QUE, E MUITO, E TANTO, na estrutura do sintagma:

(1) Eu bem que gostaria de ir com você

(2) De tão estudiosa que ela é, acabará sendo aprovada

(3) Isto é que é vida, meu rapaz!

(4) Ele trabalhou, e muito, nesta construção

6.6.3 **Por repetição.** As construções sintagmáticas enfáticas serão expressas por repetição quando a intensificação acontecer em virtude da repetição dos elementos constituintes do sintagma ou do próprio sintagma, podendo tal repetição ser contígua ou não-contígua.

Quanto à repetição de um sintagma frasal diz OLI-

VEIRA (1962, p. 93) não haver, geralmente, superlativação de um dos seus elementos (verbo, adjetivo ou advérbio) em especial. O que acontece é que "todo o conjunto recebe uma acentuação emotiva e, mais do que um processo de intensificação, a repetição da frase é uma maneira de exprimir um estado de alma violentamente afetivo".

Já a repetição da palavra, segundo LAPA (1965, p. 109-110) "é um processo estilístico que serve para exprimir, com alvoroço do sentimento, a qualidade ilimitada". Mais adiante ele conclui que a "repetição do nome não só dá intensidade à representação, mas ainda a envolve de certo mistério e perturbação afetiva". Outrossim, lendo RAMOS (1932, p. 39), VANNUCCHI (1976, p. 26), BECHARA (1980, p. 93) e GONZÁLEZ CALVO (1985, p. 127), parece ser consensual a noção de que a reiteração do lexema (mais particularmente do lexema adjetival) tem a função de superlativá-lo. Ex.: Ele estava triste, triste, triste = Ele estava tristíssimo. Todavia, o certo é que a repetição não só intensifica como também destaca o termo repetido. OLIVEIRA (1962, p. 91) abre uma exceção para a repetição verbal a qual, segundo ela, "nem sempre é intensiva; tem correntemente valor cursivo, isto é, indica a continuidade da ação". Depois conclui: "É apenas da simples repetição do adjetivo, do advérbio ou do pronome que ressalta claramente a força intensiva do processo" (p. 96).

Resta ainda, a título de observação, dizer que a repetição fonêmica não se insere neste item por não se constituir numa construção sintagmática, sendo mencionada por BARROS (1985, p. 194), que a denomina aliteração e a considera como recurso fônico de intensificação. Para ilustrar, ele cita o seguinte exemplo:

"Boi bem bravo, bate baixo, bota ba-

ba, boi berrando...

Dança doido, dá de burro, dá de dentro, dá direito... Vai, vem, volta, vem na vara, vai não volta, vai varando."

(ROSA, J.G. Sagarana. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956, p. 23)

6.6.3.1 Contígua. A repetição contígua consiste na reiteração em seqüência de uma ou mais unidades lingüísticas, sem a inserção de um outro componente entre as unidades repetidas, ocorrendo a intensificação a partir da primeira unidade repetida:

(1) Esta paisagem é bela bela bela = muitíssimo bela.

(2) Ele saíu correndo, correndo, correndo.

(3) Não resta dúvida que ele foi feliz, isso ele foi.

(4) Ele mora longe, distante

Os exemplos (3) e (4) constituem exceções em relação aos processos comuns de repetição por ser, o primeiro caso, uma reiteração gramatical anafórica e, o segundo, uma reiteração semântica por sinonímia.

6.6.3.2 Não-contígua. A repetição não-contígua consiste na reiteração não seqüencial de uma ou mais unidades lingüísticas com a inserção de um outro componente entre as

unidades repetidas, ocorrendo a intensificação a partir da primeira unidade repetida:

(1) O meu amigo dançou que mais dançou, até se cansar.

(2) Depois dos aplausos, retumbantes aplausos, seguiram-se os discursos.

7. Os intensificadores por relação

Os intensificadores por relação são aqueles capazes de alterar (aumentando ou diminuindo) a intensidade do semantismo de uma base estabelecendo relação com uma noção estranha a ela, mediante uma frase comparativa, uma frase consecutiva, uma frase proporcional ou uma frase concessiva. Exemplo:

Na intensificação por relação, ao contrário da intensificação por extensão, a escolha do procedimento sempre corresponde a uma visão relativa do locutor. Além disso percebe-se que "os procedimentos de intensificação por relação põem em relevo estruturas correlativas" (MALHEIROS-POULET, 1983, p. 70).

7.1 Frase comparativa. Entendemos aqui por frase comparativa a uma estrutura frasal com conotação intensiva constituída por uma oração[1] ou por duas orações nas quais o grau da intensidade se faz mediante o confronto entre o comparado e o comparante acompanhados de um intensificador por relação e, salvo exceção, de um nexo comparativo.

A frase comparativa pode, portanto, em decorrência

---

(1) Sobre a comparação dentro de uma só oração, consultar MARTINS (1967, p. 183-211).

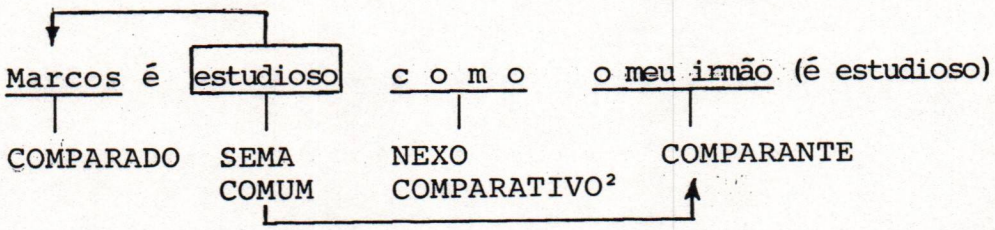
de suas próprias características, ser por desigualdade (para mais ou para menos) ou por igualdade (equivalência). Daí a tradicional classificação do impropriamente denominado "grau" comparativo de superioridade, "grau" comparativo de igualdade e "grau" comparativo de inferioridade.

Como a frase comparativa expressa uma comparação, é importante definir bem o que vem a ser isso.

CÂMARA Jr. (1978) entende por comparação a "uma construção sintática de dois membros, em que um é posto em cotejo com outro, definindo-se em função do que se sabe desse outro".

Em outras palavras, diz MARTINS (1967, p. 179) ser a comparação o "confronto entre dois seres ou grupos de seres, duas qualidades, estados ou ações".

Pelo exposto, a forma clássica da comparação seria então a seguinte:



Mas para que a comparação seja de fato intensiva é necessário que o comparante (o meu irmão) possua uma carga intensiva, isto é, seja de fato muito estudioso, e que tal

---

(2) O nexo comparativo pode ser expresso por verbos, adjetivos ou locuções da área semântica do confronto, como é o caso de "Ele caminha direitinho o pai" e "Ficou alegre exato um palhaço", além das costumeiras conjunções ASSIM COMO, TAL COMO, TANTO COMO, TAMBÉM COMO, TÃO/TANTO... QUANTO, QUAL, TAL, TAL QUAL, TAL... TAL, TAL e QUAL, TALEQUAL, TALQUALMENTE, QUE NEM, NEM, FEITO, ASSIM FEITO, MESMO QUE etc.

intensidade se constitua num sema comum aos dois termos (Marcos e o meu irmão). É nisso que reside a força de intensidade incorporada no comparado, porque se o comparante (o meu irmão) for nem muito nem pouco estudioso não haverá, nesse caso, nenhuma intensificação.

Sobre a construção comparativa ALCINA FRANCH & BLECUA (1982, p. 582) diz que ela "es una sobreestrutura montada sobre el adjetivo mediante la cual se fija la intensidad con que se da el adjetivo por contraste con um término que se llama segundo término de la comparación". E acrescenta, mais adiante: "El adjetivo constituye la base de la comparación y actúa de primer término de la comparación. Va acompañado de un intensivo, (...), según que en la comparación se subraye la superioridad, inferioridad o igualdad".

Ao tratarem da comparação CUNHA & CINTRA (1985, p. 247), observam que ela pode indicar que um ser possui determinada qualidade em grau superior, igual ou inferior a outro ser (João é mais alto do que Antônio) ou que num mesmo ser determinada qualidade é superior, igual ou inferior a outra que possui (João é mais apressado do que pontual). São os mesmos autores que, confundindo grau com processo, cometem o equívoco, encontrado na gramática tradicional com o patrocínio da Nomenclatura Gramatical Brasileira, de afirmar serem "dois os GRAUS do adjetivo: o COMPARATIVO e o SUPERLATIVO". Ocorre, porém, que o superlativo não se constitui num tipo de grau, conforme já vimos, e muito menos o comparativo, porque comparação não é grau mas sim um processo sintático através do qual se pode expressar o grau superior, médio ou inferior.

Quanto à função da comparação, MARTINS (1967, p. 179) diz, com bastante propriedade, que ela "serve não só

não encontramos uma definição ou descrição satisfatória, como também para imprimir mais ênfase, vigor, graça, colorido, pitoresco ou originalidade aos fatos que desejamos transmitir".

Ainda sobre a comparação, resta dizer que na frase comparativa a noção de aspecto pode estar presente também, como acontece em "Ele estava ficando cada dia mais magro" (aspecto durativo cursivo imperfectivo). Nesse caso temos um tipo de comparação progressiva. A propósito, ver MARTINS (1967, p. 194-195), para quem a comparação progressiva é uma construção muitíssimo usada.

Outros aspectos acerca da comparação poderiam ser discorridos, mas para não extrapolar os limites desta dissertação não abordaremos aqui todas as questões pertinentes a esse respeito. Apenas cumpre-nos recomendar RIVARA (1990) para quem desejar realizar um estudo específico e em profundidade do sistema comparativo em português.

7.1.1 <u>De superioridade (parcial ou total)</u>. A frase comparativa será de superioridade quando indicar que o termo comparado, em confronto com o termo comparante (presente ou não), possui determinada qualidade em grau superior. Ex.: Marcos é <u>mais</u> inteligente do que Roberta.

Dentre as frases comparativas de superioridade inserimos o chamado "superlativo relativo" pela gramática tradicional. Na realidade, o <u>superlativo</u> (Ele é o mais estudioso da turma) não indica um grau superior ao do <u>comparativo</u> (Ele é mais estudioso do que João e Maria) mas sim o mesmo grau em outra perspectiva. Nos dois casos houve comparação mas, no primeiro caso, o resultado é dado em relação a <u>João e Maria</u>, enquanto que, no segundo, em relação à turma toda. Portanto,

um comparativo mais extenso, isto é, um comparativo absoluto ou total. Essa é também a opinião de BORBA (1972, p. 216), MELO (1978, p. 72), SILVA (1973, p. 62) e ALCINA FRANCH & BLECUA (1982, p. 583).

Alertando para a inconveniência da nomenclatura, CÂMARA Jr. (1978, p. 131) esclarece que "os comparativos de superioridade e inferioridade total são chamados impropriamente SUPERLATIVOS RELATIVOS, porque em latim tinham o mesmo sufixo que os superlativos propriamente ditos, chamados, por isso, absolutos". E termina a sua apreciação citando como exemplo "felicissima matrum" que, traduzido, significa "a mais feliz das mães".

VANNUCCHI (1976, p. 64-66), ao negar a existência do superlativo relativo, revela que o determinante o, colocado na estrutura superficial, antes de mais, nada tem a ver com o intensificador. E acrescenta: "Na realidade, ele está anteposto a um substantivo, que existe na estrutura profunda e que foi omitido, por desnecessário, na estrutura superficial" (p. 65). Para ilustrar, cita como exemplo "João é o aluno mais alto de todos os alunos da classe" em que o substantivo aluno pode ser suprimido, por já estar superficializado à direita: "João é o mais alto de todos os alunos".

Todavia, é importante observar que sempre o denominado "superlativo relativo" funciona como uma frase comparativa. Segundo OLIVEIRA (1962, p. 194-195), "quando o termo da comparação é demasiado vasto e perde o seu valor real, deixa de haver comparação e, o superlativo relativo passa a ser absoluto". É o que se pode constatar lendo os exemplos citados por ela: "Isto é a carta mais descabida do mundo!" (p. 195). "É, ..., um dos mais belos filmes de todos os tempos!"

"Este pregado de mangas é o mais moderno possível" (p. 200). Mais adiante a mesma autora esclarece que "sempre que se apaga o sentido da composição, toma o primeiro plano o papel de superlativo e ele é então um verdadeiro intensificador. Quando é que este sentido de relatividade enfraquece, indicam-no o contexto e as formas empregadas. Por vezes é difícil saber, na língua escrita, se o autor tinha em mente a intenção de comparar ou a de intensificar, ou as duas" (p. 202).

MALHEIROS-POULET (1984, p. 145-151), oferece uma classificação para a frase comparativa de superioridade com conotação intensiva que vale a pena ser mencionada. Para ela, tais frases realizam a comparação com efeito de extensão maximal dado ao termo comparante, resultando no que se denomina comparação hiperbólica (Está mais triste do que viúva em dia de finados. Esta é a melhor cidade do mundo) ou com efeito de extensão minimal por anulação do termo comparante, resultando numa noção de singularidade (Maior do que este não há. Você já viu cidade mais limpa?). Segundo a autora supracitada "l'impossibilité de comparaison rend le terme comparé unique, singulier. C'est cette notion de singularité qui produit la connotation intensive" (p. 150). E mais adiante conclui "qu' un même type d'expressions peut apparaître — tantôt lié à la vision généralisante (comparaison hyperbolique) (...), — tantôt lié à la vision particularisante (singularité)" (p. 151).

Por sua vez, as comparativas de superioridade com efeito de extensão maximal podem ser por ultrapassagem (Ele está mais do que feliz. Ele está pra lá de feliz) ou por comparação com um conjunto não mensurável, correspondendo o último caso ao que a gramática tradicional denomina "superlati-

(Ele é o melhor goleiro da cidade), com alargamento parcial, correspondendo ao que se denomina superlativo hebraico (Ele é o goleiro dos goleiros) e com alargamento máximo (Ele é o goleiro que conseguiu segurar o maior número de gols possível).

CUNHA & CINTRA (1985, p. 253) observam que "a função de superlativo relativo pode ser também desempenhada por um numeral ordinal ou por adjetivos que denotam posições extremas" e cita dois exemplos ("Bartolomeu Dias foi o primeiro navegante que dobrou o Cabo das Tormentas" e "O Amazonas é o principal rio do Brasil") aos quais acrescentamos: "Ele foi o derradeiro representante do Modernismo".

7.1.2 De igualdade. A frase comparativa será de igualdade quando indicar que o termo comparado, em confronto com o termo comparante, possui determinada qualidade em grau idêntico. Ex.: Marcos é tão inteligente quanto Roberta.

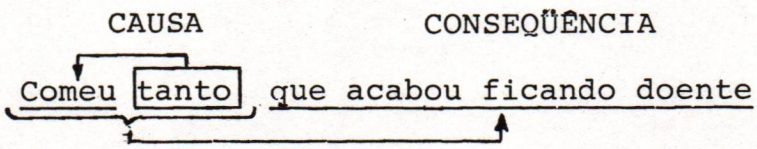
Sobre esse tipo de frase vale a pena consultar VOGT (1977), para quem "é preciso levar ainda em conta (...) a própria ambigüidade argumentativa da estrutura" (p. 63). De fato, no exemplo mencionado, não se é possível saber se Marcos é muito inteligente, inteligente, ou pouco inteligente, pois se Roberta não for inteligente, então Marcos será medíocre.

7.1.3 De inferioridade (parcial ou total). A frase comparativa será de inferioridade quando indicar que o termo comparado, em confronto com o termo comparante (presente ou não) possui determinada qualidade em grau inferior. Ex.: Marcos é menos inteligente do que Roberta.

O mesmo que dissemos acerca da frase comparativa de superioridade, principalmente no que se refere às frases com-

parativas de superioridade total, empregando a nomenclatura proposta por CÂMARA Jr. (1978, p. 131) no lugar do tradicional "superlativo relativo", aplica-se, "mutatis mutandis", às frases comparativas de inferioridade.

7.2 **Frase consecutiva**. Entendemos aqui por frase consecutiva a uma estrutura frasal correlativa com conotação intensiva em que o fato expresso na oração subordinada é conseqüência do que se enuncia na oração principal intensificada por um intensificador adverbial:

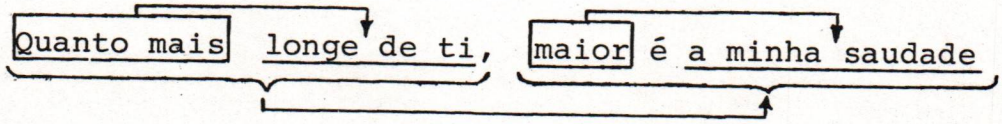


Como facilmente se pode constatar, a fórmula clássica de tais construções é constituída por dois membros. O primeiro, encerra a qualidade ou ação superlativada por um intensificador (A PONTO, TÃO, TANTO, TAL, MAIS, CADA, DE TAL MANEIRA/FORMA/MODO/SORTE etc.); o segundo, na maioria dos casos introduzido por QUE, expressa o efeito da intensificação ocorrida no primeiro membro. Nem sempre, porém, a fórmula é exatamente essa, pois pode ocorrer variações, a exemplo da relação consecutiva sem intensivo (Pequeninho que impressionava todos), da frase consecutiva introduzida por DE (Ele parecia um elefante de tão gordo) e da relação consecutiva sem QUE (Ele não corria, voava. Não se podia ouvir, tão fraca era a sua voz).

Para CALÇADA (1980, p. 252), "nas consecutivas, com correlativo ou sem ele (gramaticais ou semânticas), a intensificação decorre do conteúdo lexical da subordinada, cujo

por um tom enfático, cujo alto grau é anunciado pelo correlativo presente ou subentendido na oração principal".

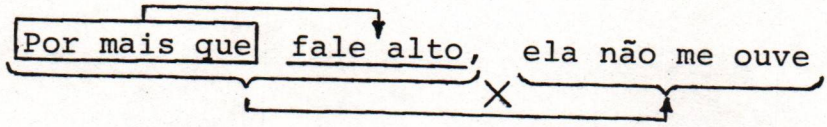
7.3 Frase proporcional. Entendemos aqui por frase proporcional a uma estrutura frasal correlativa com conotação intensiva em que o termo antecedente superlativado por um intensificador vai determinar uma intensificação semelhante ou oposta, mas proporcional, no termo conseqüente:



Aspectualmente falando, percebe-se nesse tipo de frase a natureza progressiva do intensificador.

Para MARTINS (1967, p. 213), a frase proporcional citada anteriormente nada mais é do que uma comparação proporcional correlativa que indica uma ação progressiva. Para ela, tais construções se prestam para a "expressão de contradições, paradoxos, ironia".

7.4 Frase concessiva. Entendemos aqui por frase concessiva a uma estrutura frasal correlativa com conotação intensiva em que a oração antecedente superlativada por um intensificador vai se opor à oração conseqüente:



8. A INTENSIFICAÇÃO DE BASES ADJETIVAS EM "CAMPO GERAL"

Inúmeros são os processos empregados pelo emissor para expressar a emoção ou atuar sobre o receptor. A escolha que se faz dentre as várias opções cabíveis é o que vai determinar o estilo do autor, da personagem e até mesmo o estilo de época, em se tratando de uma obra literária.

Aqui importa-nos fazer uma aplicação da teoria desenvolvida nesta dissertação, no romance "Campo Geral", com o objetivo específico de mostrar como os intensificadores servem para colocar em relevo a subjetividade, os estados emocionais e a própria cosmovisão das personagens, participantes que são da trama novelesca.

Nesta parte de nossa pesquisa nos limitaremos apenas a apreciar a intensificação de bases adjetivas, verificando não só como ela se processa mas também como se constrói a isotopia intensiva, sem, contudo, perseguirmos o alvo de nos aprofundarmos ou nos estendermos, em decorrência do próprio assunto escolhido, de caráter mais teórico e geral do que aplicado e particular.

Começando pelas LEXIAS SIMPLES, constatamos de pronto o fato de ser através delas que preponderantemente se opera a intensificação, ao mesmo tempo em que respondem pela formação de uma rede isotópica da qual se destaca a lexia simples ENORME, pela significativa freqüência da mesma:

> — "Ele salvou a vida de todos!" -; dormia no pé da porta do quarto, uma noite latiu acordando o mundo, uma cobra <u>enorme</u> tinha entrado, uma urutu, o pai ma-

> "— Vem, Miguilim, ajudar a tacar pedra: os meninos acharam um sapo enorme!" — o Patori gritando já vinha. (p. 25)
>
> Buscavam os inhames na horta, Mãitina cavacava com o enxadão, eram uns inhames enormes. (p. 49)
>
> Veio seo Brízido Boi, que era padrinho do Tomezinho: um homem enorme, com as botas sujas de barro seco, êle chorava junto, aos arrancos, dizia que não podia ver ninguém sofrer. (p. 76)

Para uma melhor compreensão da recorrência da lexia simples ENORME é necessário dizer que tal lexia aparece num contexto narrativo em que é bastante elevado o emprego não só dos adjetivos GRANDE e PEQUENO quanto também de substantivos graduados. Aliás, o próprio título da obra (Manuelzão e Miguilim), na qual está inserido o romance "Campo Geral", nos remete cataforicamente para um tipo de intensificação que não deixa de estar a serviço da expressão de uma cosmovisão infantil.

De fato, a perspectiva infantil é diferente da perspectiva do adulto. Uma cobra enorme (= muito grande) pode não ser, aos nossos olhos, tão grande assim.

Para a criança, no mundo que a circunda, os seres e os fenômenos adquirem proporções descomunais. Dessa forma, a intensificação está aqui a serviço da expressão emotiva do sentimento infantil, das impressões que os seres e os fenômenos provocam em sua alma.

Numa elevada freqüência aparecem também as lexias simples FORTE e GROSSO:

> Como é que ela podia mandar Tio Terêz embora, quando vinha aquela chuvada forte, a gente já pressentia até o derradeiro ameaço dela entrando no cheiro do

> Tinha dado o vento, caíam uns pingos grossos, chuva quente. (p. 17)

No primeiro caso, percebe-se que chuvada forte é uma chuvada "muito intensa", principalmente pelo fato de tal expressão estar antecedida do intensificador aquela, que serve para aumentar ainda mais a noção de intensidade da chuva.

Quanto a pingos grossos, a idéia expressa aqui é a de "pingos muito grandes".

Como se pode constatar, em todas as lexias simples anteriormente referidas, há implícito um intensificador que corresponde ao metatermo MUITO.

Por outro lado, em relação às lexias FORTE e GROSSO, convém observar que elas servem muitas vezes como caracterizadoras ambientais, fato esse que se evidencia na consubstanciação de uma isotopia intensiva que expressa muito bem o caráter rude e áspero da natureza sertaneja.

Outras lexias simples aparecem esporadicamente. Dentre elas, destacamos as seguintes:

> "Os meninos necessitam de saber, valença de rezar junto. Inocência deles é que pode livrar a gente de brabos castigos, o pecado já firmou aqui no meio, braseado, você mesma é quem sabe, minha filha!..." (p. 21)

> Um homem grosso e baixo, debaixo de um feixe de capim, sapé? - homem de cara enorme demais, sem pescoço, roxo escuro e de olhos-brancos... (p. 56)

> Correu outra vez, nem soluçava mais, só sem querer dava aqueles suspiros fundos. (p. 77)

> "(...) Podia até vir mais amiúde, por uma prosa, servo do senhor, sem grave pecado de incomodar..." (p. 25)

> Mas sua mãe, que era linda e com cabelos

> Alguém podia matar alguém, sair briga medonha, Vovó Izidra tinha agourado aquelas coisas, ajoelhada diante do oratório - do demônio, de Caim e Abel, de sangue de homem derramado. (p. 49)
>
> O relar da folha da enxada, nas pedrinhas, aqueles bichos miúdos pulando do capim, a gente avançando sempre, os pés pisando no matinho cortado. (p. 95)
>
> Sol a sol - de tardinha voltavam, o corpo de Miguilim doía, todo moído, torrado. (p.83)
>
> (...) - nem deu tempo para idéia nenhuma, era só um errado total (...)

As lexias simples assinaladas têm o intensificador implícito na base, o que é próprio da intensificação semântico-lexical. Portanto, brabos castigos são castigos "muito rigorosos", roxo escuro é um roxo[1] "muito forte", suspiros fundos são suspiros "muito intensos", grave pecado é um pecado "muito sério", mãe linda é uma mãe "muito bela", briga medonha é uma briga "muito feia", bichos miúdos são bichos "muito pequenos", corpo torrado é um corpo "muito queimado" e errado total é um errado "muito grande".

Ainda dentre as lexias simples, encontramos no "corpus" aquelas que a gramática tradicional denomina "comparativo de superioridade anômalo":

> Daí deu trovão maior, que assustava. (p. 18)
>
> O Dito era a pessoa melhor. (p. 14)
>
> O Dito, menor, muito mais menino, e sabia em adiantado as coisas, com uma certeza, descarecia de perguntar. (p. 60)

Conforme já esclarecemos, o intensificador está im-

plícito na base. Dessa forma, trovão maior pode ser entendido como um trovão "mais forte"; pessoa melhor, como uma pessoa "mais boa"; e menor, referindo-se ao Dito, como alguém "mais pequeno".

Prosseguindo a nossa análise, façamos agora uma apreciação da intensificação que se obtém com as LEXIAS COMPLEXAS, dentre as quais se destacam as metáforas intensivas por conseqüência. Estas, por sua vez, se subdividem em três grupos, isto é, no grupo das lexias complexas constituídas por adjetivo + adjetivo, no grupo das lexias complexas constituídas por adjetivo + preposição + adjetivo e no grupo das lexias complexas constituídas por adjetivo + preposição + substantivo abstrato:

1º) Ela era riscada magra, e seca, não parava nunca de zangar com todos, por conta de tudo. (p. 12)

2º) O dia estava bruto de quente (...). (p. 13)

O tesoureiro era um pássaro imponente de bonito (...). (p. 14)

Seo Deográcias ria com os dentes desarranjados de fechados. (p. 26)

Seo Aristeu entrava, alto,alegre, alto, falando alto, era um homem grande, desusado de bonito (...). (p. 43)

Pai é homem jagunço de mau. (p. 90)

E o sol batia nas flores e no garrote que estava amarelo de alumiado. (p.92)

O Dito dizia que o certo era a gente estar sempre brabo de alegre, alegre por dentro (...). (p. 100)

3º) Drelina era bonita de bondade. (p. 43)

Percebe-se nos exemplos acima a presença implícita de uma frase consecutiva. Tanto é assim que, por exemplo, em "Pai é homem jagunço de mau", da página noventa, pode-se parafrasear para "Pai é jagunço de tão mau que ele é", apesar de se admitir também uma segunda leitura, correspondente à de uma frase comparativa, isto é, "Pai é homem mau como um jagunço", de menor força expressiva.

Construções desse tipo se sobressaem em importância estilística pela raridade de emprego, em confronto com o uso freqüente das frases consecutivas explícitas.

Outrossim, dentre os exemplos do primeiro grupo, merece destaque o da página cem, constituído por um oximoro (brabo de alegre) que contribui mais ainda para aumentar a carga intensiva da expressão.

Quanto aos exemplos do terceiro grupo, nota-se a elipse da preposição "de", criando-se assim uma construção insólita em que dois determinantes não só se reportam para um mesmo determinado (riscada magra, frio suado) como também aparecem justapostos, o que resulta num maior impacto expressivo e intensivo. Já quanto ao único exemplo do segundo grupo, a raridade está no emprego do substantivo abstrato no lugar do adjetivo em "Drelina era bonita de bondade", que admite a seguinte paráfrase: "Por ser tão bondosa, Drelina era bonita".

Os símiles intensivos, outro tipo de lexia complexa, são bastante escassos no texto. Eles se destacam, contudo, por transmitirem o pensamento com bastante vigor e vivacidade:

> "— Ara, qual, qual, seo Nhô Berno Cássio, eu estou pobre como agüinha em fundo de canoa..." (p. 25)

> macio como uma onça, vinha para cima de Miguilim. (p. 57)
>
> Drelina, branca como pedra de sal, vinha saindo: — "Miguilim, o Ditinho morreu..." (p. 77)

Merece destaque o símile da página cinqüenta e sete pela construção originalíssima através da qual há superposição de dois processos intensificadores, a metáfora intensiva (ousoso macio) e o símile intensivo (ousoso macio como uma onça), sendo que a primeira construção, típica do estilo de Guimarães Rosa, consiste em se compor um adjetivo (ousoso macio) a partir de dois outros: ousoso (= com bastante coragem) + macio (= suave, desapercebidamente) que, nesse exemplo, se sobressai em expressividade pela natureza antitética dos seus constituintes.

Ainda, dentre as lexias complexas, o texto objeto de nossa apreciação nos oferece pouquíssimas metáforas intensivas por complementação:

> O Dito dizia que o certo era a gente estar sempre brabo de alegre, alegre por dentro, mesmo com tudo de ruim que acontecesse, alegre nas profundas. (p. 100)

Vejamos agora os intensificadores constituídos por GRAMEMAS PRESOS encontrados no "corpus", começando pelos prefixos:

> Era ele quem precisava de guardá-las, decoradas, ressofridas (...). (p. 80)
>
> E o perdigueiro Rio-Belo, que tresdoidado tinha morrido, de comer algum bicho venenoso. (p. 10)

> encalcado, transmanchada de mais grosso preto, um preto de boi. (p. 20)
>
> O gato chegava por si, sobremacio, tripetrepe, naquela regra. (p. 40)
>
> Quando a gente voltou, se tomou café, nem ninguém não precisou de fazer café forte demais e amargoso, só Pai e Vovó Izidra é que bebiam daquele café desgostável. (p. 67)
>
> A rosa também era branca, mas era gorda e meia-velha, não namorava com ninguém. (p. 70)

Como se pode notar, os prefixos encontrados foram RE-, TRES-, TRANS-, SOBRE- e DES- (negativo), todos eles amplificadores.

Quanto ao elemento mórfico MEIO-, apesar de não ser propriamente um prefixo, o incluímos aqui por funcionar como tal, sendo por isso mesmo um prefixóide. Ele, ao contrário dos demais prefixos anteriormente citados, é um atenuador.

Percebe-se, quanto ao emprego dos prefixos, muita criatividade, o que se constitui numa característica estilística do autor. Tal emprego, muitas vezes, resulta numa força intensiva maior em virtude do estranhamento resultante, como é o caso de transmanchada (p. 20), que pode ser traduzido por "bastante manchada", com a idéia de profundidade correspondente à de uma mancha que atravessa a pele, a carne.

Todavia, dentre os gramemas presos, merece destaque especial, pela sua alta freqüência, o intensificador constituído pelo sufixo diminutivo -INH(O), com as suas variantes -IM e -IN(O):

> Mas carecia de ficar sozinho com o Dito. (p. 60)
>
> Devia de ter o companheiro, marido ou mulher, ou irmão, que agora esperava lá

zim. (p. 15)

A Chica era tão engraçadinha, clara, mariolinha, muito menor do que Drelina, (...). (p. 14)

O Patori tocava berimbau, um berimbau de fibra de buriti, tocava com o dedo, era bonito, tristinho. (p. 84)

Mas, então, pobrezinhos de todos, queriam deixar o leite dela ir judiado, derramando no caminho, nas pedras, nas poeiras? (p. 8)

Tinha saudade do tempo-de-frio, quando a água é friinha, boa. (p. 97).

Beiravam as veredas, verdinhas, o buritizal brilhante. (p. 97)

Era o besourinho bonito, pingadinho de vermelho. (p. 83)

Olha, Miguilim, bezerro da Brinda é danadinho, tudo quanto há ele come! (p. 91)

Faz mal não, Miguilim, mesmo ceguinha mesmo, ela há de me reconhecer..." (p. 76).

As perdizes estão assustadinhas, estão crescendo por demais... (p. 74)

"Dito, as três perdizinhas são diabinhas! (...)" (p. 74)

Mãe trouxe a mula de cristal, branquinho, aplicou no lugar, aquela friura lisinha do cristal cercava a dor para sarar, não deixava inchaço; mas Miguilim gemia e estava com raiva até dele mesmo. (p. 68)

O Dito, que era o irmãozinho corajosinho destemido, ele ia arenegar? (p. 28)

Estava rezando, endereçado baixinho para Deus dificultar d'ele morrer. (p. 28)

Todos discorriam para ir ver, até Vovó Izidra concordava de apreciar o olho-de-boi, que era só um reduzidinho retalho de arco-da-velha, leviano airoso. (p. 27)

"— A bala eu chupei, estava azedinha gostosa..." (p. 25)

O gaturamo, tão podido miúdo, azulzinho

> Por conta que, Tomezinho, quando era mais pequenino, a gente ensinava para ele falar: g' a-to — mas a linguinha dele só dava capaz era para aquilo mesmo: qùó! (p. 17)
>
> "Apruma mesmo durim, Miguilim, a dança hoje é das valsas..." (p. 44)
>
> E o gaturamo, que era de todos o mais menorzim, e que escolhia o espaço de água mais clara: a figurinha dele, reproduzida no argume, como que ele muito namorava. (p. 31)

Observando os exemplos citados, verificamos que, preso a uma base adjetiva, o sufixo -INHO e suas variantes podem funcionar como amplificadores de uma qualidade, como é o caso de verdinha (= muito verde) e branquinho (= muito branco) anteriormente citados; como um atenuador de natureza afetiva, conforme encontramos em ceguinha (p. 76), se considerarmos nesse caso o fato de o sufixo traduzir uma noção de carinho que contribui para reduzir a forte carga depreciativa da base (cega); ou como nem uma coisa nem outra mas com um valor de "completamente", como está em sozinho (p. 60) e sozim (p. 15), apesar de reconhecermos haver em sozinho tendência para uma lexicalização.

Dentre as variantes de -INHO, só encontramos três ocorrências em -IM, que são durim (p. 44), menorzim (p. 31) e sozim (p. 60), cujo emprego resulta num impacto expressivo maior, exatamente por ser incomum, restrito apenas à língua coloquial de certas regiões[2].

---

(2) No "corpus", maior é a ocorrência do sufixo diminutivo -INHO quando modifica bases substantivas. O mesmo podemos dizer em relação à variante -IM, conforme constatamos em

Além do sufixo -INHO e suas variantes, o "corpus" registra o sufixo -OTE, com valor aproximativo, e -ITO combinado com -INHO, resultando tal combinação numa redundância enfática de real valor expressivo:

> Tão grandotes, tão espertos — e estavam assim só para morrer, o povo ia acabar com todos? (p. 15)
>
> No castigo, em tamborete, ele não chorava, daí deixava de pirraçar: mais de repente virava sisudo, casmurro — tão pequetitinho assim, e assombrava a gente com uma cara sensata de criminoso. (p. 51)

Por atingir o elevado número de sessenta ocorrências, a freqüência dos sufixos diminutivos (modificadores de bases adjetivas) é alta, no texto, se comparada com a dos outros intensificadores encontrados. Todavia, a recorrência deles no texto tem o mérito de estabelecer uma isotopia intensiva que vai servir para a expressão do extravassamento das emoções. O mesmo se pode dizer dos sufixos aumentativos encontrados, todos eles traduzindo uma intensificação amplificadora bem próxima do superlativo; se não, vejamos:

> A noite, de si, recebia mais, formava escurão feito. (p. 54)
>
> Mas o Grivo não era pidão. (p. 62)
>
> Ele só fugiu quando escutou barulho de vir chegando na tulha aquele menino dentuço, o Majéla, filho de seo Deográcias, mas que todos chamavam de o Patori. (p. 24)
>
> Aqueles dentes dentuços! (p. 25)

Comentando os sufixos aumentativos, temos em escurão (p. 54) e dentuço (p. 24), respectivamente

jetiva e uma base substantiva, resultando a intensificação delas numa noção correspondente a "bastante escuro" e a "dentes em demasia". Todavia, em pidão (p. 62), temos uma base verbal, resultando a intensificação dela numa noção correspondente a "aquele que sempre pede" e/ou "aquele que pede muito". Trata-se, nesse último caso, de uma forma pejorativa que expressa cumulativamente um agente e um aumento, razão pela qual lhe caberia muito bem a designação "agentivo aumentativo" para a qual, segundo ROSA (1982, p. 23), faltaria a nomenclatura oposta (agentivo diminutivo), por não haver diminutivos correspondentes para tais formas, ao contrário dos demais aumentativos, salvo nos casos em que a formação global deixar de ser interpretada como aumentativo, a exemplo de "Esse menino é um pidãozinho", sinônimo de "Esse menininho é um pidão", citado por ela.

Dentre os sufixos presos, resta ainda fazer referência aos sufixos superlativos por natureza, cuja freqüência é relativamente baixa.

Apreciaremos inicialmente o sufixo -UDO que, em número de ocorrências, quase empata com o sufixo -OSO:

> Quando estava pinguda de muita cachaça, soflagrava umas palavras que a gente não tinha licença de ouvir, a Rosa dizia que eram nomes de menino não saber, coisas pra mais tarde. (p. 20)
>
> O cachorro Gigão caminhava para a cozinha, devagaroso, cabeçudo, ele tinha sempre a cara fechada, era todo grosso. (p. 12)
>
> Aí, ele enxergava, sentado no barranco, homenzinho velho, barbim em queixo, peludo, barrigudo, mais tinha um chapéu-de-couro grande na cabeça, homem esse assoviava. (p. 56)

> a lagarta tatarana cabeluda, que queimava a gente, tatarana-rata, até em galhos de árvores, e toda-a-vida a gente caía, relava os joelhos, escalavrava, dava topada em pedra ou em toco. (p. 68)
>
> Tinha a lagoa, de água num prato-fundo, com os patinhos e peixes, o urso-branco, (...), a foquinha bicuda. (p. 78)
>
> E o Titônio Engole, papudo. (p. 78)

Os exemplos assinalados (pingada, cabeçudo, peludo, barrigudo, cabeludo e bicuda) são todos constituídos de uma base substantiva + -UDO em que o sufixo traduz uma noção de intensidade. Portanto, pinguda é uma qualidade atribuída a alguém que bebeu muita cachaça; cabeçudo é um atributo que se dá a um ser que tem a cabeça muito grande, e assim por diante.

Quanto ao sufixo -OSO, aparece ora preso a uma base adjetiva (amargoso, feioso) ora preso a uma base substantiva (chuvoso, olhoso, trevoso), em cima das quais opera como intensificador:

> Quando a gente voltou, se tomou café, nem ninguém não precisou de fazer café forte demais e amargoso, só Pai e Vovó Izidra é que bebiam daquele café desgostável. (p. 67)
>
> — Tio Terêz, o senhor acha que o Mutúm é lugar bonito ou feioso? (p. 7)
>
> Queixava-se, principalmente nos demorados meses chuvosos, quando carregava o tempo, tudo tão sozinho, tão escuro, o ar ali era mais escuro; (...). (p. 5)
>
> Miguilim esfregava um pé no outro, estava comichando: outro bicho-de-pé; quando crescia e embugalhava, ficava olhoso, a mãe tirava, com alfinete. (p. 13)
>
> A ver, os meninos todos queriam ir lá, no acrescente, Mãitina agachada, remexendo o tacho; num canto Mãitina dormia, ainda era mais trevoso. (p. 32)

Resta agora apreciarmos o sufixo -ELO, que aparece apenas em braquelo como um intensificador da base adjetiva (branco):

> O vaqueiro Jé era branco, sardal, branquelo. (p. 70).

Como se pode constatar, dentre os sufixos superlativos por natureza o "corpus" registra apenas os sufixos -OSO, -UDO e -ELO, de emprego corrente na modalidade coloquial da língua, que evita o erudito sufixo -ÍSSIMO.

Ainda a respeito dos sufixos citados, cabe observar que, apesar de comumente poderem ser substituídos pelo metatermo MUITO, expressando uma noção de abundância, podem também indicar uma intensidade aproximativa, como ocorre em feioso (p. 7), ou então uma pejoratividade, como encontramos no último exemplo transcrito (branquelo) e em exemplos com o sufixo -UDO (barrigudo, papudo). Outrossim, chamamos atenção para o neologismo olhoso (p. 13) por ser portador de um sufixo que aparece aqui acumulando a dupla função de operador da intensidade e de operador da translação de um substantivo (olho) em adjetivo (olhoso).

Em síntese, podemos dizer que nas frases destacadas a recorrência dos intensificadores prefixais e sufixais serve para colocar em relevo a subjetividade do emissor, isto é, os seus estados emotivos.

Isso acontece mediante uma rede isotópica intensiva cujo delineamento vai sendo percebido na medida em que se vai acompanhando o desenvolvimento da narrativa.

Passemos agora a tratar dos intensificadores constituídos pelos GRAMEMAS LIVRES os quais, depois dos

simples, são os intensificadores mais numerosos no texto estudado.

Em nossa pesquisa fichamos aproximadamente cento e vinte gramemas livres do tipo intensificadores por natureza, dentre os quais, para não sermos repetitivos, transcrevemos a seguir um exemplo de cada variedade na ordem em que aparecem na escala gradativa básica:

> De madrugada, todo mundo acordou cedo demais, a Maria Pretinha tinha fugido. (p. 70)
>
> Todo o mundo conhecia que ele estava muito doente, de certo conversavam. (p. 29)
>
> O Dito, menor, muito mais menino, e sabia em adiantado as coisas, com uma certeza, descarecia de perguntar. (p. 60)
>
> A febre era mais muita, testa do Dito quente que pelava. (p. 74)
>
> E era até bom, outro homem de respeito, mais garantido. (p. 61)
>
> Miguilim era tão pequeno, com poucas semanas se consolava. (p. 11)
>
> Você vai, Miguilim, você leva, entrega isto aqui à Mãe, bem escondido, você agarante?! (p. 48)
>
> O Dito montava no Papavento, que era baio-amarelo, cor de terra de ivitinga; Miguilim montava no Preto, que era preto mesmo, mas Mãe queria mudar o nome dele para Diamante. (p. 50)
>
> Esse menino o Grivo era pouquinho maior que Miguilim, e meio estranhado, porque era pobre, muito pobre, quase que nem não tinha roupa, de tão remendada que estava. (p. 62)
>
> Depois, cada dia ele punha os Três Reis mais adiantados um pouco, no caminho da Lapinha, todo dia eles estavam um tanto mais perto - no Dia de Reis eles todos três chegavam... (p. 75)
>
> Todo mundo era meio um pouco bobo. (p.

> Entretanto, a mata, ali perto, quase preta, verde-escura, punha-lhe medo. (p. 6)

> Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d'Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutum. (p. 5)

> Mas, daí, rodeando como quem não quer, o gato Sossõe principiava a se esfregar em Miguilim, depois deitava perto, se prazia de ser, com aquela ronqueirinha que era a alegria dele, e olhava, olhava, engrossava o ronco, os olhos de um verde tão menos vazio - era uma luz dentro de outra, dentro doutra, dentro outra, até não ter fim. (p. 24)

Conforme evidenciam os trechos citados, os intensificadores constituídos por gramemas livres que aparecem no "corpus" são DEMAIS, MUITO, MAIS, TÃO, BEM, MESMO, MEIO, UM TANTO, UM POUCO, POUQUINHO, QUASE, POUCO e MENOS, admitindo-se algumas combinações tais como MUITO MAIS, MESMO QUASE e TÃO MENOS.

Tais intensificadores respondem por uma isotopia intensiva que percorre todo o texto com a missão precípua de retratar toda uma cosmovisão infantil, de expressar os sentimentos humanos.

Quanto aos intensificadores MAIS e MENOS, adotamos a posição de MALHEIROS-POULET (1983, p. 179), segundo a qual "sont des comparatifs de muito e pouco et même si cela n'apparaît explicitement, ils marquent toujours une comparaison implicite".

Entendemos que, nos casos anteriormente citados, MAIS, apesar de corresponder a MUITO, possui uma carga intensiva, e até mesmo afetiva, maior, o que de certa forma explica a sua alta freqüência na língua oral e familiar

constatamos com os seguintes exemplos: "Que coisa mais bonita!" "Que sujeito mais antipático!"

O intensificador TÃO é outro gramema livre que merece ser comentado pela sua alta freqüência no português coloquial. Para OLIVEIRA (1962, p. 39), TÃO, assim como MAIS, são equivalentes, funcionalmente falando, ao MUITO das frases assertivas.

Alguns intensificadores citados aparecem, redundantemente, ao lado de outros intensificadores, a exemplo de "A febre era mais muita" (p. 74), para traduzir a idéia de que a febre era altíssima, e de "meio um pouco bobo" (p. 100); ou então reforçados por um intensificador de grau mais elevado, como vimos em "um tanto mais perto" (p. 75) e "tão menos vazio" (p. 24). Em ambos os casos, tanto a redundância quanto o reforço resultam num efeito estilístico ímpar, o que determina o destaque ou a ênfase da base intensificada.

Os gramemas livres vistos anteriormente são todos advérbios intensivos. Além deles há no "corpus" os pronomes indefinidos que funcionam como intensificadores por transferência de sentido:

> Sol a sol — de tardinha voltavam, o corpo de Miguilim doía, todo moído, torrado. (p. 83)
>
> Era a primeira vez que a mãe falava com ele um assunto todo sério. (p. 6)

Reportando-nos agora para os GRAMEMAS SUPRA-SEGMENTAIS como intensificadores, notamos que eles raramente aparecem sós. O mais comum é virem combinados com outros intensificadores.

A título de exemplificação, transcrevemos [illegible]

pus" os seguintes gramemas supra-segmentais:

> Como era bonito o pobrezinho do meu filhinho... (p. 80)
>
> Tudo tão caprichado lindo! (p. 31)

Observamos, aqui, uma diferença de entonação em que, no primeiro caso, ela é suspensiva; enquanto, no segundo, é ascendente exclamativa terminal.

Quanto às CONSTRUÇÕES SINTAMGÁTICAS ENFÁTICAS que funcionam como intensificadores, o texto pesquisado oferece exemplos delas por inversão e por repetição:

> "Como o pobre do meu filhinho era bonito..." (p. 77)
>
> Mãitina esbarrava, pegava própria terra do chão com os dedos do pé dela, falava coisas demais de séria. (p. 49)
>
> Gigão - o maior, maior, todo preto: (...). (p. 10)
>
> Não se entendia bem a reza que ela produzia, tudo resmungo; mesmo para falar, direito, direito não se compreendia. (p. 20)
>
> Miguilim desentendia de tudo, tonto, tonto. (p. 76)
>
> Quem sabe, quem sabe, melhor ficasse sozinho - sozinho longe deles parecia estar mais perto de todos de uma vez (...). (p. 43)
>
> Trastempo, o bruto vai ficando mole, mole... (p. 70)
>
> E com aquele calor a gente necessitava de beber água toda hora, a água da lata era quente, quente, não matava direito a sede. (p. 83)
>
> Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo

> Miguilim não tinha medo, mas medo nenhum, nenhum, não devia de. (p. 47)
>
> (...) nem não se carecia de prato nenhum, nem travessa, nenhuma vasilha nenhuma - (...). (p. 46)
>
> Que, se rezasse, sem esbarrar, o tempo todo, todo tempo, não ouvia nada do que Tio Terez falasse (...). (p. 57)
>
> Seo Aristeu entrava, alto, alegre, alto, falando alto, (...). (p. 43)

Merecem destaque, pelo elevado grau de expressividade, o exemplo da página quarenta e seis, constituído pelo emprego não usual do substantivo duplamente envolvido pelo pronome (nenhuma vasilha nenhuma); o da página cinqüenta e sete, contendo uma intensificação reforçada por um quiasmo (o tempo todo, todo tempo); e o da página quarenta e três, constituído por uma repetição não-contígua intervalada em que a pausa funciona como um reforçador (alto, alegre, alto).

Além dos exemplos vistos anteriormente, inserimos aqui a seqüência enfática de adjetivos sinônimos (justo direito) e de adjetivos que, justapostos, sugerem uma fusão da qualidade expressa por ambos (dura entortada, podido miúdo, macio manso). Tais sintagmas expressam a intensificação mediante o estranhamento resultante da associação insólita e/ou mediante a reiteração sêmica:

> "Nem Deus não pode achar isto justo direito, de adoecer meus filhinhos todos um depois do outro, parece que é a gente só quem tem de purgar padecer!?" (p. 96)
>
> Aí, começava a chover, chuva dura entortada, de chicote. (p. 61)
>
> O gaturano, tão podido miúdo, azulzinho no sol, tirintintim, com brilhamentos, mel de melhor - maquinazinha de ser de bem-cantar. (p. 18)

> Pois porque tudo tinha tornado a se desvirar do avesso, de repente, Mãitina estava pondo ele no colo, macio manso, e fazendo carinhos, falando carinhos, ele nem esperava por isso, isso nem antes nem depois nunca não tinha acontecido. (p. 32)

Para encerrar o nosso estudo acerca da intensificação de bases adjetivas em "Campo Geral", vejamos agora os INTENSIFICADORES POR RELAÇÃO encontrados no romance supracitado, os quais aparecem numa freqüência baixíssima, se comparados com a alta freqüência dos intensificadores por extensão apreciados anteriormente.

No levantamento feito encontramos, predominantemente, a presença de FRASES COMPARATIVAS DE SUPERIORIDADE (PARCIAL ou TOTAL) e de FRASES COMPARATIVAS DE IGUALDADE:

> O tesoureiro era um pássaro imponente de bonito, pedrês cor-de-cinza, bem as duas penas compridas da cauda, pássaro com mais rompante do que os outros. (p. 14)
>
> A Chica era tão engraçadinha, clara, mariolinha, muito menor do que Drelina, (...). (p. 14)
>
> Soluçava de engasgar, sentia as lágrimas quentes, maiores do que os olhos. (p. 77)
>
> Lobo uivava feio, mais horroroso mais triste do que cachorro. (p. 22)
>
> "Eu acho que ele é melhor do que nós... (...)" (p. 76)
>
> Mas, agora, de repente achava que, se sozinho, então - por certo encoberto modo - aí era que ele era mais sabido de todos, mais exagerado e medido. (p. 39)
>
> Uma hora ele falou com o Dito - que Mãe às vezes era a pessoa mais linda de todas. (p. 65)
>
> "Dito, a gente vai ser sempre amigos, os mais de todos, você quer?" (p. 69)

devia copiar de ser igual com o Dito. (p. 82)

Cansado e como que assustado. Sufocado. (p. 79)

Constatamos também aqui o predomínio da amplificação, por razões já apontadas alhures.

No último exemplo, merece destaque a frase comparativa de igualdade com conotação aproximativa: "Cansado e como que assustado". Para MARTINS (1967, p. 193) tais frases indicam "uma semelhança vaga, imprecisa, uma aproximação da idéia que se quer dar".

Quanto aos intensificadores constituídos por FRASES CONSECUTIVAS, a pouca freqüência deles no "corpus" confirma a tendência de se evitar frases complexas, o que é típico do português coloquial. Outrossim, parece haver uma preferência pela elipse de elementos da frase consecutiva, tais como o intensificador e o conectivo:

Mas o buriti era tão exato de bonito! (p. 67)

Dava vergonha no coração da gente o que o pai assim falava. Que de pobres iam morrer de fome - não podia vender as filhas e os filhos... (p. 37)

Ficava de cócoras, queria conversar com o Pai, e dava pena, de tão destruído aruinado que estava. (p. 84)

O ódio de Miguilim foi tanto, que ele mesmo não sabia o que era, quando pulou no Liovaldo. (p. 89)

A febre era mais alta, testa do Dito quente que pelava. (p. 74)

Esse menino o Grivo era pouquinho maior que Miguilim, e meio estranhado, porque era pobre, muito pobre, quase que nem não tinha roupa, de tão remendada que estava. (p. 62)

> Tão grave, grande, que nem o quis dizer à mãe na presença dos outros, mas insofria por ter de esperar; e, assim que pôde estar com ela só, abraçou-se a seu pescoço e contou-lhe estremecido, aquela revelação. (p. 6)

No primeiro exemplo da relação merece destaque o termo exato (valorativo) que aparece em "exato de bonito", conotando perfeição, completude.

Concluindo, transcrevemos abaixo o único intensificador constituído por uma FRASE PROPORCIONAL que encontramos:

> Ele está cada dia mais magrinho... (p. 12)

Do exposto, podemos dizer que, no texto objeto de nossa análise, os procedimentos de intensificação encontrados são constituídos, sobretudo, por lexias simples e por gramemas (presos e livres).

Tal fato pode ser explicado se considerarmos que o texto estudado constitui uma recriação estética da língua falada no sertão mineiro, em que se dá preferência pelos mecanismos simples de expressão em prejuízo dos mecanismos mais complexos e engenhosamente elaborados.

Outrossim, há uma tendência no texto para a amplificação das noções, numa perspectiva infantil em que as coisas são vistas quase sempre como maiores do que realmente são, estando a isotopia intensiva que se forma com a recorrência dos intensificadores a serviço não só dessa cosmovisão como também a serviço do extravassamento das emoções.

Isso tudo nos leva a afirmar que o emprego do intensificador no discurso (seja ele oral ou escrito) não é gra-

se quer expressar; mas, muito pelo contrário, está a serviço de uma intenção (explícita ou implícita) que só a exegese textual pode revelar.

Em "Campo Geral", podemos adiantar, a intensificação desempenha também o papel de mecanismo revelador do estilo do autor, levando-se em conta ainda que, nela, a função estilística é acentuada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sistematização de um assunto tão amplo como é o da intensificação se, de um lado, proporciona ao pesquisador a satisfação de estar a oferecer, em termos de contribuição para o estudo da língua portuguesa, um útil ensaio, facilitando assim o trabalho de todo aquele que antes, para se inteirar do assunto precisava consultar uma vasta bibliografia, por outro lado deixa a convicção de não ser ele completo ou definitivo, como quase tudo dentro da ciência lingüística.

Quanto a nós, não temos a pretensão de reconhecer que atingimos o auge. Muito pelo contrário, se ousamos nos estender tanto na apreciação da matéria aqui discorrida, agimos sempre conscientes de que, por mais que nos estendêssemos, sempre restaria algo por dizer ou que merecesse um estudo mais pormenorizado.

Apesar de tudo, o que neste trabalho foi desenvolvido já constitui um significativo volume de informações, suficientes por si mesmas para, se não lançar luzes sobre o muito do que se disse e do que ainda se diz acerca da intensificação, pelo menos provocar o debate em torno de alguns pontos discutíveis e/ou controversos, a começar pelo inequívoco descompasso existente entre os fatos observáveis e o que as nossas gramáticas tradicionais dizem a respeito do que hoje se entende por intensificação.

A propósito, ficou mais do que evidente que a variedade de intensificadores existentes no português é muito maior do que aquela apontada pela gramática tradicional. Além

sificação, apesar de estar inserido nela, exatamente por ser nada mais nada menos do que um ponto numa escala gradativa de valores (desdobrável) composta, em nossa língua, basicamente, do grau superior, do grau médio e do grau inferior.

Em sendo assim, não tem sentido se falar em grau superlativo absoluto sintético, quando se sabe que o superlativo aponta para o ápice de uma noção semântica não escalonada que não se relaciona com um conjunto de pontos sistematicamente ordenados; ou em grau comparativo, se considerarmos que comparação não é grau, mas sim um processo através do qual se pode expressar determinado grau; e muito menos em grau superlativo relativo, inexistente entre nós, exatamente por ser ele nada mais do que uma comparação total, isto é, uma comparação cujo comparante abrange um número maior de seres, um número constituído por um conjunto total de elementos ou por todos os seres possíveis de abarcá-lo.

Mas não ficam só nesses os equívocos cometidos pela gramática. Dentre outros, encontramos o de não se distinguir formas lexicalizadas mas não intensificadas (facão) de formas realmente intensificadas (bonitão); formas intensificadas semanticamente mas não gramaticalmente (ótimo) de formas intensificadas gramaticalmente (facílimo), sem falar no fato de se considerar o grau como um caso de flexão, quando se trata na realidade de um tipo especial de derivação.

Para uma melhor compreensão do fenômeno da intensificação estabelecemos a fronteira entre a escala gradativa, que tem a ver com o componente lingüístico, e a escala argumentativa, que tem a ver com o componente retórico, fazendo ver que uma coisa não se confunde com a outra; assim como tentamos discernir a quantificação da intensificação, dizendo

rir esta naquela, uma vez que a quantificação tem a ver com a noção de pluralidade, só possível em relação a seres enumeráveis, o que não acontece com a intensificação.

Outrossim, ficou claro em nossa pesquisa que a intensificação abrange pelo menos duas grandes áreas do saber lingüístico, isto é, a área que compreende os estudos gramaticais, dentro da qual se insere a função referencial dos intensificadores, e a área que compreende os estudos estilísticos, dentro da qual se inserem as funções emotiva, persuasiva e estética dos intensificadores.

Na primeira grande área, vimos que os intensificadores são de caráter denotativo, desempenhando o papel de instrumentos moduladores da linguagem, capazes então de operar a intensificação para mais (amplificação) ou para menos (atenuação) de uma noção contida numa determinada base, enquanto que, na segunda, vimos que os intensificadores são de caráter conotativo e valem o que valem só dentro de um contexto e de uma situação de enunciação específica.

Em síntese, podemos dizer, portanto, que a intensificação, além de desempenhar a função moduladora, pode funcionar também como recurso estético, emotivo e argumentativo por excelência, sendo que, no texto, ao se repetir periodicamente, responde por aquilo que se denomina isotopia intensiva.

E, por falar em isotopia intensiva, foi aplicando a teoria no "corpus" que pudemos comprovar o que já tínhamos descoberto anteriormente, isto é, que a intensificação não se constitui num ato gratuito qualquer; antes, tem uma função definida.

De fato, em "Campo Geral" a intensificação está a

rificável através da modulação do discurso, como também a serviço da emotividade, ou melhor, do extravasamento das emoções.

Tal realidade se compreende pelo fato de a língua ser um reflexo do próprio homem, o qual é movido tanto pela razão quanto pela emoção; sendo,para alguns, mais por esta do que por aquela, o que talvez explique a gama variada e bastante numerosa de intensificadores encontráveis no português e que são, sobretudo entre os superemotivos, bastante usados.

Por conseguinte, a intensificação tem o seu lugar e a sua importância, reveladora que é tanto da natureza racional quanto da natureza emocional do ser humano; tanto da argúcia argumentativa, de certa forma impregnada também de emoção, quanto da criatividade estética na manipulação desses recursos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALCINA FRANCH, Juan & BLECUA, José Manuel. Gramática española. 3ª ed. Barcelona, Ariel, 1982.

ALI, Manuel Said. Gramática histórica da língua portuguesa. 7ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971.

_____. Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa. 3ª ed. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1964.

ALMEIDA, Maria Lúcia Pacheco de. Como elaborar monografias. Belém, Universidade Federal do Pará, 1981.

ALONSO, Amado. "Noción, emoción, acción y fantasía en los diminutivos". In: _____. Estudos lingüísticos: temas españoles. 3ª ed. Madrid, Gredos, 1967, p. 161-187.

ALVES, Ieda Maria. Observações sobre a prefixação intensiva no vocabulário da publicidade. Alfa. Marília, (24): 9-14, 1980.

AZEVEDO Filho, Leodegário Amarantes de. Gramática básica da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1969.

BACK, Eurico & MATTOS, Geraldo. Gramática construtural da língua portuguesa. São Paulo, F.T.D., 1972.

BALLY, Charles. Traité de stylistique française. 3ª ed. Paris, Klincksieck, 1951.

BARBOSA, Maria Aparecida. Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáxicos. 2ª ed. rev. São Paulo, Global, 1981.

BARRETO, Mário. Novos estudos da língua portuguesa. 3ª ed.

BARROS, Eneas Martins. Nova gramática da língua portuguesa. São Paulo, Atlas, 1985.

BARROS, Maria Ruth de Souza. O sufixo -INH(O) no português moderno: seu emprego por Raul Bopp. Tese de mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1974.

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 25ª ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1980.

BORBA, Francisco da Silva. Introdução aos estudos lingüísticos. 3ª ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1972.

_____. Pequeno vocabulário de lingüística moderna. 2ª ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.

BUENO, Francisco da Silveira. Gramática normativa da língua portuguesa. 5ª ed. São Paulo, Saraiva, 1958.

CALÇADA, Guiomar Franganiello. Processos de intensificação na linguagem das farsas de Gil Vicente. Tese de doutorado. São Paulo, USP, 1980.

_____. O valor intensivo dos demonstrativos nas farsas de Gil Vicente. In: SEMINÁRIOS DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 18, São Paulo, 1989. Anais. Lorena, FATEA, 1989, p. 204-212.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. Noções de Estilística (súmula). Littera, Rio de Janeiro, 1 (2): 87-92, mai./ago. 1971.

_____. Estrutura da língua portuguesa. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1972.

_____. História e estrutura da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Padrão, 1975.

_____. Dicionário de lingüística e gramática. 8ª ed. Petrópolis, Vozes, 1978.

tropólis, Vozes, 1984.

CARONE, Flávia de Barros. Morfossintaxe. São Paulo, Ática, 1986.

CARVALHO, Castelar de. Lógica e psico-lógica dos diminutivos. Tese de mestrado. Niterói, UFFl, 1976

CARVALHO, Reginaldo Pinto de. "Processos de adjetivação em "CAMPO GERAL". São Paulo, USP, 1990. (Mimeo).

CHERUBIM, Sebastião. Estilística lingüística: precursor e evolução histórica. Boletim do Centro de Letras e Ciências Humanas da U.E.L., Londrina, (10): 7-38, jan./jun. 1986.

COHEN, Jean. Estrutura da linguagem poética. Trad. de Álvaro Lorencini e Anne Arnichaud. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1974.

COSERIU, Eugenio. Lições de lingüística geral. Trad. de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1980.

_____. "Os diminutivos: noção e emoção". In: _____. O homem e a sua linguagem. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, Presença/EDUSP, 1982, p. 123-124.

CRESSOT, Marcel. O estilo e as suas técnicas. Trad. de Madalena Cruz Ferreira. Lisboa, Edições 70, 1980.

CRYSTAL, David. Dicionário de lingüística e fonética. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. de Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

DANTAS, Francisco de Assis. "Muito", em face da quantificação e da intensificação. Cadernos do Mestrado em Letras. João Pessoa, 1 (1): 36-44, jul. 1986.

nantes e determinados. 3ª ed. Canoas, EDIPUC, 1981.

DUBOIS, Jean et alii. Dicionário de lingüística. São Paulo, Cultrix, 1977.

DUCROT, Oswald. Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas. Trad. de M. A. Barbosa, M. F. G. Moreira e C. T. Pais. São Paulo, Global, 1981.

EZARANI, Elza Sayegh. Formações X-inho na fala carioca. Tese de mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1989.

GALICHET, George. Essai de grammaire psychologique du français moderne. 2ª ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1950.

GONZÁLEZ CALVO, José Manuel. Sobre la expresión de lo "superlativo" en español (II). Anuario de Estudios Filológicos, Cáceres, (8): 113-146, 1985.

_____. Sobre la expresión de lo "superlativo" en español (y V). Anuario de Estudios Filológicos, Cáceres, (11): 159-174, 1988.

HAUILA, Antonio. Alguns aspectos da expressividade sufixal em Vila dos Confins. Tese de mestrado. Niterói, UFFl, 1977.

JAKOBSON, Roman. Lingüística e comunicação. Trad. de Izidoro Blinkstein e José Pardo Paes. 5ª ed. São Paulo, Cultrix, 1971.

JOTA, Zélio dos Santos. Dicionário de lingüística. Rio de Janeiro, Presença, 1976.

KEHDI, Valter. "As conjugações vivas da língua portuguesa". São Paulo, USP, 1991. (Mimeo).

KURY, Adriano da Gama. Elaboração e editoração de trabalhos de nível universitário. 2ª ed. Rio de Janeiro, Fundação da Casa de Rui Barbosa, 1987.

LAPA, M. Rodrigues. Estilística da língua portuguesa. 4ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965.

LEITE, Sandra S. P. Gentil. Processos de itensificação em algumas peças de Martins Pena. Tese de mestrado. São Paulo, USP, 1980.

LEMLE, Miriam. Os quantificadores em português. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA, 2, São Paulo, 1969. Atas..., p. 93-99.

LOBATO, José Renato Monteiro. Fábulas. 41ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1990.

LOFFLER-LAURIAN, Anne-Marie. A ênfase na imprensa. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro et alii. Análises lingüísticas. Petrópolis, Vozes, 1975, p. 92-147.

LODOVICI, Flamínia Manzano Moreira. Tendências posicionais dos quantificadores em português. In: SEMINÁRIOS DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 13, Lins, 1986. Anais. Araraquara, UNESP, 1986, p. 237-248.

LOPES, Edward. Fundamentos da lingüística contemporânea. São Paulo, Cultrix, 1980.

LOPES, Oscar. Gramática simbólica do português. 2ª ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

LOUREIRO, Hilma Maria. Um estudo do morfema intensificador {-íssim-}. Tese de mestrado. João Pessoa, UFPb, 1979.

LUFT, Celso Pedro. Dicionário gramatical da língua portuguesa. Porto Alegre, Globo, 1972.

MALHEIROS-POULET, Maria Eugênia. Les expressions d'intensité en portugais du Brésil: étude sémantico-syntaxique. These de doctorat. Paris, EHESS, 1983.

_____. Les expressions d'intensité en portugais du Bré-

1984.

_____. A vitalidade dos sufixos comparativos -ÃO e -INHO. Palavras, Lisboa, (9): 1-28, 1986.

_____. Le suffixe -INHO et la notion d'aspect en portugais. Les Langues Modernes, Paris, ( ): 124-134, 1989a.

_____. La relativité de la valeur sémantique des expressions d'intensité. Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale, Paris, 7 (2): 527-537, 1989b.

_____. O carácter argumentativo das expressões de intensidade posto em evidência pelos morfemas de reforço. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSISTAS, 3, Coimbra, 1990. Actas. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1991, p. 497-511.

MARTINEZ AMADOR, Emilio M. Diccionario gramatical y de dudas del idioma. Barcelona, Editorial Ramón Sopena, 1973.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. Meios de exprimir a comparação no português atual do Brasil. Alfa, Marília, (12): 179-224, 1967.

_____. A língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato. Tese de doutorado. São Paulo, USP, 1972.

_____. Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa. São Paulo, T. A. Queiroz/EDUSP, 1989.

MATEUS, Maria Helena Mira et alii. Gramática da língua portuguesa. Coimbra, Almedina, 1983.

MARI, Hugo. A noção de quantidade na língua portuguesa: estudo das possibilidades de representação formal de alguns de seus aspectos. Tese de mestrado. Belo Horizonte, UFMG, 1979.

MAURER Jr., Th. Henrique. Um sufixo de comportamento origi-

mundo (org.). Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho). Rio de Janeiro, Simões, [s.d.], p. 235-246.

MELO, Gladstone Chaves de. Gramática fundamental da língua portuguesa. 3ª ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1978.

MEYER-HERMANN, Reinhard. Atenuación e intensificación (análisis pragmático de sus formas y funciones en español hablado). Anuario de Estudios Filológicos. Cáceres, (11): 275-290, 1988.

MORAIS, Clóvis Barleta de. O comparativo e o superlativo em português. Alfa, Marília, (7/8): 89-120, 1965.

MOTA, Lourenço Dantas. O país do mais ou menos. Jornal da Tarde. São Paulo, 13 nov. 1991, p. 4.

MOTTA, Othoniel. O meu idioma. 4ª ed. São Paulo, Ferraz, 1927.

NÁÑEZ FERNÁNDEZ, Emilio. El diminutivo: historia y funciones en el español clásico y moderno. Madrid, Gredos, 1973.

OLIVEIRA, Maria Manuela Moreno de. Processos de intensificação no portugués contemporâneo. Lisboa. Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1962.

OLIVEIRA, Mariângela Rio de. Os processos frásicos de intensificação em Macunaíma: reiteração e gerúndio. Tese de mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1988.

PEREIRA, Eduardo Carlos. Gramática expositiva. 46ª ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1926.

PINILLA, Maria da Aparecida Meireles de. A intensificação como recurso lingüístico da ficção infantil de Luís Jardim. Tese de mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1979.

POTTIER, Bernard. Lingüística moderna y filología hispánica. Trad. de Martin Blanco Álvarez. Madri, Gredos, 1970.

_____. Gramática del español. Trad. de Antonio Quilis. Madrid, Alcalá, 1975.

_____. Lingüística geral: teoria e descrição. Trad. de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro, Presença, 1978.

POTTIER, Bernard et alii. Estruturas lingüísticas do português. 2ª ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.

POZENATO, José Clemente. Alguns problemas do ensino da Estilística. Letras & Comunicação. Caxias do Sul, 2 (4): 9-11, 1º sem. 1984.

QUIRK, Roudolph et alii. A compreensive grammar of the english language. London, Longman, 1985.

RAMOS, Eládio dos Santos. Grau dos adjetivos. Revista de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 12 (4): 33-40, mar. 1932.

REHFELDT, Gládis Knak. Monografia e tese: guia prático. Porto Alegre, Sulina, 1980.

RESENDE, Otto Lara. Problemão sem solução. Folha de São Paulo, São Paulo, 30 ago. 1991, p. 2.

RIO-TORTO, Graça Maria O. S. Operações derivacionais que envolvem os sufixos -ÃO em português. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 2, Lisboa, 1986. Actas..., p. 105-145.

_____. Estruturas léxicas de intensificação no português contemporâneo. In: CONGRESSO SOBRE A SITUAÇÃO ACTUAL DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO, 1, Lisboa, 1983. Actas. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, p. 87-113, vol. II.

RISSI, Lurdes Theresinha & FONSECA, Mª Marília Alves da. Estudo sincrônico da prefixação em língua portuguesa. Legenda, Rio de Janeiro, 5 (10): 5-13, jan./jul. 1985.

tions de Minuit, 1990.

ROCA-PONS, J. Introducción a la gramática. 4ª ed. Barcelona, Teide, 1976.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática normativa da língua portuguesa. 22ª ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972.

ROSA, João Guimarães. "Campo Geral". In: _____. Manuelzão e Miguilim (Corpo de Baile). 7ª ed. Rio de Janeiro, 1977.

ROSA, Margaret de Miranda. Marcadores de atenuação na linguagem falada culta da cidade de São Paulo (NURC-SP). Tese de mestrado. São Paulo, USP, 1990.

ROSA, Maria Carlota Amaral Paixão. Formação de nomes aumentativos: estudo da produtividade de alguns sufixos portugueses. Tese de mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1982.

_____. Os processos flexional e derivacional. Legenda. Rio de Janeiro, 5 (10): 15-18, jan./jul. 1985.

SANDMANN, Antônio José. O morfema de grau. Sufixo flexional ou derivacional? Revista Letras, Curitiba, (20): 134-146, 1972.

_____. Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo. Curitiba, Scientia et Labor/Ícone, 1988.

_____. A expressão da pejoratividade. Revista Letras, Curitiba, (38): 67-82, 1989a.

_____. Gradação. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 18, São Paulo, 1989. Anais. Lorena, FATEA, 1989b, p. 565-575.

_____. Morfologia geral. São Paulo, Contexto, 1991.

SANTANA Neto, João Antônio de. "O emprego do adjetivo: uma questão sintático-estilística". São Paulo, USP, 1987.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Alguns aspectos da estruturação sintático-semântica da quantificação na linguagem literária em português. Tese de mestrado. São Paulo, USP, 1975.

_____. Para uma análise matemática da estruturação morfo-sintático-semântica da quantificação na crônica brasileira contemporânea. Tese de doutorado. São Paulo, USP, 1980.

_____. Para o estudo do quantificador em português. Leopoldianun, Santos, 12 (35): 121-126, dez. 1985.

SAPIR, Edward. "O grau: estudo de semântica". In: Lingüística como ciência: ensaios. Trad. de J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livr. Acadêmica, 1961, p. 161-203.

SAYEG, Vilma. O interrelacionamento semântico-gramatical na quantificação lingüística. Tese de mestrado. São Paulo, USP, 1978.

SENNA, José Antônio. Eça de Queirós e a estilística do adjetivo. Tese de mestrado. Niterói, UFFl, 1980.

SEPHIHA, H. Vidal. Introduction à l'étude de l'intensif. Langages, Paris, (18): 104-120, jun. 1970.

SIEBERT, Christa Karin. Contribuição para o estudo dos processos de intensificação da língua portuguesa no Brasil: uma aplicação em "Quincas Borba" de Joaquim Maria Machado de Assis. Tese de mestrado. Niterói, UFFl, 1978.

SILVA, Mônica Rector Toledo. Para uma sistematização do adjetivo. Littera, Rio de Janeiro, 3 (7): 60-63, 1973.

SILVEIRA, Álvaro Ferdinando de Souza da. Lições de português. 3ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937.

SKORGE, Silvia. Os sufixos diminutivos em português. Boletim de Filologia, Lisboa, 16 (1/2): 50-90, 1956.

Filologia, Lisboa, 16 (3/4): 222-305, 1957

_____. Os sufixos diminutivos em português. Boletim de Filologia, Lisboa, 17 (1/2): 20-53, 1958.

SOBEJANO, Gonzalo. El epíteto en la lírica española. 2ª ed. Madrid, Gredos, 1970.

SPINA, Segismundo. Normas gerais para os trabalhos de grau. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1984.

STAUB, Augostinus & REGUEIRA, Pedro Bonilha. A estrutura do superlativo absoluto sintético português. Letras de Hoje, Porto Alegre, (13/14): 70-75, dez. 1973.

TELES, Gilberto Mendonça. Drummond: a estilística da repetição. 2ª ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1976.

VANNUCCHI, José Duarte. Gradação do adjetivo. Tese de mestrado. Campinas, PUC, 1976.

VIEIRA, Hilda Gomes. Um estudo fonológico gerativo dos diminutivos em português. Tese de mestrado. Florianópolis, UFSC, 1978.

VIEIRA, Leopoldina. Processos de intensificação nos sermões do Pe. Antônio Vieira: gramática e léxico. Tese de mestrado. Niterói, UFFl, 1977.

VOGT, Carlos. O intervalo semântico: contribuição para uma teoria semântica argumentativa. São Paulo, Ática, 1977.

WILMET, Marc. La détermination nominale: quantification et caractérisation. Paris, Presses Universitaires de France, 1986.

ZAGURY, Eliane. A palavra e os ecos. Petrópolis, Vozes, 1971.

ZANOTTO, Normélio. Estrutura mórfica da língua portuguesa. Caxias do Sul, EDUCS, 1986.